

BIZANCIO

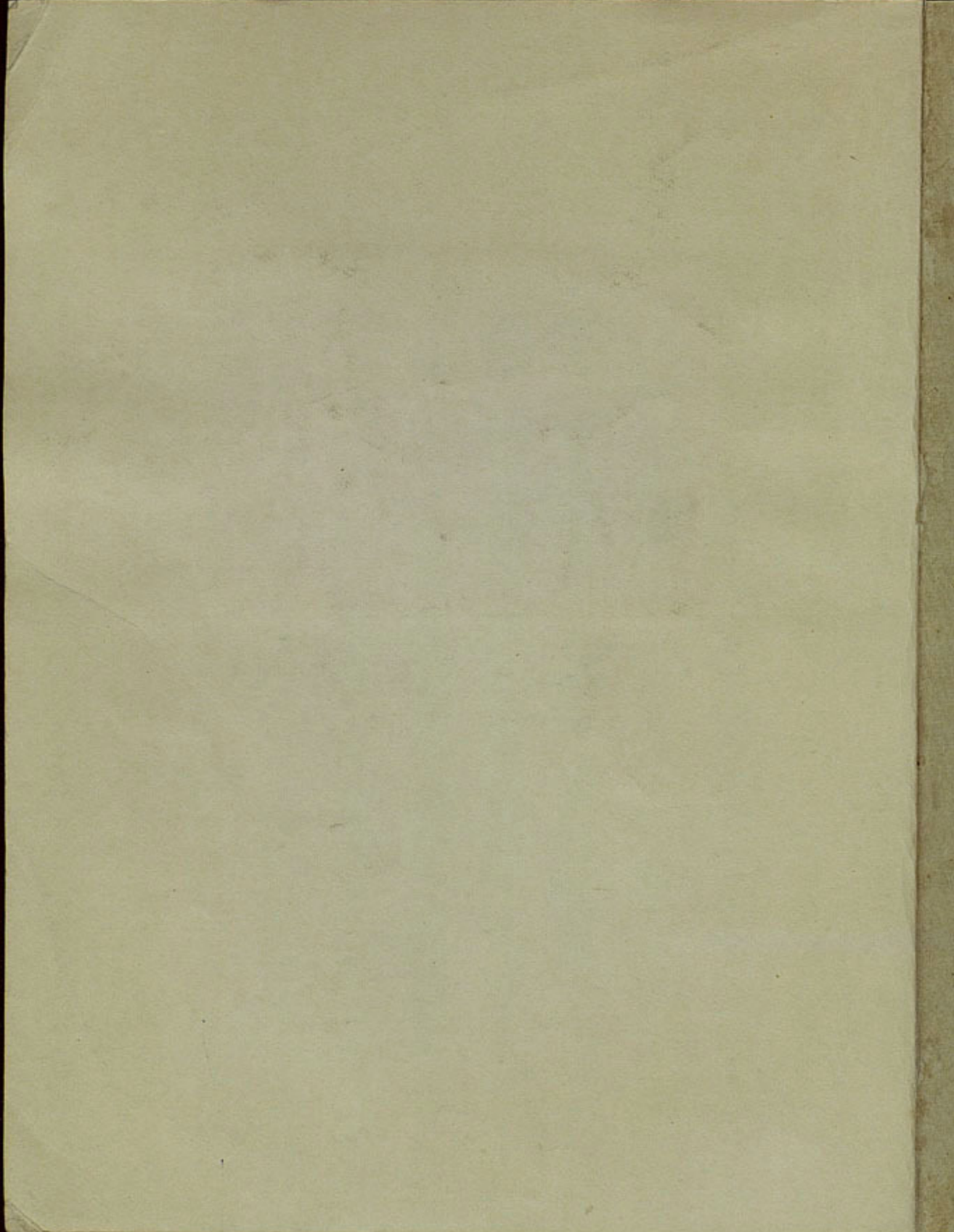
N^{os} 1 A 6

1923-1924

RP

8

17



RP
8
17



BYZANCIO



REVISTA COIMBRÁ
Preparada

ARTE
E
LETRAS

“Bysancio,”

MENSÁRIO

Propriedade do 3.º ano jurídico

GRUPO DIRECTIVO :

ALBERTO MARTINS DE CARVALHO
ALBERTO SIMÕES PEREIRA
ALEXANDRE D'ARAGÃO
FAUSTO DOS SANTOS
JOÃO DE ALMEIDA
JOÃO LUMBRALES
LUÍS VEIGA.

Redacção e Administração
ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA — COIMBRA.

Editor e administrador
— JOSÉ VEIGA.

ASSINATURA

Uma série de seis números — 6\$00.
Pagamento adiantado.

Colaboração solicitada.
Só se publicam originaes.

SUMÁRIO

Alexandre de Aragão — *Do sentido de «Bysancio».*

João de Almeida — *Messe.*

Luís Veiga — *Themis, flôr branca de alabastro.*

Fausto dos Santos — *Virgem morta.*

C. — *O homem que sonhou.*

Alexandre de Aragão — *A Hetaira.*

Vasco Santa Rita — *A Ilusão.*

Afonso Pinto — *As Janciras.*

José Tavares — *Escultural.*

Fernão da Beira — *Flores do Campo.*

José Régio — *Soneto dos Vencidos.*

Vitorino Nemésio — *Colóquios.*

Armando Simões Pereira — *Ironias.*

José Régio — *«Jardim de Ilusões», de Vasco Santa Rita.*

COIMBRA EDITORA, L.^{DA}

ANTIGA LIVRARIA
FRANÇA & ARMENIO

2, Arco de Almedina, 3
Rua Ferreira Borges, 77

Livraria : Papelaria
: Tipografia :
Encadernação

Especialidade em livreria jurídica

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

António Gomes Cardoso & C.^a

(Antiga casa Viuva Carneiro & F.^{os})

FUNDADA EM 1873

37 — PRAÇA DO COMÉRCIO — 38



Variado sortido em
artigos de mercearia

Especialidade em
: CHÁ e CAFÉ :

Bysancio

DO SENTIDO DE "BYSANCIO"

NESTA longínqua fimbria ocidental chega-nos já desvanecida em ténue mancha lilaz a tinta viva alvorescente que recorta no ceu as suas linhas de mistério... Algumas das florações que hoje compoem a sua estranha architectura, também, quando do espraiar duma onda inovadora, fertilizante de beleza eterna e maravilhosa, na sua lenta retirada, ficaram depositadas nesta Hespéria risonha e saudosa...

Em *Bysancio* teve o berço e floriu uma das fases mais perfeitas da Arte, e a arte bisantina — que não era uma sobrevivência híbrida da sua componência greco-romana e

oriental, mas a sua síntese harmonicamente integrada — na sua complexidade e requinte, aprofundando o mínimo detalhe, descendo ao mínimo recorte e colorido, é talvez, na sua repercussão mais geral, a fórmula mais perfeita do estado de maturidade da arte coeva, seu ponto correlativo na espiral da evolução.

Ela substituiu as uniformes folhas de acanto romanas pelos entrelaçados mais graciosos e filigranas mais rendilhadas dos capiteis, e antepoz às teias hirtas dos labirintos, nos mosaicos, os cortejos de figuras, espiritualmente tonalizadas, cingindo halos hieráticos. Ela

DO SENTIDO DE "BYSANCIO"

congregou definitivamente as decorações dispersas em harmonias unitárias.

Floresce sempre concretizada em ritual litúrgico, em dúlica solenidade, e como um impolúvel sacerdote, com uma obstinação de predestinados, nós devemos hoje acolher a Arte, cada vez apanágio de menos escolhidos, nivelando a Vida por ela mesma.

Transição dum mundo para outro mundo no lugar e no tempo, possuindo na sua estrutura a agregação movediça da própria evolução, mais do que as formas simples e claras da arte grega, ela tem na sua plenitude o brilho duma negra coruscância, uma ressonância misteriosa...

E' que em todo seu sazonalmente se há ímpetos de novos credos cristãos, existem também estertores e delíquios, florações que ao morrerem emitiam o último e supremo reverbero, a floravam o acorde mais recôndito.

Na sua época há o derruir dos primeiros templos, e com êle as primeiras saudades e oblvios...

Bysancio não significa de

nenhum modo a sistemática exclusão da paisagem natural e formas nacionais pelo mármore dos scenários recompostos e nostalgias de poentes demorados e doentios. E' mais um símbolo estético de união do que é uma resultante comum. Mais um emblema, espécie de divisa heráldica, que nos abstem da poluição mas não restringe.

Ao memorarmos *Bysancio* não esquecemos ainda que *Bysancio* — umas vezes intacto vitral, que, se de longe brilha polícromo, a côr lhe ofusca a transparência, impedindo-nos de vêr para além... — é também o vivo umbral que emoldura o Oriente, êsse Oriente donde os soes surgem neste hêspero recanto, depois de terem nimbado os seus mares, arabescado o solo das suas ruínas, roçagado o seu mistério; névoa dourada de evocações e de encoberto, que nós todos sentimos prometida e ausente, não como fantasma que ressurgue, mas como uma Chanaan que nos espera, para lá exumar uma saudade...

ALEXANDRE D'ARAGÃO.

MESSE

Já minha bôca é uma romã madura,
num jeito de se dar, toda a sorrir...

Já, esbeltos festões loiros de ventura,
meus braços se desmaiam por cingir.

Já numa ofrenda erguidos, casta e pura,
meus seios são dois cachos por abrir,
e os meus quadris são, pelo ideal candura,
mãos sôbre o anho tímido a dormir.

Já de papoilas veste a minha face;
já na minh'alma há luz de um sol que nasce
e há sol-poente em meu olhar de Eleita!

Solto o cabelo, flava e rósea messe,
já minha carne aneia e estremece
pela canção dos beijos, na colheita.

(Do livro no prelo «NOVILÚNIO»).

JOÃO D'ALMEIDA.



THEMÍS, flôr branca de alabastro

NAQUELA manhã inebriante em que o sol surgia ao longe envolto num manto de púrpura roçagante, com os olhos ainda amortecidos da de-longada viagem, Themís, a princesa da Graça e da Beleza naquelas paragens asiáticas, descia enlanguescida a escadaria de mármore do seu palácio, tão branco que parecia levantado com a espuma franjada das vagas.

Themís pisava de leve os relvedos alcatifados, e como sempre internava-se na floresta imensa, opulenta de tristeza e de sonho, aonde havia um lago mais anilado do que o céu, e tam lindo e tam remançoso que era no cristal das suas águas que Themís ia rever a sua formosura.

Themís era bela, daquela beleza divina que escravisa e incendeia paixões. Era bem uma oriental, rainha de harens e de pérolas. Favorita do onipotente Mena, sultão de Thys, que os seus encantos prenderam, havia sido comprada a pêso de ouro a certo mercador de Thyro e viera deliciosamente ingénua sacrificar a flor preciosa do seu pudor ao sultão poderoso, que a sua graça enfeitiçara.

E o sultão aspirou tam intensamente o perfume absorbente dos filtros daquele Amor, que adoeceu de Amor. A sua vida de banquetes, mais des-

vairados e luxuriosos de que os festins de Lucullo, abandonou-a. Aborreceu o serralho, E a sua alma ofereceu-a a Themís certo escurecer em que lhe tapetou o palácio de riquezas e de flores.

Deu-lhe tesouros de Amor e de maravilhas, vestidos de beijos e o palácio de sonho para onde levou a sua grande Quimera.

Mas Themís aborrecia-se dolorosamente e a paixão que junto a ela ardia não a perturbava.

Amedrontava-a. A sua fantasia alada como os passarinhos aprazia-se em percorrer longínquas paisagens, brumáticas e misteriosas, mas tam longe deste mundo que por fim Themís desdenhava de si. Para que possuía ela o dom desejado da beleza de Cypris, se era escrava — mortificante pesadelo — dum homem que detestava!

E nos seus devaneios, doces e amargos a um tempo, apparecia sempre um mancebo soberanamente belo, que lhe sorria melancolicamente. Um dia chegou a afagar com seus dedos de luar os cabelos negros de Themís.

Inolvidável prazer! Mas de que valera, se o seu tédio sem fim continuava a encher de tristeza o palácio que se chamava da Ventura.

E depois êle não voltara! Pobre princesa sem alegria!

THEMIS, flôr branca de alabastro

Por aquelas tardes que morriam decadentemente em clareões dum rubi anémico, ela passeava a sua dor pelos grandes jardins viçosos que embalsamavam aqueles crepúsculos de agonia.

Deambulando, seus passos dirigiam-se para a floresta imensa, opulenta de tristeza e de sonho. Lá estava além o lago azul, mais negro talvez porque lhe pesavam as penas do crepúsculo. E Themís sentou-se junto das suas margens e afagou as suas águas. Olhou o lago sereno, nostálgico àquela hora — hora de saudades e de hossanas — e adormeceu profundamente. A sua imaginação lá foi vagueando por essas regiões que ela conhecia tam bem e que tam eloquentemente amava. Era o país lilás cujo encanto surpreendente tanto a seduzia e que tanto cromatisava a sua tristeza; era a cidade do fausto e do prazer que a entontecia venenosamente; depois, eram interminas regiões cheias de neve, e em que apenas se distinguia uma torre ebúrnea onde Themís guardava as suas ilusões. E depois que via Themís... depois... revia o seu lago cuja frescura tanto procurava, e de que emergia fantasmagòricamente uma nuvem rajada de sangue e oiro, e no centro, belo como um vencedor antigo, o adolescente apolíneo que se aproximava mansamente

sorrindo aquele sorriso que era a sua paixão. Os seus olhos verdes e esperançosos esplendem luz, as suas mãos estendidas suplicam. De joelhos em terra, junto de Themís, os seus lábios que desprendem desejos, procuram de manso os lábios setinosos de Themís e bebem-lhe toda a sua còr.

Themís estremece àquellè contacto ardente; os seus olhos arreçados descerram-se languidamente, mas — blasfémia suprema — quem a osculava era o seu abominável senhor que em êxtase a contemplava. Themís sentiu uma dor ingente, e as suas ilusões agora desfolhadas pelo destino pesaram-lhe como noites aziagas. Entam os seus olhos encheram-se de sombras e as suas mãos enregelaram, ao mesmo tempo que um véu de luto envolvia a sua alma — canteiro florido a que o inverno roubou a seiva. A noite foi descendo; a noite foi-se indo. E a luz dilucular começou a esfarrapar as névoas. Mas Themís no seu leito de oiro e marfim não olvidava seus penares, e os seus olhos escuros como cisternas reviam o adolescente formoso.

Tempo passou, e já ao longe dealbavam os montes quando Themís, quebrantada de fôrças, adormeceu com um sorriso triste a brincar nos seus lábios de sêda. Tinha tomado uma decisão porque, manhã adiante,

THEMIS, flôr branca de alabastro

quando saltou da piscina de mármore cheia de perfumes subtis e ladeada de estátuas, seu rosto fresco aparentava despreocupação, mesmo um pouco de alegria. E foi assim que estendida num coxim de damasco, amparada a almadragues de alveci, ela seguiu com interêsse as coreias extranhas que Nitokris, a do corpo de serpente, ia executando sôbre o mosaico brunido.

Entretanto OSIRIS tendo culminado, ia caíndo além, no mar largo, e dos parques ermos subiam fragrâncias sensuais misturados com gritos de pavões.

Themís entam com suas aias, trazidas de longes terras, foi procurar a sombra doce e as carícias tépidas do lago azul. E enquanto a côrte fugia do calor, sua mão procurou o firmal que prendia a túnica lentejou-lada e arrancou-o. Seu corpo desnudado perturbou a quietação das águas, a transparência da luz e um sôpro de voluptuosidade aqueceu mais as coisas. Desejosas as árvores inclinaram-se a examinarem, e até pombas meigas começaram de saltitar, e vieram debicar nos pomos de neve de Themís.

Na floresta ouvem-se agora as harpas de ouro dedilhadas por mãos de fada, acompanhadas da voz de Themís que começou entoandó um cântico, louvando o amor. Frouxos de lassidão, seus braços cortaram

suavemente as águas, que segredando amorosas escondem Themís em seus abraços liquescentes. Entam a alma de Themís soluça indefinidamente, dulcificando sua voz que sobe cheia de melancolia para as imensidades sem mancha. E' um encantamento!

Themís, porém, parece ouvir o som conhecido duma voz cariciosa, e sem parecer hesitar, começa descendo, descendo, e vai à procura do mancebo loiro.

Um grande mêdo afugenta as aias transidas, assustadas, enquanto na floresta, em volta das árvores colossais, as driades bailam com suas vestes de gaze a esvoaçarem em vôos misteriosos e as oreades descem os montes, perseguidas pelos sátiros cabeludos, a tangerem em suas flautas rústicas histórias brejeiras de amores.

.....
Themís morreu; não decerto como Petróneo, docemente, requintadamente. Não teve pétalas finas e guirlandas formosas a incensar-lhe a partida, nem sinfonias oceânicas a embalar-lhe a alma. Não teve ainda como Petróneo o amor a morrer com ela. Mas o cenário se não era de magnificência e duma arte suprema era de mágica. E Themís fez bem em acudir ao apêlo do mancebo do lago.

Luís VEIGA.

VIRGEM MORTA

EM breve vais descer à sepultura
Entre orações e ais, tristes de pranto,
E no teu rosto ainda há o vago encanto
Dum pálido sorriso, virgem pura!

Sorriso iluminado de ternura,
E de doce perdão, como o dum santo,
Filho do teu amor, mortal quebranto,
Que te levou por fim à campa escura.

Amaste, bem o sei, não foste amada,
E assim viveste triste, resignada;
Tinha de ser a dura lei da Sorte...

E ao ver-te assim, a rir, fico indeciso:
Não sei se prantear o teu sorriso
Ou se louvar a Deus a tua morte...

Outubro de 1921.

FAUSTO DOS SANTOS JÚNIOR.



A O homem que sonhou

.....
— «**M**uito agradecido». Soprou o fumo com prazer e contou:

— «Davam Trindades, vinha p'ra casa. Engulido o biscato incomendava-me a santas e santos, nossos procuradores na côrte do ceu. E agora verão os amigos que quando entrava a malucar já não era sem um pesadelo, como os dias dantes, em que só me vinham á magicação a lida, as desavenças, os perdizios, e tal sim senhor, muito bem...»

Desde a noite em que sonhei parece que me entrou o Inimigo no corpo; não me alembro se lhes contei como se deu o caso, mas saberão que duma vez caí numa soneira como a da morte, aqui mesmo ao lume, neste sítio que agora piso. Parecia bruxedo e fôsse em outro lugar, ou tivesse comido ou bebido droga por mãos de fêmea, eu diria que me tinham dado bagata, ou o caldinho da meia-noite, tão perto do trespasso me sentia!... Vai daí, estava nesta madorra, oiço uma voz, que me parecia berrar dentro do coração:

— ¡Vai à ponte de Santarêm, que lá está todo o teu bem!...

Senhora das Candeias! que tentação do diabo! Acordei estremunhado e parecia que via bailar tudo à roda. O gato veio-se-me enroscar entre pés e eu dei-lhe co'as tenazes, que

o maldjto era mesmo o disfarce do outro cabrão! Fazem lá idéia como eu fiquei! Não se me tirava êste passo do sentido, e ainda hoje digo que coisa boa não podia ser. Nesta adáfema do campo esquecem-se os cuidados e até as questões, e só réz da noitinha me alembrou com fôrça o que assucedera a passada. E tive medo, posso dizê-lo aos presentes, que todos sabem que nunca houve homem que me calcasse a sombra ou entrasse a roda.

¡Se me aparecia a tal voz!...

Nem me quero figurar o que pensei! De afogadilho, nem o caldo me soube e fui-me para entre mantas como quem vai fazer sentinela a um cemitério. Joelhos à boca, a tremer maleitadas, dava dinheiro para ter ali alguêm. E resei, resei quanto sabia, até oraçõesinhas que ouvira às velhas do meu tempo de rapaz; nunca em toda a vida — e olhem que já tenho uma boa conta de janeiros — resei tanto. Lá assoceguei e estava quási a pegar no sono, a voz que grita dentro de mim como se fôsse o chocalhar do sino grande da torre:

— ¡Vai à ponte de Santarêm!...

Fiquei varado, tão sem fôlego como se me tivessem dado um tiro! O quer que era calou-se e eu gastei o resto das horas que faltava dobar até luzir o buraco, a magicar no que po-

O homem que sonhou

deria ser aquilo. De scismático, em todo o santo dia não me escorregou bocado pelos gorgomilos: estava farto, parecia que tinha coisa má dentro do buxo. E de tanto pensar, de tanto medo ter, deixei de me lembrar de tal andança e sentia ganas de desancar o que fôsse me viesse ganir cantochão e ladaínia.

Os amigos devem de saber que eu nessa altura estava atolado de dívidas, morrera-me a companheira meses raros havia ainda, e em finalmente, esta coisa do arranjo da vida ia de mal a peor. Pensara até em abalar p'ró Brasil, à descoberta de sorte mais fagueira. Nessa noite, feito o gaspácho, até desejei que me aparecesse ali alguêm, fôsse dêste mundo ou do outro, para lhe pedir um conselho sôbre a desgraça dum homem, já que os pintassilgos dos letrados só sabem mas é esfolar uma pessoa. Enfie-me nos trapos e adormeci, mais socegado que pedra no fundo dum pôço; podia arder o cardanho que eu só acordava à porta do Paraíso. Era a noite já de idade, oiço umas pancadas no portal e salto da cama a tremer a bandarrinha, de frio e medo, está-se a vêr. Atarantado, deitei mão dum varjoeiro que sempre tenho atrás da porta e gritei a fazer dê forte:

—j Se é alma viva diga o que quer! Se é coisa penada, súde-

-te, p'rás Pedras Negras! Abrenúncio!...

Do outro lado — era da casa do Escamudo que era rico como cevado e ruim como as cobras más — ouvi gemidos e a mesma voz, parece que com as guelas atadas:

—j... que lá está todo o teu bem!...

Arripiei-me todo, como quando os lobos andam perto e já não pude voltar para a cama. Vesti-me e saí. Era al-pardo e no nevoaceiro que vestia os campos cantavam piscos. Fez-me bem aquela fresquidão e foi como quem me tirou um pêso de cima do peito. Reconcordei no que passara e disse comigo, que alma que vai não volta. Mas o que seria?... Sempre há coisas na vida. .

Emfim, quem se não arriscou não perdeu nem ganhou; se havia de ir daí a oito dias para Lisboa iria amanhã, o serviço estava feito e brevemente se punha a vida em ordem. Santarêm ficava na derrota, lá havia de passar e o que fôsse soaria... Era Janeiro, dia três, que é um dia em que arremeda Março; mas nesse dia nevou e tive mais pena na abalada porque a terra estava triste, tão triste como eu, que sentia cá dentro uma mão de ferro a apertar... apertar, espremendo

O homem que sonhou

lágrimas, tantas, tantas que me chegaram aos olhos. Foi daí que corri mundo, e não pude mais esquecer-me dêsse dia.

Andei, andei e nunca as pernas se negaram. De poiso em poiso, aqui passo um dia, acolá uma noite, dei comigo p'rás bandas de Tomar, e mais para baixo, terras de gente endiabrada para a pouca vergonha. Uma manhãzinha levantára-me cedo e ia de meu vagar, quando dou de caras com um rio a rebentar de cheio, muito manso, andando por ali abaixo como quem não leva pressa de chegar. Havia uma ponte, mas eu não sabia onde estava. Para lá meti e a meio topei um homem; em baixo o rio gemia com uma voz roufenha, destas vozes destemperadas pela água. Perguntei ao figuro:

— ¿ Fará o favor de me dizer que ponte vem a ser esta?

— E' a ponte de Santarêm.

De Santarêm... e parecia-me que ouvia de novo a voz que lá na terra me aparecera. A perguntar-lhe onde ia dar aquele caminho e coisa e tal, entrei de paleio com o creaturo até que êle me disse o por que estava ali. Disse que há três noites lhe aparecera em sonhos um homem ruço, olhos de gato, vestido à nossa moda e lhe dissera que fôsse a um curral que está virado à Serra da Estrêla, com três ferraduras na porta e dois chavelhos de

cada lado, que lá estava enterado um saco de dinheiro. Rimo-nos do caso e nem êle sabia onde era tal sítio; lembrei-me que fôra bem tolo em ligar importância a coisas sonhadas. Ali estava aquele que também ouvira vozes, fôssem lá advinhar ..

Ao cá daí entrei a pensar: o homem que êle dissera tinhá ares do Escamudo e o curral virado à Serra... três ferraduras... os chavelhos... quem vêr que era o curral dos bois! Scisma foi esta que me fez virar de costas à viagem e tornar a casa. Uma noite, esgadanhei, esgadanhei e quando o galo cantou num poleiro de frente, desenterro uma sacola de trapo saragôça atulhada de peças, libras e aneis!... Devem lembrar-se que os filhos do Escamudo juraram sete vezes, a quem os quiz ouvir, que não tinham topado em casa do pai com que mandar cantar um cego.

... Apagou-se-me o cigarro ...

¿ O amigo faz-me o favor do seu lume?

... Muito agradecido.

.....

— ¿ E então o dinheiro?

— ¿ O dinheiro? Ah, sim...

É que eu esquecia-me de dizer-lhes que isto era um conto que as velhas contavam no meu tempo de rapaz...—».

Coimbra — 1923.

G.

A HETAIRA

DA graça olímpica e esplendor que sinto
Resumbrar-me a beleza, aureolada,
Na Grécia, entre as cidades, luz Corinto.

A alma clara e louçã da madrugada
Tem em meu corpo o espelho mais dilecto,
Como se nele fôsse deslumbrada...

Ao meu jardim vedando o olho indiscreto,
Há grutas semeadas d'ametistas,
Que outro não há mais belo e mais secreto.

Só pombas o transpõem, imprevistas,
Indo, no alto, em vôo vigilante,
Dos finos corucheus buscando as cristas...

Dos repuxos o éco murmurante,
De invisíveis essências o fluir,
O fazem bem remoto, bem distante,

Deixando a vida em extase fugir,
Que procurar-me nele compreende
O mistério inefável de partir...

Mal que d'aurora o rosicler se acende,
Grinaldas de glicínias e jasmíns,
Mão ignorada em meus umbrais suspende.

A palmilhar a rua entre os motins
Das gentes, eu prefiro a languidez
Tirânica e suave dos coxins.

A HETAIRA

Maga... bebem nos olhos, a meus pés,
Fluidos das minhas mãos de pitonisa...
No limiar dos templos, a nudez

Do corpo meu, eterna, cristalisa.
Se mais do que um, na flôr dos sonhos vagos,
Visão, distante e ideal, em mim divisa,

Branca e glacial, como o cristal dos lagos,
A treva, que em seu âmago é contida,
Os fecha na volupia dos afagos...

Fruto d'ouro em Idália florida,
Custa a delícia lenta de morder-me
Ter os lábios amargos toda a vida ...

Quem saboreia a glória de vencer-me,
Se um fátuo assomo a face lhe macera,
É o mêdo presago de perder-me...

E quando passo cada um quizera
A alma estender no chão, por onde piso,
Como a amendoeira as flor's na primavera...

Ou então volve os olhos, indeciso,
Cortando, brusco, o rumo dos seus passos,
Orfeu que deixa atraz o Paraíso...

Aspira o môrno amplexo de meus braços,
Como o viandante estivo anela a fronde,
Quem os da própria esposa sente escassos.

A HETAIRA

Em mim o éfebo loiro o alívio esconde,
Buscando a imagem, a que não s'exime,
Daquela que aos seus votos não responde

O pecado de dar-me mão m'oprime,
Que outra ventura a vida me não trouxe...
Sou bela, e esta beleza me redime!

Dos dracmas não basta o tenir doce
Para tornar o meu amor propício,
Que para disputar a minha posse

Às vezes corre o sangue em sacrificio...
É só à galhardia que m'entrego,
Disputa-me a nobreza, não o vício.

Morte! meu sortilégio não é cego!
Eu não temo o teu sceptro d'impiedade:
Só a velhice lóbrega renego.

Que, antes de perder minha potestade,
Possa, eu mesmo, cerrar o meu olhar
Num sono astral da Eterna Mocidade ..

Quando eu morrer Corinto há-de chorar!

(Dum livro em conclusão).

ALEXANDRE D'ARAGÃO.

ILUSÃO

A minha alma, vagabundeia perdida pelos jardins abandonados do meu castelo de sonho. Pelas alamedas há estátuas de éfebos loiros que choram e de ninfas que pedem beijos. Brandamente a Ilusão que por ali passeia, oferecendo os seios em taça ao meu desejo, tocou com mãos de sêda a minha alma e disse assim:

A ILUSÃO

QUE buscas, alma sem norte?

A MINHA ALMA (*despertando da sua letargia*)

Quem és tu?... Os teus olhos teem o brilho de pedrarias finas, os teus lábios são rosas vermelhas que chamam os meus lábios, e os teus braços... ah, os teus braços, lembram cadeias onde me quizera prender para sempre... para sempre sem nunca mais poder fugir!

Mas quem és tu, dize, quem és tu?!

A ILUSÃO (Deixando cair o manto diáfano, — fumo branco que esvoaça em rodopio. Divinamente, como se fôsem talhadas numa estrêla, as curvas fugidias do seu corpo casam se ao loiro fulvo do cabelo, que lhe cai pelas costas).

Pois não vês, sou aquela que procuras!...

Ah... o teu coração esqueceu o ritmo das canções que em menino o adormeciam, e os teus olhos já não sabem conhecer a bôca que os embalou em beijos!

Como tu és ingrata!

A MINHA ALMA

Sim, és tu... é a ti que eu procurava. O meu coração desejava, mas não sabia o quê...

Cancei-me da vida e de longada, parti sem rumo, a êsmo como um peregrino, à procura dum corpo que fôsse lira, duns olhos que fôsem fogo...

Eu queria... Deus sabe o quê... eu queria matar a sêde imensa do meu peito.

ILUSÃO

A ILUSÃO

Pois bem... tudo isso encontrarás.

Tenho palácios onde há joias e cristais que cegam, tenho jardins onde as flôres continuamente soltam hinos sublimes de amor.

E a minha bôca será uma fonte eterna, onde possas matar a sede que te escalda.

Vem... o meu corpo será pródigo de carícias e o selim da minha pele despertará em tí desejos sôbre desejos.

(Arrastada, como sonâmbula, a minha alma vai caminhando. Sôbre o poente, o sol é luz que queima e embriaga. No Além há palácios em chama, lançando ao ar scentêlhas d'oiro, que lembram a poalha das batalhas sem nome, onde cada espada é uma estrofe dessa imortal epopeia da vitória).

A MINHA ALMA (que vai caminhando sempre)

E é muito longe, tudo isso ?

Venho cançada, preciso dormir nos teus braços. Venho sequiosa, preciso embriagar-me na taça dos teus seios.

Ah! não posso mais, não tenho fôrças!...

(Cai desamparada. Pelos olhos passa uma névoa que os cerra e os não deixa vêr mais)

Ceguei! Não vejo nada!

Oh! Ilusão não me fujas. .

Sêde!... Sêde!... dá-me água por caridade.

(Deitada de bruços, procura na terra, com os lábios, onde matar a sede)

Eu morro! não posso mais...

A água que cai nos lagos compõe sinfonias nostálgicas.

E' a canção de Narciso que morreu a desejar-se.

A Ilusão em volta anda cerrando as pálpebras da minha alma. As suas mãos são lírios brancos, pombas brancas que andasse esvoaçando. Das árvores caem fôlhas amarelentas que pouco a pouco vão sepultando a minha alma já morta.

(Do JARDIM DAS ILUSÕES).

VASCO SANTA RITA.

AS JANEIRAS

.....
Já lá vem o Ano Novo.
Boas festas! Boas festas!

Ouvem-se ao longe
As cantadeiras.
São as janeiras.
Oh! janeireiras,
Cantai, cantai!
Os sinos choram,
Tocam às almas,
E pelas almas
Os sinos choram:
Resai, resai!

Anda lá fora o luar
A namorar.
Vestiu a aldeia de noiva,
Anda lá fóra o luar
A noivar.

Também nas lareiras
Cantam janeireiras
As janeiras.

Canta baixinho a fogueira,
A desfazer-se em calor,
Canta e ri — sorrisos d'oiro,
E eu cantei ao meu amor:

És laranjeira florida,
Meu amor!
Mas às outras laranjeiras
Cai a flor!
Tu andas sempre florida,
Meu amor!

Cantei. Ao canto do lume,
O meu amor a fiar
Dava beijinhos na estriga,
E a cada nova cantiga
Mais beijos tornava a dar.

— Os beijos que dás na estriga
São brancos como o luar,
D'encantar.
Era há pouco todo o linho
Trigueirinho,
E ficou como o luar,
D'encantar,
Dos beijos que dás na estriga.

E a triste disse a sorrir,
Baixinho, muito baixinho:
— Meu amor e minha vida,
Eu não dou beijos no linho...

Eu não dou beijos no linho...


E não me disse mais nada
A laranjeira florida,
Meu amor e minha vida.
E não me disse mais nada!

O seu olhar de veludo
Disse tudo, tudo, tudo...

AFONSO PINTO

ESCULTURAL

Ao amigo, ao condiscípulo e ao poeta Alexandre d'Aragão

URVAS de leite em peito alabastrino,
Via-Lactea do Ceu do meu desejo,
Deixa sentir a febre do meu beijo
Poisar no corpo teu diamantino!

Quero aspirar êsse prazer divino,
Já que em sonhos fantásticos te vejo,
Sentindo a Forma Ideal que tanto invejo
Acompanhar-me sempre em meu destino!

Mas aonde vais, que já te vejo a custo,
Luminosa visão da Fantasia,
Nas linhas impecáveis do teu busto?

Deixas assim (pobre de quem existe)
Voltar de novo à eterna M'lancolia,
Mentirosa visão, ilusão triste...

(Inédito).

JOSÉ DE MEDEIROS TAVARES.



FLORES DO CAMPO

DESPERTA o lirismo dos campos em florações de amor e «soidade» no canto dos passarinhos enamorados.

Apareceram as primeiras andorinhas cruzando o ceu em chilreios de alegria e anunciando o aparecimento da estação em que a natureza, num aticismo de linhas e de côres e numa rara policromia de tons alácres, estende o seu manto marchetado de flôres por sôbre a terra agradecida.

O ciciar meigo do Zéfiro espalha perfumes embriagantes pelo ar.

Miríades de flores recedentes embebedam-se de luz.

Côr e luz, na paz geórgica dos campos. E numa singela harmonia, a côr se une à luz.

Enamoram-se, beijam-se — e dão-nos o simbolo do «português amor» envolto em misticismo.

E nascem as flores dum beijo puro e casto, espiritualizado e meigo.

Umãs são da côr do mármore, níveas, brancas; roxas outras, amarelas, azues... E todas têm um vivo simbolismo.

Das brancas far-se-hão as grinaldas dos noivados; das róseas, as corôas dos mártires; das amarelas, os ramilhetes... dos sepulcros, e das azues... a flôr azul do linho, depois de murchar, há-de re florir ainda...

Flôres dos campos, simples e castas! Quem vos tem amor?

A luz.

Ela vos deu a côr num beijo puro de inocência.

Ninguém como a luz vos sabe amar.

E vêde que amor tão grande! Quando, cansada dos afagos maternais com que acaricia a terra agradecida, a fadiga lhe pede o repouso, saudosa e triste, pede à lua nas lágrimas do poente um carinhoso e pálido reflexo para vós.

E a lua atende as lágrimas da luz.

Flores dos campos, simples e castas! Quem vos têm amor?

As crianças. Sois inocentes, meigas como elas: — por isso vos entendem.

Enquanto o mundo hipócrita e perverso se incendeia em paixões ruins, aproximam-se de vós, e beijam-vos, e colhem-vos, e fazem ramilhetes para ofertar a suas mães, depondo-lhas, rociadas, no regaço.

E as mães beijam os pequeninos, beijando-vos também.

Flores do campo, simples e castas! Quem vos têm amor?

Os pobrezinhos. Só a vós, tristemente, contam as dores da sua alma. E vós, enternecidamente, na meiguice das vossas corolas perfumadas, lhes acariciais as chagas gangrenosas, pútridas, perfumando-as também.

Flores do campo, simples e castas! amou-vos o Rabi da Galileia com amor profundo e

FLORES DO CAMPO

belo. Quando Jesus quis censurar os demasiadamente preocupados com as coisas efêmeras do mundo, numa imagem singela e graciosa, falou de vós . na compostura grácil dos lírios roxos atentando :

« Considerai como crescem os lírios do campo ; não trabalham ; nem fiam ! Ora eu vos digo que nem Salomão, em todo o seu esplendor, se vestiu como um destes ».

Flôres do campo, simples e castas ! às vossas corolas ave-ludadas perguntam os namorados, de baixinho, trémulos, pelo amor de *alguém*. E vós, para suavizar a dor dos namorados, quantas vezes não mentis ! Quantas ! Mas mentis por bem e o engano é doce.

E são os *mal-me-queres* dos prados florindo que oferecem as suas pétalas ogivais, brancas de luar, perfumadas, belas — em holocausto de amor, para suavizar ou apagar a dôr de almas em ância, febrís. E os dedos, febrilmente, desfolham uma a uma as pétalas dos *mal-me-queres* dos prados florindo : « mal.,. bem... mal bem !... ».

E o nosso lirismo primitivo, em manifestações de amor e *soidade*, também vos perguntou :

« Ai flôres, ai flôres do verde pino,
Se sabedes novas do meu amigo !
Ai Deus, e u é ? »

Flores dos campos, simples e castas ! já as mãos góticas e lindas da Rainha Santa vos atagaram docemente — em milagre de caridade, quando o Rei Trovador a surpreendeu, em ar de censura, no bem fazer dos pobrezinhos :

« — O que levais, Senhora ?

« — São rosas, Senhor.

« — Rosas ?

« Então a Santa abre o regaço, e o rei admira as mais lindas rosas que os seus olhos jámais viram ».

Flores dos campos, simples e castas ! flori, flori sempre em amor e caridade !

FERNÃO DA BEIRA.



Soneto dos Vencidos

QUANDO eu subi à serra, alguns troçaram,

Emquanto a multidão, em volta, ria...

E troças e risadas arranharam

Tudo o que em mim sentia e se doía.

Todos os mais, depois, me detestaram,

Para eu não ser igual á maioria.

E, fortes contra um, cem abusaram,

Emquanto a multidão, em volta, ria...

Fartar, vilões! fartar, que estou cansado!

Eis-me — Ecce Homo! — nú, prostrado e atado...

Podeis lançar-me à cara os vossos lódos!

Mas eu, quanto mais soffro mais me préso:

Só o meu orgulho iguala o meu desprezo...

— E eu vingo-me em ter pena de vós todos.

José Régio.



COLÓQUIOS

CHOVE. Em cada gota caída haverá uma promessa de flor? E, como é noite, acordarão meus pés num canteiro todo branco?

Somos como as plantas de raízes mortas, isso somos. Tombamos, mas tombam conosco as sementes. E das sementes subirão outras plantas, cujas raízes morrerão também.

Tudo corre e se perde, tudo vem e vai; mas em mim fica a sombra do que eu amo para lembrar-me que amei. E' vaga e triste como o tremor de certa estrêla; desfaz-se e ennevoa-me. Mas bem depressa é uma linha que exactamente contorna e desenha o que perdi.

Buscai a linha que iguale as melhores estrêlas do céu, passando por Sirius e Vénus: ela percorrerá certo caminho brando; será curva, será esguia, será leve. Carregará tão pouco nas pautas douradas do Céu. E contudo será firme e profunda como a dedada dum dêdo, não tendo mais que a grossura dum cabelo. Contornará a azul florinha do muro, que é uma veia em pétalas. E' a linha que as rosas seguem quando abrem seus lábios à chuva — a mesma que traz o sol para ajudá-los a abrir. Traçam-na as pontas das àsas sôbre as serenas lagôas. Riscam nas as velas das barcas ao bel-prazer das mãos de onda.

E marcando as leviandades das cabeças que aspiram melhor os aromas, posturas de mimo a ocultas, fuge nas cordilheiras lá longe — a linha amiga das pedras! — e aí se doba nos novelos de mármore que as nuvens ajudam a fingir.

Fio de raízes, uma vez quebrado, eis que tombamos como as plantas sêcas sôbre as pedras rijas. Beleza fria onde caímos mortos sempre!

Se fomos nós que a fizemos...

Pudesse eu abstrair um certo olhar que me olhou e levar um ano a cantá-lo. Que me importam os olhos em si, se estou esgotado de formas? Só quero a luz num grande fio infinito que urda o meu sonho e o esclareça.

Estar diante da Imagem é como estar em frente de Ela: rosada de carne, mas pendente; cheia de vida, mas tão triste... Grande atitude é essa: olhos no chão que os deu de si para que o céu tivesse inveja.

Azul tão claro, oh côr dos olhos que irradiarás um dia por sôbre as aguadas distâncias, pelos miosótis frescos, pelas pedreiras de safira ocultas — até o matiz do manto de Maria!

Se os teus olhos vivessem um dia apartados; se a pétala branca do teu rosto um dia os vertesse como gôtas — orvalho derradeiro, lenta queda das duas

COLÓQUIOS

lágrimas últimas — alargariam como dois lagos de mistério sôbre a aridez dêste mundo. Nas manhãs de rócio brando, quando as estrêlas se apagam, romarias de aves teriam seu termo junto às orlas. Bicos de pérolas te iriam beber as iris. Rémiges finas tocavam-te as pálpebras de manso. E a luz do sol se guardaria nesses lagos como em duas urnas de vidro.

Bela entre as belas: acordas nas flores do bom tempo que ainda mal são promessas. Quando suas hastes se alegrem, serão como o teu corpo renascendo. Quando suas pétalas se abrirem, serão como tuas mãos acenando. E teus olhos estarão presos às flores no ponto mais húmido e fresco.

Purinha e doce, oh muito bem amada, que em silêncio me dás o que te dou: sejam tu sempre assim, sempre calada!

Já lá vem despontando a Primavera. Montes são formas

de que tu te esqueces. Águas são dobras que tu não dobraste. E no acordar do caminho, luz desatada em cada pedra escura, só nós dormimos, só nós sonhamos, só nós sofremos.

Agora é de noite e é claro. Há uma Lua redonda bem debruçada no Céu. Parece Ela. Assim de manhã nos quedámos, ela raiando e eu bebendo a luz que raiava de manso.

Oh minha imensa Lua dum frio aparente e cruel: Deus te salve! Te livre das nuvens negras que às vezes te querem vestir! Te guarde das fúrias de água que às vezes te encobrem e alagam. Nau do Céu, errante gêlo em busca, brasa que dormes num seio puro de neve— aqui estou. Eu te desperto e abro os braços. Vem!

VITORINO NEMÉSIO.



IRONIAS

— **A**NDAS mortinho por mim
Disseste, toda vaidosa;
E eu respondi-te que sim,
P'ra te não vêr desgostosa...

Endoideces quem te gosa,
Toda a gente o assegura,
Mas então é a loucura
Moléstia contagiosa?!

Se num beijo é que os segredos
Viessem à luz do dia,
Meu amor, os teus segredos
Quanta gente os saberia!

Nas tuas cartas envias
Optimos beijos, é certo,
Mas, ouve, não poderias
Fazer isso mais de perto?


O teu decote define-se
Desta maneira sucinta:
É uma mancha de leite
A escorrer-te até á cinta.

Da tua boca, morena,
Eu tenho gabado os beijos
Sem nunca, digo-o com pena,
Provar mais do que os desejos.

Diz o saber mais antigo,
Pecar é feio delito;
Pois olha, pecar contigo
Devia ser bem bonito.

Arrengo dos teus beijos
Quando me juras amor...
Foi com um beijo que Judas
Trafu a Nosso Senhor.

ARMANDO SIMÕES PEREIRA.

 JARDIM DAS ILUSÕES, de Vasco Santa Rita, é um volumezinho composto, na maioria, de trechos divididos em quadros, e escritos sob a forma de diálogos que o autor vai anotando de curtas evocações. É uma estreia que é mais do que uma promessa: É a anúncio dum prosador que alia ao fino gosto dum artista requintado a delicada fantasia dum poeta de imagens e de símbolos. Em sua essência, o livro celebra o Amor, a Graça, o Prazer, a Alegria, a Beleza e a Mocidade imperecível. Tem, pois, raízes bem humanas e bem mergulhadas num temperamento que se revela essencialmente voluptuoso. O seu autor, pondo à frente d'ele um período da *Thais*, não busca a verdade fora da « vida da terra e do amor dos seres ». No entanto, reconhece que o seu belo sonho grego é bem um sonho neste nosso século desvairado de incertezas e nevroses. Daí, talvez, o chamar ao seu livro *Jardim das Ilusões*. Daí, talvez, o dar aos seus diálogos cenários longínquos e personagens simbò-

licamente imprecisas. Daí, talvez, o deixar transparecer vagas melancolias de desalentado.

Quanto à arte com que tais assuntos são tratados, é da mais nobre e da mais pura. A prosa — uma prosa já feita e irreconciliável com a Banalidade — corre serena e límpida como água fresca. Vê-se que o autor ama as linhas harmoniosas e nítidas, sem que tal o impeça de dar aos seus trechos leveza e sonho. E só é pena que uma pontuação desleixada, ao menos aparentemente desleixada, altere o ritmo de alguns desses períodos embaladores como versos. Quanto à influência dos poetas mais amados, sempre difícil de apagar completamente num primeiro livro, ela existe, talvez, no *Jardim das Ilusões*. Mas como isso resulta de íntimas afinidades, não de propósitos de imitação, o livro fica sendo o que é: original e superior como revelação dum novo que há de ser Alguém.

José Régio.

Sarmiento, Lemos & Tinoco, L.^{da}

IMPORTADORES

Rua Ferroira Borges, 122 - 1.º

COIMBRA

Telegramas - SARLETY.

Máquinas industriais e seus derivados.
Montagens de fábricas.

Importações dos principais centros produtores estrangeiros.

Agentes neste distrito das casas: « R. WOLF »
Magdeburg - Buckan.

Máquinas semifixas, locomóveis, etc.
« EDGAR ALLEN & C.º, Ltd. » - Sheffield.

Navis, aços, limas, serras, etc.
« B. R. ROWLAND & C. » Pedras de esmeril,
carborandum, etc.

« STOWER RECORD »

a melhor e mais barata máquina de escrever,
para entrega imediata.
ÚNICOS REPRESENTANTES EM PORTUGAL.

Representantes no centro do país
das lâmpadas electricas « SHCL »
da Empresa Electrico-Construtora, Lda., do Porto.

Vendas pelos preços da fábrica

P. LENCASTRE

FOTÓGRAFO

TEATRO AVENIDA

Avenida Sá da Bandeira, 1.º andar

COIMBRA

Retratos de Arte
Ampliações - Esboços
e Studios

O atelier preferido por
toda a gente de bom gosto.

Sapataria Moderna

- DE -

DINÍS DA CUNHA ROCHA

A maior solidez aliada à maior perfeição
em todo o género de calçado

Preços convidativos!!!

Rua Pedro Cardoso, 72 a 73

(Antiga rua Corpo de Deus)

COIMBRA

PARAISO, PEREIRA & C.^A

Avenida Sá da Bandeira, 7 a 13 e 42 a 48

COIMBRA

Telefone | Telegramas
512 | WIZARD

Vendem material para instalações
DE
LUZ WIZARD.
ELECTRICIDADE.
ÁGUA-GAZ.
SANITARIAS.

Tubagem - Azulejos
Ladrilhos - Lavatórios
Retretes - Manilhas

...e de
de

: IMPRENSA ACADÉMICA : : :
: : : : : COÍMBRA : :

BYZANCIO



REVISTA COIMBRÃ

ARTE

E

LETRAS



“Bysancio,”

MENSÁRIO

Propriedade do 3.º ano jurídico

GRUPO DIRECTIVO:

ALBERTO MARTINS DE CARVALHO
ALEXANDRE D'ARAGÃO
ARMANDO SIMÕES PEREIRA
FAUSTO DOS SANTOS
JOÃO D'ALMEIDA
JOÃO LIMBRALES
LUÍS VEIGA.

Redacção e Administração

ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA — COIMBRA.

Administrador — JOSÉ VEIGA.
Editor — TENENTE JOSÉ SILVA LOPES.

ASSINATURA

Uma série de seis números — 7400.
Pagamento adiantado.

ANÚNCIOS

(Um quarto de página)
1 mês — 12450. 1 trimestre — 35400.
Permanente — 10400 (cada mês).

Colaboração solicitada.
Só se publicam originaes.

SUMÁRIO

- João d'Almeida — *Soneto.*
M. C. — *Diálogo dos Cegos.*
António de Sousa — *Soneto da Páscoa.*
Alexandre de Aragão — *Síntese.*
Luís Veiga — *Nossa Senhora da Lapa.*
José Tavares — *Andorinhas.*
José de Seabra — *(Desenho).*
José Régio — *Canção do Regresso.*
Afonso Pinto — *Cantar d'amigo.*
José Régio — *Última página.*
Angelo Cesar — *Versos da Pobreza.*
Alexandre de Aragão — *«Nuvilúnio» de
João d'Almeida.*
Fausto dos Santos — *Cordeirinho Bran-
co...*

COIMBRA EDITORA, L.^{DA}

ANTIGA LIVRARIA

FRANÇA & ARMÊNIO

2, Arco de Almedina, 3
Rua Ferreira Borges, 77

Livraria : Papelaria
: Tipografia :
Encadernação

Especialidade em livraria jurídica

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

António Gomes Cardoso & C.^a

(Antiga casa Viuva Carneiro & F.^{os})

FUNDADA EM 1873

37 — PRAÇA DO COMÉRCIO — 38

■ ■ ■

Variado sortido em
artigos de mercearia

Especialidade em
: CHÁ e CAFÉ :

BYSSANCIO

SONETO

DONA COIMBRA triste, ó fiandeira
 Nos Palácios Confusos encantada!
 Fia mais devagar, menos veleira
 O sonho que te dei certa alvorada.

Porque estás sempre a olhar — de que maneira!
 A fonte onde morreu Ignez coitada?
 Que o sonho é triste, ó linda fiandeira,
 Cuidado não te enleies na meada.

«Era uma vez um pálido escolar
 Que se perdeu, em terras de Castela,
 De uns olhos, negros olhos de encantar.

Temendo ela o espinho da saudade
 Saiu de noite...» O fiandeira bela,
 Não fies mais que pode ser verdade!

JOÃO DE ALMEIDA.


DIÁLOGO DOS CEGOS

Três vezes fui apoiado com varas, três vezes naufraguei, uma noite e um dia estive no profundo mar.

S. PAULO.

Por uma estrada branca, onde só nasce o pó e afloram pedras, vão dois cegos. Um tem vinte anos e é guiado por um cão; o outro tem oitenta e encosta-se ao cajado. É na volta duma romaria e os dois levam nos chapéus a imagem de Nossa Senhora dos Milagres. Pela doçura do ar os cegos dizem que é quasi sol posto.

VELHO (*compondo a guitarra, a tiracolo*)

¿  irmãosinho vem da Senhora dos Milagres?

MOÇO

Venho, sim senhor. Fui lá ver se ela fazia um milagre e me tornava a luz divina. Custa tanto ser cego, tiosinho!

VELHO

Pelo que se vê ainda não está habituado. Isso é ao princípio. depois passa, há-de ver que até se dá bem. Há tanta coisa ruim por êsse mundo de Cristo, que nem vale a pena olhá-lo. Eu até me sinto feliz por já me não poder afligir com o que se passa. Há-de ver, há-de ver que se habitua.

MOÇO (*num fio de voz, pingando lágrimas*)

Hei-de ver, hei-de ver... Há dois anos que ceguei e que ando a ver se me habituo. Já não há santos que façam milagres e a noite que tenho dentro dos olhos vai-me descendo ao coração. Ver a luz, ver o sol outra vez! Ai, se eu morresse agora depois de ter aberto os olhos um minuto só que fôsse! ¿ O tiosinho foi sempre cego? Então não sabe o que custa sê-lo!

DIÁLOGO DOS CEGOS

VELHO

Há-de desculpar mas sei e muito bem. Pela sua voz não lhe distingo a idade; quantos anos terá?

MOÇO (*a chorar*)

Vinte anos.

VELHO

É novo é, bem se vê. Não sei como agora não atinei logo que tinha essa idade. Na minha já se não chora, ou se as lágrimas veem à cara, saltam por ela abaixo para que não façam escárneo de nós, para que a nossa pena não seja vergonhosa. Vinte anos! É bem novo, é. . . Pode-se ter dó dêle, coitadinho; ainda se fôsse como eu que já para nada sirvo, mas assim tão novo, é pena, isso é que é. . .

MOÇO

¿ E o tiosinho quantos anos tem?

VELHO (*em voz sumida*)

Oitenta. ¿ Como foi o seu desastre, irmãosinho?

MOÇO

Nem me alembro já; não sou capaz de contar. Tenho o fogo cá dentro, vejo só êsse dia, e é como se cegasse a todos os instantes. Faz-me mal falar disso, pois que nunca me esqueço. Mas se o tiosinho quiere ouvir. . . ¿ Não sabe onde é o Colcorinho? Pois é um sítio lá para os lados das Serras. Uma vez, andava eu e meu pai numa pedreira, a arrancar pedra para um muro; lá num ponto estava um rochedo, onde nem fazia mozza a barra e a picareta. Deitou-se-lhe pólvora e já estava o buraco cheio, fa-se-lhe a pôr o rastilho, rebentou aquilo, foi tudo por os ares e meu pai morreu espedaçado. Eu fiquei cego e botei-me por essas terras a pedir. Todos teem dó de mim, todos me dão. Às vezes dizem coisas de dôr por me verem tão novo e tão infeliz. E antes queria que me lançassem os cães, que me batessem, que me não dessem esmola, do que lembrarem-me a minha desgraça. Se eu a tenho sempre

DIÁLOGO DOS CEGOS

no sentido, para que lhe bolem mais, para que me lamentam até me fazer chorar, para que tem dó de mim até eu lhes ter raiva? Quando certos dias de verão a calma aperta e eu descanço pelos balcões das casas, todos me perguntam como isto foi. Entristeço, vejo outra vez a pedreira, sinto o fogo nos olhos e não respondo, abalo mai-lo cão por aqueles caminhos cheios de sol. *(num gemido)* Não me falem, não me lembrem...

VELHO

É pena, é, coitadinho. De mais a mais tão novo. Mas habitua-se, há-de ver que se habitua. Eu também ceguei há anos, há bastantes anos. Ando nesta vida de pobre desde criança, nem me recordo quantos anos tinha ao começar. Sem pai nem mãe, sem conhecer ninguém amigo, fui moço dum cego, que é um modo de ser aprendiz de pobre. Quando êle morreu eu era homem, devia já ter idade, mas não me alembro quantos anos tinha. Que havia eu de fazer? Não podia ir para o trabalho, não sabia nem estava acostumado e depois aquela vida tornara-me tão fraco, tão doente, que havia eu de fazer? Deitei-me a pedir. O irmãosinho diz que todos lhe dão esmola, que todos tem pena... Não sabe o que custa ser pobre, é bem mais feliz. Não sabe o que é chegar de noite a uma aldeia e não ter dormida, não ter um palheiro onde se descance, ficar toda a noite à porta duma venda a tiritar e a gemer. Depois, todos me repeliam, ninguém me dava esmola, que fôsse cavar terra, que tinha bom corpo para isso. Se eu não podia, senhores! Tantos anjos me acompanhem à hora da minha morte como de vezes caí por êsses caminhos a arder em febre, a tremer de frio, sem uma côdea de pão no bernal, sem fôrças para me desenterrar da valeta, onde tombara. E como era homem e ainda não era cego, acendiam-me os cães, batiam-me se eu me livrava de algum, e até duma ocasião me atiraram duma ribanceira para o rio. O que eu tenho passado! Olhe que são setenta anos desta vida! De miséria, de maus tratos, foi-me faltando a fôrça, ía-se-me apagando o que tinha na cabeça e não me alembra ao outro dia do mal que me tinham feito na véspera. Foram-se-me as fôrças e com elas a vista,

DIÁLOGO DOS CEGOS

que era a minha única riqueza. Não tive pena. Sofrera tanto, era tamanha a desgraça, tão má a gente que eu topava que até me alegrei quando a luz começou a apagar-se. E não chorei nem sofri nada. Foi Deus Nosso Senhor que teve dó de mim. Se eu já não podia ver o mal, o que seria de mim se fôsse obrigado a vê-lo a todo o instante? Agora ainda me vou arrastando, sòsinho e o bordão, pois mataram-me hontem o *Mondego*, o meu cachorrito, não sei porquê. Iamos a andar, começou a pesar-me a corrente que o segurava e êle que não vinha; tecteei e fui dar com êle morto. Com as mãos ainda lhe vi os olhos: estavam abertos e sei que eram para mim que olhavam. Se o deixasse ali ficar viriam comê-lo os outros bichos. Levei-o ao colo até à ribeira e atirei-o a ela, que o levasse para onde lhe não fizessem mal, coitadinho do *Mondego*. . . Pois o irmãosinho habitua-se, ha-de ver que se habitua. Todos lhe dão esmola, não tem fome. A mim, mesmo agora, todos me fogem, tem nojo do meu corpo sujo e disforme, atiram-me de longe o pão e nem me deixam acabar a reza. São malvados, o'pois que mal lhes faço eu? Se nós somos espelhos uns dos outros, o não podiam êles também ser cegos e velhos? Mas todos fogem, homens, crianças, mulheres. . .

MOÇO (*pensativo, repetindo*)

Homens, crianças, mulheres . . . Todos me dão esmola, lá isso todos. Ainda hoje na festa, fui bater a uma porta onde havia risos e alegrias, que eu também me rio sem estar alegre.

VELHO

Eu tenho ainda a guitarra para disfarçar as lágrimas. . .

MOÇO

Pedi a esmola, e uma voz rápida, irritada porque eu fôra estragar-lhes a alegria, deu-me o perdão: «Nosso Senhor o favoreça. . .». Triste, ía a abalar e alguém de dentro, disse assim: «Ó minha mãe, dê-lhe um bocado de borôa. Coitadinho, é um cego tão novo. . .». Tiosinho, aquela voz parecia dum anjo; e sem saber o que esperava, esperei qualquer coisa. Adivinhei que era

DIÁLOGO DOS CEGOS

uma mulher, que era talvez da minha idade, que era bonita, pois tinha aquela voz. Sentia-a descer a escada, e nunca tanto me custou ser cego. Deu-me o pão, tocou-me nas mãos que eu lhe estendia, e disse-me se eu lhe aceitava um caldinho. Aceitei, por causa dela. Mas não foi ela quem o trouxe e soube-me a veneno; por pouco não atirei tudo à rua e fugi. Quando acabei, ela veio buscar o prato e eu disse-lhe: «Nossa Senhora lho pague, minha rica menina». Ela olhou-me a cara que eu bem senti e perguntou-me porque cegara eu. Foi como quem me deu com uma pedra nos olhos, tiosinho. Até aquela! Mas como tinha uma voz tão linda, fiz força sobre mim e contei-lhe tudo, sofrendo ao contar, disse-lhe como fôra, doendo-me tanto como se estivesse na hora em que ceguei. Depois, ainda falou e eu ficaria lá a ouvi-la sempre se de cima a não chamassem. Fui-me embora, mas todo o caminho vim a pensar que seria bom viver com aquela linda voz, embora fôsse cego,

VELHO (*como que a sonhar*)

Mulheres... Não sei... Nunca sube, nunca...

MOÇO (*numa recordação dolorosa*)

Ah, sei eu! Não vale a pena, não vale. Aquela tinha a voz linda, tinha... Mas minha mãe fugiu de casa e era por isso que eu e meu pai fomos ganhar o pão a arrancar pedra nas pedreiras ..

(Pela frieza do ar dizem os cegos que há muito morreu o sol).

Beira - 1923.

M. C.



SONETO DA PÁSCOA

AZUL. *Abril das flores. O luar,
Por essa boa terra portuguesa,
E' a toalha alvissima da meza
Em que a Rosinha põe o seu foliar!*

*Páscoas à porta. — Que se vão casar
A Mariquinhas e Manuel da Teresa:
Jantar de festa; para a sobremeza,
Os doces beijos que se vão trocar ...*

*— Bons dias! Êste inverno foi sombrio;
O manso ribeirinho fez-se rio ...*

— Melhor! Mais canta a bôca das nascentes!

*— Como a terra criou, a bem mandada!
Nêste Abril que sorri, oh bem amada,
Que seja o nosso amor como as sementes!*

Coimbra, Abril de 1923.

ANTÓNIO DE SOUSA.

SÍNTESE

E tempo de acordar... passou a primavera.
Os seus tímidos vôos ensaia a ave inexperta.
Não deixemos passar o que o Amor nos oferta,
Que por enquanto é Vida e ainda há-de ser Quimera...

É tempo de partir, que há muito nos espera
Muito ninho vazio e muita concha aberta
Aonde tu vás velar, casta vestal desperta,
A chama deste Amor que o sonho não altera...

Amanhã será tarde! A éstes festões que vês
Subirem até nós, a coroar-me, a coroar-te,
Sucede a rocha nua, em plinto, a nossos pés...

Despiremos por vãos éstes laureis em flôr...
Amanhã será tarde: é o despertar da Arte.
Partamos nesta hora — hoje é o sôno do Amor.

ALEXANDRE DE ARAGÃO.

NOSSA SENHORA DA LAPA

PORTUGAL, país elegíaco da Saúde e da Quimera, é um berço de poetas e de místicos.

As páginas rutilantes da sua história resam grandezas épicas com o sol a dominar na imensidade dum céu immaculado, e os montantes a refulgirem nos seus poemas de luz. O espírito simples da sua gente cicía histórias de sofrimentos e de piedade. Mas os traços inarcanantes do seu tipo de raça, inalterados e vivos, só se encontram hoje nas províncias.

As cidades portuguesas são incharacterísticas; não são cidades à europeia; mas aldeolas cheias de coquetismos e de pretensões, *maquetes* que o escultor abandonou por falhas de inspiração.

São horríveis e insuportáveis.

E' por isso que o grande amor que eu tenho à minha terra, vai intacto para as lindas aldeias caiadas, vestidas de branco como as virgens dos cânticos do povo, a iluminarem de graça toda a scenografia magnífica.

Que de vezes, ao percorrer as regiões portuguesas, tenho notado a sua heterogeneidade. Como quer que seja, Portugal afigura-se-me não ser a obra de um artista único, visto que nas suas províncias sentem-se, advinham-se vários génios criadores. Se umas são sensitivas,

coloridas, femininas, outras são rudes, agrestes, ricas de pergaminhos, cheias de fôrça e de magestade como os guerreiros antigos.

Entre todas, a que eu mais adoro é a Beira com as suas montanhas pardas a afacarem ousadamente o infinito. Quedas, sem sensibilidade, parecem meditar.

Exercem em mim uma atracção singular!

E' com ela que eu convivo mais intimamente, a que mais me enleva e encanta com as suas lendas preciosas.

Como eu recordo sempre, com saudades bemditas, a minha aldeia encravada no fundo de grandes montes escavados em que tudo me fala dos tempos ídos. Aquelas esfolhadas ao luar argênteo, a alegria estuante, os cantares ao desafio, mas sobretudo, aquelas longas noites patriarcais, junto da lareira.

Lá fóra, o vento andava à sôlta, esfusiava, cabriolava trágicamente, perseguindo com raiva inimigos invisíveis. As árvores açoutadas, executavam fantasmaticamente danças macabras, e sobre a terra pesava como chumbo uma escuridão impenetrável.

Os trovões sucediam-se violentos, os relâmpagos alumiam de vez em vez a borrasca desenfreada e o granizo estalava de encontro às janelas.

Havia um silêncio de cemitério; só a lenha ardia, crepitando. Entam o António, na sua voz melancólica, ia remembering antigos milagres, que seus pais haviam escutado da bôca de seus avós.

De todas as lendas que o velho fâmulô contava com um ar de iluminado e com uma crença que eu ainda hoje respeito, uma só permaneceu na minha lembrança, porque muitas vezes a revivi ao visitar o santuário augusto.

No mais alto da serra da Lapa, onde o ar é agreste e a terra uma fraga imensa endurecida por um sol em brasa, vivia em tempos uma linda rapariga, branca como os fios do luar e tam franzina que, quando caminhava à tardinha pelas grimpas do monte, polvilhada pela luz macia dos poentes magníficos, parecia levantar-se numa ascensão milagrosa.

Tecia linho que era mais fresco do que a água da sua bilha, e morava num casebre insolado, esburacado pelos inverniais violentos e acalentado por heras — seu único atavío. Na sua figurita pálida destacavam-se, dolorosos, os lábios anemizados a murmurarem preces contínuas, e uns olhos verdes em que bailavam humildes esperanças.

Ora um dia em que o calor de sol queimava, quebrantando energias, Maria regressava como

de costume da Lapa, aonde fôra receber o fiado. O caminho estendia-se até perder de vista, e tam difícil e pedregoso que feria os pés.

Entam a fadiga sobreveio, veemente e imperativa, obrigando-a a sentar-se numa pedra lisa, polida pelos viandantes e em que já repousara por vezes. A calma estendia-se agora por toda a serrania alterosa a ondular, até se perder ao longe num esvaímento de formas. Refeitas as fôrças, pôs-se a caminho. A pouco e pouco as últimas casas foram desaparecendo, encobertas pelos morros corcovados. Seus olhos descortinavam já, desanuveados, a pobre morada, quando a meio da via escabrosa, se atravessou como barreira intransponível um algras enorme.

Tinha voltado tranquilamente a cabeça viscosa, noventa, em que brilhavam sinistramente dois buracos negros. Seu corpo hediondo tinha uma côr vêrde repugnante à vista.

Fascinada, possuída por um terror que a desfigurava, Maria não arredava pé. E o lagarto, o rabo aos saltos, fustigando o ar com pancadas rápidas, pôs-se então a caminhar vagarosamente para a sua prêsã, a prolongar com volúpia a chacina impressionante.

Mas a tecedeira teve uma inspiração: ajoelhando em

NOSSA SENHORA DA LAPA

terra, suas mãos ergueram-se com um fervor extraordinário para Nossa Senhora, de quem era muito devota.

A prece ia subindo numa transparência de gaze, a esgarçar-se naquele céu de opala e uma grande beatitude ia-se espalhando pelo seu semblante assustado.

E' que a brisa que passava, embriagada de perfumes, vinha trazendo de longe umas palavras suaves, que afugentavam o terror daquele rosto de santa. Agora o reptil imundo estava já a poucos passos. Maria entrevia-o por entre suas pálpebras descidas, mas inalteravelmente orava. Por fim, tomando grandes novelos de linho, foi-os lançando ao lagarto que os engulia com um mover sinistro de mandíbulas. Daí a instantes ela viu, com uma comoção indizível, um súbito furor aposar-se do animal, os olhos tomarem uma expressão de agonia, a rolaram estertorosamente nas órbitas e adquiriram depois uma fixidez incomodativa.

Tinha morrido.

Foi-se dali muito estranha daquele acontecimento, e chegando à vila relatou tudo o que sucedera, enquanto nos seus lábios brancos bailava um sorriso de candura.

Um frémito de admiração correu a região, e uma grande romagem foi subindo a serra por ásperos caminhos e tor-

tuosas veredas, numa ânsia forte de celebrar o grande feito.

Choveram dádivas, presentes de cristãos, e uma ermida foi construída, muito humilde e muito acceiada, aonde todos os anos os romeiros se vão prosternar cheios de fé.

Lá se vê um lagarto enorme, de papelão, figurando o lagarto da lenda, suspenso do tecto doirado, e ao fundo da nave gelada uma gruta natural que segundo resam velhas crónicas, possui uma virtude rara.

Caprichosa, a natureza abriu no granito tóscico uma anfractuosidade estreita, pela qual a Senhora da Lapa, do seu recanto florido e incensado, só concede a passagem aos justos e penitentes.

Ao longo das paredes, ao pé dos nichos, em que bruxoleiam lampadas de azeite, há pequenos quadros representando a Senhora da Lapa obrando milagres, e feitos por um artista rústico ousado na feitura e possuído por uma vertigem de côres.

São curiosos documentos de arte regional.

Eis a lenda suave, a guirlanda singela que touca de graça a antiga e nobre província da Beira.

Coimbra — Fevereiro de 1923.

Luís VEIGA.

AS ANDORINHAS

QUEM dera ser como elas, sorridente,

Alegre e descuidado — as andorinhas...

Partir no Outono à bôca das noitinhas,

Voltar na Primavera assim contente...

Não sentir as paixões nem ser doente...

Viver a vida sã das avesinhas,

E ter como elas têm, almas santinhas,

No peito um riso bom e a paz clemente!...

Falam d'amor... sabem segredos mil,

Duma pureza ideal, sonhos d'Abril,

Que eu quizera também em mim sentir...

Como elas vôam para o Ceu distante...

O' Deus, dai-me a alegria triunfante,

Faz-me andorinha e deixa-me partir...

Coimbra, Primavera de 922.

JOSÉ DE MEDEIROS TAVARES.

DESENHO de José de Seabra



CANÇÃO DO REGRESSO

☉ *Lar onde eu nasci
E' próximo do Ceu...
Menino, lá senti
Que o Fado me escolheu:
E assim como eu cresci,
Um sonho em mim cresceu.*

*'Té que parti, cantando
Canções que emudeceram.
Regresso emfim, sangrando
Do mal que me fizeram.
E, assim direi, chegando,
Às santas que me esperam:*

— « *No mundo, agora o sei,
« Tudo é Destino e Dôr.
« Fui grande como um rei,
« Sou pobre e pecador.
« Dos lódos por que andei,
« Lavai-me em vosso amor!*

« *Quiz ir a vencer moiros,
« Vi risos escarninhos;
« Contei ganhar tesoiros,
« Pedi pelos caminhos;
« Esperam-me de loiros,
« E c'róam-me os espinhos!*

CANÇÃO DO REGRESSO

« Que os sapos enlamearam
« Minh'alma onde era Dia!
« Que os corvos me bicaram
« Os olhos com que eu via!
« Que os lobos me arrastaram
« Do trilho que eu seguia! »

E logo as que me esperam
Dirão a uma só voz:

— « Os Anjos te trouxeram
« Ao lar de teus Avós;
« Que os golpes que te deram,
« T'os sararemos nós ».

« Meus golpes não são fáceis,
« Nem eu terei demora;
« Não vim por que os sarásseis,
« Nem tal me importa agora.
« Vim por que me ajudásseis:
« Chegou a minha Hora! »

E pálido — a sorrir
Com medo de chorar —
Eu me hei de despedir;
E ali nesse logar,
Minh'alma há de partir,
Meu corpo há de ficar...

JOSÉ RÉGIO.

CANTAR DE AMIGO

AURAS tristes que passais,
Murmúrios de saúdades nos choupais,
Ribeirinho de máguas nos pinbais,

*Ai da coitada que pena!
Ai da coitada!...*

Tam longe! choraí comigo,
Oh! auras que passais, choraí comigo,
Trazéis-me novas do meu amigo?

Ai Deus! ai Ceus!

O rouxinol, Bernardim,
Anda mortinho de dor!
Ai triste do rouxinol!
Também tem coitas d'amor

E na voz do rouxinol
Ouço a voz do meu amor.

*Ai eu, coitada, como vivo
Em gran cuidado!*

Fala baixinho, em segredo,
Vento, conta-me tudo, eu lenho medo;
Triste, tudo tam triste! eu tenho medo

*Ai da coitada, que pena!
Ai da coitada!*

Sol posto. A sombra apaga os longes. As últimas badaladas do Angelus esvoaçam roçando as almas alvoraçadas em murmúrios de rezas e de bênçãos. Todas as coisas meditam e começam já de adormecer. A noite caminha devagar, arrastando o seu manto de treva, com formigueiros de estrélas lá no alto a fazer meia e a candeia, a boieira, lá no meio a sorrir no velador. Cã em baixo as pastorinhas, os pirilampos são outras estrelinhas picando a treva, olhos de moiras encantadas a namorar, entoando, ao som dum arrabil de sonho e de mistério, no ritmo da sua luz pálida e fosforescente, também os seus cantares de amigo.

CANTAR DE AMIGO

*Ai eu coitada como vivo
Em gran cuidado!...*

O poeta, o rouxinol, há pouco desvairado, na ária do poente, ficou agora comovido a compôr um vilancete. Dedos de sombra roçam a noite desferindo árias de mistério; e o vento geme, e o vento canta... Cala-te por um pouco, ó rouxinol, deixa cantar o vento.

Uma voz na voz do vento:

Eu tenho a alma doente
De tanto... tanto sentir...
Coisas que ela coitadinha
Nem sabe bem definir.

São tristezas, anciedades,
São sorrisos de ventura,
Ribeirinho de saúdades
Que na minha alma murmura.

Que na minha alma murmura...

E o vento despediu-se num lamento.
Lá vai, lá vai a ventar...

— Que na minha alma murmura,
Sempre a correr, a correr,
Um ribeirinho maior
Vem meu coração encher.

Longe de ti, meu amor,
Assim não posso viver.

*Ai da coitada que pena!
Ai da coitada!...*

Quero ouvir na voz do vento
Essa voz que me acarinha.
Oh vento, mais devagar!

E o vento despediu-se num lamento.
Lá vai, lá vai a ventar...

AFONSO PINTO.

ÚLTIMA PÁGINA

TENDO ecoado o clangôr das trombetas, um arripio de medo correu todo o Infinito. Mundos que turbilhoonavam no Éter, como grãos de poeira num raio de sol, quedaram de angustioso assombro. Toda a vertigem do movimento gelou. E eis que o Universo foi como um cemitério, onde tudo é estático na expectativa duma última decisão. Então, como o anunciára o Apóstolo, o Filho do Homem veio sentar-se no trôno da sua magestade. E os Anjos o seguiam, solenes e de azas muito alto abertas. Mas o Filho do Homem não era já o que nascera numa dôce terra da Galileia; o que chamava a si as criancinhas; o que perdoara a Maria em casa do leproso; o que salvara a mulher adúltera; o que suára no Horto suór de sangue; o que estendera a face ao beijo de Judas; e o que dissera, agonizando na Cruz: «Perdoai-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem!» Agora, o Filho do Homem era o Juiz supremo; e diante de

tufão, vergava todo o Val' de Josaphat ressuscitado. Era a Humanidade inteira: Dôr, Vício, Miséria e Destino. Doidos como os de quem desperta dum pesadêlo, olhos enormes ardiam em rostos côr de chumbo. Mãos sem carne arrepanhavam trapos de mortaldas. Esqueletos entrechocavam ossos. E os bichos fervilhavam nas covas das bôcas, nas covas dos olhos, nas covas das narinas.

Imóvel e mudo, o Juiz olhava. Em redor d'Ele, os Anjos faziam uma alvíssima floresta de azas. O Sol lhe servia de auréola, compondo ao seu vulto divino um fundo que era um mar de luz. E o Juiz olhava, imóvel e mudo. Seus olhos imensos, onde brilhava a sabedoria absoluta, olhavam a Humanidade e a Vida. E olhando tranquilos como dois lagos inalteráveis, talvez já distinguíssem, nessa multidão aniquilada sob a interrogação formidável, os que deviam ficar à Direita, e os que deviam ficar à Esquerda. Depois, lentamente, os seus lábios mexeram para pedir con-

ÚLTIMA PÁGINA

tas... O silêncio foi tão grande que quasi se *ouvia* a anciedade das almas. E tudo esperava, quando um estremeção correu tudo: Da multidão dos homens, um Homem se atirara. Enorme, parara diante do Juiz. E ia falar. Era um colosso nú — quasi belo à força de miserável. De tanto ter vivido, tôdo o seu corpo era uma suprema escultura retalhada: Músculos de atleta lhe pendiam dos ossos cariados; flores de lepra lhe alastravam na pele curtida; e golpes sangrando lhe listravam as formas de gigante. Era um homem que ía resumir o Homem. E um do seu trôno de glória outro do seu trôno de miséria, os dois fitaram-se longamente — Deus e o Homem. E depois, o Homem disse:

— Antes que julgues, deixa-me falar-te. Chegou o momento em que uns serão felizes e outros infelizes. Quando vieste ao mundo, e foste humano como nós, disseste que os infelizes da terra seriam os felizes de agora; e que os felizes da terra seriam agora os infelizes. O teu êrro é tremendo: Na terra não há felizes nem infelizes. Poderia dizer-te que todos são infelizes.

Mas não: todos são homens. O que na terra há são homens que vivem a vida que lhes imposte, e que são o brinquedo das forças com que os moves...

Calou-se um instante, esperando. Mas o Juiz esperava também. E os seus olhos imensos, onde brilhava a sabedoria absoluta, olhavam tranquilos como dois lagos inalteráveis. O homem cruzou os braços e continuou:

— Uns julgam-se uns, e outros julgam-se outros. Afinal, todos são joguetes. Uns gritam, outros calam; uns gozam, outros sofrem; uns riem, outros choram; uns sobem, outros descem. No fundo, todos são iguais. São êles, os loucos, que julgam calar ou gritar, gosar ou sofrer, chorar ou rir, subir ou descer. No fundo, todos vivem a mesma Vida: a vida diferente que a cada um impozeste — e para quê? e porquê?

E novamente se calou, esperando. Por traz dêle, a multidão era uma labarêda de olhos em braza. E os Anjos, baixando as azas, tinham velado a face nas mãos longas. Mas o Juiz esperava também. E seus olhos

ÚLTIMA PÁGINA

imensos, onde brilhava a sabedoria absoluta, olhavam tranquilos como dois lagos inalteráveis. Então o Homem atirou os braços convulsos. E gritou:

— Disse tudo! O que ficou por dizer são palavras! A vontade é uma ironia, a Liberdade uma ilusão, o Esforço uma decepção! Agora julga. Condena uns e salva outros! Guarda contigo as respostas que nos deves! O teu ceu é mentira, porque te hade pesar a sombra da tua injustiça...

E torcendo as mãos, cuspiu sangue e fel na face do Juiz. Uma tempestade sublevou tudo. Os Anjos, os mundos e os homens sentiram-se arrastados numa vertigem de terror. O Universo reboou até ao infi-

nito... Mas o Juiz estendeu as mãos — tudo parou. Um outro silêncio caiu, maior que todos os silêncios. E neste silêncio, o Juiz respondeu:

— Disseste bem, mas fizeste mal falando antes de eu falar. Eu não vos venho pedir contas. Venho prestar-vos as minhas, e defender-me ante vós. Não condenarei uns nem salvarei outros. Entrai todos! Ides ouvir as respostas que vos devo...

E os seus olhos imensos, onde brilhava a sabedoria absoluta, olhavam tranquilos como dois lagos inalteráveis.

José Régio.



VERSOS DA POBREZA

Não temos louça nem roupas
E a nossa mesa é escassa;
Mas, com tudo o que tu poupas,
Socorreremos a desgraça.

Não tens brincos, nem cordões,
¿ Para nós isso que importa?
— Não temos medo aos ladrões,
Nem temos chave na porta.

Os pobres são teus irmãos;
¿ Não tens piano? — melhor,
Assim tens livres as mãos
Para rezar ao Senhor.

Não temos rendas, nem linhos,
Temos camisas de estopa;
— Felizes os passarinhos
Que não teem de fazer roupa.

¿ Não tens rendas? deixa lá,
Pois tens o corpo bem feito:
— Para os meus olhos não há
Nada melhor que o teu jeito.

Não tens sedas, nem veludo,
Mas tens uns lindos cabelos:
— Para quem o amor é tudo,
Não há mais altos castelos.

Não tens sapatos, nem meias;
— Beijeí o chão que tu pisas,
Estas pedras, eu beijei-as
Para ficarem mais lisas.

Tu trazes a saia rota,
Mas tens mundos de alegria:
— À nossa volta é só noite,
Mas cá dentro é sempre dia.

ANGELO CÉSAR.

“NOVILÚNIO” de João d’Almeida

JOÃO D’ALMEIDA não dilúe os últimos farrapos de névoa num completo acabamento, não ama as linhas precisas de certo plebeísmo cantante, tão apreciado pela geração de hoje, de que um notável poeta é o principal representante. Mas também não se emaranha na nebulosidade cinzenta e gélida, embora betada de clarões, não se perde na fonia monótona, embora oceânica por vezes, que um outro poeta, do Norte, legitimamente encarna.

Também não trepa coleando o velho tronco do nacionalismo, embora escondidamente nele mergulhe as suas raízes.

Por índole e por estirpe, é heráldico de mais para deixar poluir os seus versos numa cantilena vulgar.

E’, mais que tudo, um neo-clássico.

Na sua lira há a corda de oiro do Poente que êle mais do que todas estremece. A contrastar com os evoés matutinos, o Poente é todo rito e longinquidade... como o noivado a que aspira...

Em si mesmo, como no Poente, êle vê alguma coisa que acaba e alguma coisa que começa, um avatar nebuloso de predestinação.

A sua arte é qual uma flôr que se acoberta e esconde mais pela delicadeza do que pelo exotismo remoto, que só geram o tédio evanescente, os mornos pesadêlos de decadência.

Não descrê por enquanto. Ignora as agruras da vida no seu ímpeto talhante e decisivo... não fala de morte. Desconhece a revolta, o que não implica conformidade servil. Os dissabores só lhe afloram ainda queixumes e interrogações.

¿Será flagício da era que passa? Um hino guerreiro — um canto matinal — confrange-o como um treno dolorido...

Nunca o abandona um fundo tenuíssimo de elegia, que às vezes marcheta a graça antiga dum madrigal.

Acorda e depara-se cantando. E êle julga saudade o que é apenas lembrança da ventura que o sono lhe anunciou... Por isso lhe parece que já

“NOVILÚNIO” de João d’Almeida

amou. Por isso, antecipando-se ao amor, vai cantando a sua Eleita, sem a êle ter vindo. E estes versos, qual o Eliezer bíblico, são como que emissários que êle enviou à procura...

Ensimesmando-se, vê a sua Quimera boiando distante, mas já nimbada pelo sol, que ao tombar a irisa de esplendor!

É mais um jovem para quem desponta a Mocidade do que é um moço para quem desponta a Vida.

Êle mesmo se intitula menino e príncipe...

E os seus versos brotam espontâneos, sem artificialismos nem antíteses ostensivas, com o frescôr de borboletas que agora rompem a névoa do casulo.

Novilúnio! Não por ser a quadra monstruosa, a ante-manhã encoberta, que labora na sombra, como o novilúnio da terra escondendo as sementes, o novilúnio das árvores em que a flôr mal desabrocha... Mas por ser o embrião que contém a plenitude.


Êle tem na sua essência a revelação indelével de um rumo estável e confiante afoiteza, e, o que é mais, de certo cunho pessoal, tão inesperado numa estreia.

E todos nós esperamos — visto que o «*Novilúnio*» é a sua promessa — êsse *Plenilúnio* de estio, encantado e sem fim...

ALEXANDRE D’ARAGÃO.



CORDEIRINHO BRANCO...

 **CORDEIRINHO BRANCO** *de macio arminho,
Perfumado a rosas e a rôsmaninho!*

Cordeirinho branco, tal o coração

De donzela santa em adoração . . .

Cordeirinho branco, casto namorado

Dessas rosas brancas que nascem no prado!

Cordeirinho santo do Menino Deus,

Todo deslumbrado de mirar os Ceus.

Cordeirinho branco, pelos vastos montes

A rezar saúdaes do cantar das fontes...

Cordeirinho branco pela serra nua

Dum altar de fragas a adorar a lua!

Meu cordeiro ingénuo, meu fiel amigo

Tivesse eu a graça de sonhar contigo...

Cordeirinho branco vem-me abençoar

Com a doce benção dêsse teu olhar...

Cordeirinho branco, anda-me ensinar

Sonhos das estrélas, quando vão noivar!

Cordeirinho branco como a neve pura,

Como a estréla d'alva pela noite escura!

Novembro, 1922.

FAUSTO DOS SANTOS JÚNIOR.

Sarmiento, Lemos & Tinoco, L.^{da}

IMPORTADORES

Rua Ferreira Borges, 123 — 1.º

COIMBRA

Telegramas — SARLETY.

Máquinas industriais e seus derivados.
Montagens de fábricas.

Importações dos principais centros produtores estrangeiros.

Agentes neste distrito das casas: «R. WOLF»

Magdeburg — Buekan.

Máquinas semilixas, locomóveis, etc.

«EDGAR ALLEN & C.º, Ltd.» — Sheffield.

Rayls, aços, limas, serras, etc.

«B. R. ROWLAND & C.» Pedras de esmeril,
carborundum, etc.

«STOWER RECORD»

a melhor e mais barata máquina de escrever,
para entrega imediata.

ÚNICOS REPRESENTANTES EM PORTUGAL.

Representantes no centro do país
das lâmpadas electricas «SECL»
da Empresa Electrico-Constructora, Lda., do Porto.

Vendas pelos preços da fábrica

P. LENCASTRE

FOTÓGRAFO

TEATRO AVENIDA

Avenida Sá da Bandeira, 1.º andar

COIMBRA

Retratos de Arte
Ampliações — Esboços
e Studios

O atelier preferido por
toda a gente de bom gosto.

Sapataria Moderna

— DE —
DINÍS DA CUNHA ROCHA

A maior solidez aliada à maior perfeição
em todo o género de calçado

Preços convidativos!!!

Rua Pedro Cardoso, 72 a 73

(Antiga rua Corpo de Deus)

COIMBRA

PARAISO, PEREIRA & C.^A

Avenida Sá da Bandeira, 7 a 13 e 42 a 48

COIMBRA

Telefone 513 | Telegramas WIZARD

Vendem material para instalações
DE
LUZ WIZARD.
ELECTRICIDADE.
ÁGUA-GAZ.
SANITARIAS.

Tubagem — Azulejos
Ladrilhos — Lavatórios
Retretes — Manilhas

CASA DOS LANIFICIOS

Completo sortimento
em fazendas
próprias para fatos
de homem,
senhora e creança.

Tem em depósito o mais
variado sortido
das fazendas da Fábrica
de Santa Clara.

ANTONIO SOUZA

108, R. FERREIRA BORGES, 110
COIMBRA

OURIVESARIA ALIANÇA

(RELOJOARIA)

J. A. da Silva Guimarães

18 : Arco d'Almedina : 22

COIMBRA

Telefone n.º 689 Telegr. : GUIMARAES-OURIVES

Officinas de
OURIVESARIA
JOALHARIA
e RELOJOARIA
(Todas no mesmo prédio)

Execução rápida e perfeita de qualquer
concerto, tanto em artigos de ouro ou prata,
como em relógios.

Confrontem os nossos preços e vereis
o nosso melhor reclamo

Companhia COIMBRA de Seguros

CAPITAL, ESC. 300.000\$00

Séde em COIMBRA
Praça 8 de Maio, 42

SEGUROS terrestres, marítimos,
agricolas, postais, roubo,
automóvel e cristais

As melhores taxas do mercado.

GOMES FERREIRA, L.^{DA}

Representantes do

Júlio Gomes Ferreira & C.^a, L.^{da}

RUA DA SOFIA, 16

COIMBRA

TELE { fone n.º 310
gramas e CANDIEIROS - COIMBRA }

Instalações de água, gaz e electricidade

Telefones, Pára raios - BOMBAS

- Elevadores STIGLER

- Artigos Sanitários

- Aquecimento central

- Lustres, candieiros e artigos
de iluminação.

FOGÕES DE SALA E COZINHA



N.º 3

"Bysancio,"

MENSÁRIO

Propriedade do 3.º ano jurídico

GRUPO DIRECTIVO:

ALBERTO MARTINS DE CARVALHO
ALEXANDRE D'ARAÇÃO
ARMANDO SIMÕES PEREIRA
FAUSTO DOS SANTOS
JOÃO D'ALMEIDA
JOÃO LUMBRALES
LUÍS VEIGA

Redacção e Administração

ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA — COIMBRA.

Administrador — ANTÓNIO SANTOS SILVA.
Editor — TENENTE JOSÉ SILVA LOPES.

ASSINATURA

Uma série de seis números — 7400.
Pagamento adiantado.

ANÚNCIOS

(Um quarto de página)
1 mês — 12450. 1 trimestre — 35400.
Permanente — 10400 (cada mês).

Colaboração solicitada.
Só se publicam originaes

SUMÁRIO

- José Régio — *Sonho do mês de Maio.*
Bernardo Marvão — *Mãos postas.*
M. C. — *Conto de amor.*
António de Sousa — *Num poente de inverno.*
João d'Almeida — *Soneto.*
Luís Veiga — *Romance antigo.*
Fausto dos Santos — *Rimance.*
Vasco Santa Rita — *A Morte de Luísinha.*
Armando Simões Pereira — *Maria.*
Alexandre de Aragão — *A exposição de Fausto Gonçalves — Impressões.*
— *As pêtas do sr. Maia.*

COIMBRA EDITORA, L.^{DA}

ANTIGA LIVRARIA

FRANÇA & ARMÊNIO

2, Arco de Almedina, 3
Rua Ferreira Borges, 77

Livraria : Papelaria
: Tipografia :
Encadernação

Especialidade em livraria jurídica

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

António Gomes Cardoso & C.^a

(Antiga casa Viuva Carnelro & F.^{os})

FUNDADA EM 1873

37 — PRAÇA DO COMÉRCIO — 38

■ ■ ■

Variado sortido em
artigos de mercearia

Especialidade em
: CHÁ e CAFÉ :

.. BYSANCIO ..

SONHO DO MÊS DE MAIO

QUANDO Ela vier, hei-de cantar-lhe assim:

— Chegaste, minha Princesa? Há que séculos te esperava! Não te pareço velho de séculos? Pois sou. Quando nasci, já era velho. E aos doze anos, subindo ao Templo, assombrei os Doutores falando-lhes da Vida como quem já muito vivera .. Esperava por ti para poder ser criança. Esperava por ti para ser da minha idade... Mas ia cansando, e principiava a desesperar: Estendia os braços — para só abraçar fumo. Estendia a boca — para só beijar sombras. Nas minhas noites de amor, as noivas eram fantasmas que se me esvaíam entre os braços. Eram o teu fantasma! Em todas as mulheres, eu só a ti buscava. E foi assim que eu me guardei

virgem, apesar de ter satisfeito a carne, porque em nenhuma te encontrei: Eu amava sem me entregar. Mas começava a estar cansado.. Chegaste, minha Princesa? Que as laranjeiras em flor se esfolhem sobre a tua cabeça!.. E que as minhas mãos saibam arrancar da tua cabeça, espalhando-as a nossos pés, as flores de laranjeira que te cobriram..

Ela há de sorrir, sem dizer nada. E seus olhos verdes, profundos como de criança, lembrarão cisternas frescas na palidez ardente do seu rosto. Não sei porquê, adivinhar-se-há que vem nua sob o manto azul que a chega ao seio.

— Chegaste, minha Princesa? Tenho tanto que te dizer! .. Abandonei-me em versos escritos com sangue. Antes

de o ler algures, eu já sabia que o sangue é espírito .. Depois, atirei o meu poema às turbas. O meu poema era eu em corpo e alma. E foi como se um bôbo pinchasse num circo: Galhofaram, riram-me na cara, deram-me palmas, patearam, divertiram-se à minha custa — e ninguém compreendeu o que havia por trás da minha hilaridade .. Então, senti-me só. E bem só, enquanto te esperava, eu fui espectador de mim mesmo, só para mim mesmo fazendo malabarismos da minha angústia...

¿Chegaste, minha Princesa? Que todos os rouxinóis cantem à tua chegada! .. E que a música dos meus beijos te agrade mais que todo o cantar dos rouxinóis...

Ela há de sorrir, sem dizer nada. E seus olhos verdes, profundos como de criança, deixarão rolar duas lágrimas até aos cantos da sua boca... Mas sua boca há de ficar cerrada — como as das estátuas mudas sôbre os sepuleros.

— ¿Chegaste, minha Princesa? ¿Sabes o que é ser só? Eu queria possuir, e ninguém se me entregava! Eu queria entregar-me, e ninguém me possuía! Eu era um som que não produz eco. Era uma metade atrás da outra metade... Tôda a minha carne te exigia, tôda a minb' alma te chamava! Tu és a que eu hei de possuir e a que me há de possuir.

¿Chegaste, minha Princesa? Que todos os aromas da primavera te endoideçam! .. E que eu tenha em meus braços teu corpo entontecido, e nele aspire todos os aromas da primavera...

Ela há de sorrir, sem dizer nada. E seus olhos verdes, profundos como de criança, hão de olhar-me nos olhos perscrutando. Depois, Ela avançará para mim. E atrás dos seus pés alvos, suas tranças longas hão de saltitar como serpentes de oiro.

— ¿Chegaste, minha Princesa? Bemvinda sejas! ... Ergue o teu cálix branco, levantaréi a minha taça rubra! Bebamos às nossas bodas, e que as nossas almas se penetrem como os nossos corpos. E agora, que achei o meu eco, deixa-me gritar tudo o que me sufoca. Quero desembaraçar-me de mim mesmo! E verás que adorável criança, que ingénua criança o teu amor fará surgir dêste monstro que eu sou ..

¿Chegaste, minha Princesa? Que o Horto Fechado abra o portão de oiro ao seu jardineiro ..

Ela há de sorrir, sem dizer nada. E seus olhos verdes, profundos como de criança, hão de cerrar-se pesados de amor. E contra o meu peito, Ela deixará cair o manto azul.

JOSÉ RÉGIO.

MÃOS POSTAS

As vossas mãos de neve ao Alto erguidas,
Na suavíssima prece a que vos dais,
Téem um não sei quê de incompreendidas
E místicas feições ascensionais.

Azas de sensações indefinidas
Alongando-se em ânsias divinais,
Juntas, são o crisol das dores vividas
Que vós em linhas d'êxtase mudais.

Mãos de renúncia e fé, purificadas,
Nas esfingicas formas maguadas,
Que são sonho de luz... sendo só vida...

Dêdos — lágrimas lindas alongadas,
— Prece chorada em ânsias torturadas...
— Lágrimas d'Alegria agradecida...

BERNARDO MARVÃO.

CONTO DE AMOR

Portanto, as duas filhas
de Lot conceberam de seu
próprio pai.

Genesis, XIX-36.

NAQUELE tempo não viera ainda Jesus à terra e a árvore, que em suas virtudes floresceu por caminhos da Judeia, nos póços de Samaria e nas pedras do Calvário, era maneirinha e tenra como um vime. Uma folha verde dessa árvore verde nascera há pouco e o nome que lhe chamavam fôra Lot. Ora êste era um homem de bondade e que sempre achara graça diante do Senhor. E aconteceu que, como Abraão fôsse habitar em Canaan, assentou Lot o seu viver nas terras que ao lado do Jordão viviam felizes. Mas as terras que estavam dêsse lado do rio eram Sodoma e Gomorra e os que nelas habitavam eram alegres e ansiosos de viver; daí, o dizer-se que êles eram de costumes preversíssimos e em extremo pecadores diante de Deus. Pois desde o dia em que o Anjo expulsara com sua espada de fôgo o Homem do Paraíso, fôra o desejo de viver a vida inteira um crime horrendo. Mas Lot era um homem honrado e nunca seus passos se perderam do trilho que ao ceu conduz. No paíz, onde habitava, havia uma cidade que chamavam Segor. O homem que adorava a Deus teve duas filhas; uma era morena como as frutas bem maduras e tinha olhos pretos e cabelos negros; e eram tão fundos

os seus olhos como os poços dos oásis, rasilhos de água ao pôr do sol; e o seu nome dizia Séfora. Ora Séfora era já mulher e tinha na pele o calor divino das que nasceram para o amor. A outra era novinha e tão branca como as areias brancas do deserto. Puzeram-lhe o nome Zelfa. E esta não sentia o desejo de se dar.

Neste correr das horas os habitantes do paíz tinham cada vez mais a ânsia da vida, num presentimento de que a morte andava perto. Sucedeu que uma tarde, á hora em que o côrpo do sol descia ao mar, Lot viera á porta de sua casa tomar o fresco.

Cantos subiam da terra, era o vento macio como um perfume de incenso e um jumento branco subia a rua carregado de limões. O homem orou ao Senhor que mandava todas as manhãs um sol mais novo e bem-fazejo, que fazia de cada noite uma outra noite mais estrelada e formosa. Sua prece subia até ao alto e quando acabou, o sol tinha-se afogado, deixando as nuvens vermelhas, côr das lágrimas de sangue. E os que habitavam a terra dos lados do Jordão eram mais ansiosos de viver o último minuto de vida. Passou rua abaixo, vindo dos lados do rio, um pescador chamado Abigail e que era o namorado de Séfora. Vinha a sombra

CONTO DE AMOR

ainda como um veu de malha rala, mas no ar andava o perfume brando dos fenos e do nardo. Lot sentia-se triste e tudo á volta cerrava os olhos.

Era a hora em que as candeias se acendem que é a mais dolorosa hora de entre dia e noite.

Chegaram então dois anjos e Lot os recebeu em sua casa; da vitela mais gorda fez manjar delicado, do cabrito mais formoso fez acepipe de donzela e um grande banquete se preparou. Quando os anjos comeram, um dêles disse a Lot: — « A ira do Senhor caiu sôbre esta terra maldita. Sai dela tu e os teus, leva os rebanhos, os servos, as tuas filhas porque a ira do Mais Forte se voltou para êste lado. Fui eu quem levou a Adão a ordem de deixar o Paraliza e desde aí, dissera Deus que o homem seria infeliz, ganhando o pão com o suor do seu rosto.

Deixei-o amaldiçoado e todos os que dêle vieram foram desgraçados nos dias da sua vida. Mas a árvore do mal envenenara-lhe o sangue e para o mal lhe dava azas; por isso, o homem ancioi por descobrir o vinho e fez nascer a embriaguês e, mais do que isso, descobriu o amor. Viu êle que o amor era bom e capaz de matar a desgraça; lançou-se, pois, no amor. Os desta terra foram dos que mais o buscaram. Assim vivem, felizes de prazer, porque o amor os não deixa sentir a tristeza. Como vês, isto é um ludíbrio aos decretos do Senhor; por isso hão-de perecer, sentindo na morte o mal que em vida não sentiram. Parte,

deixa-os morrer, segue o caminho da Verdade ».

E fugiu Lot até um monte onde havia uma cidade que chamavam Segor. Levou consigo as duas filhas, « e saía o sol sôbre a terra quando Lot entrou em Segor ». Nêsse monte havia uma caverna para que as panteras do deserto criassem os filhos e comessem os cordeiros. As duas filhas de Lot estavam com êle e a mais velha era mulher, mas a novinha não tinha ainda despertado para o amor. E então disse a mais velha para a mais moça: — « Zelfa, ¿ sabes o que são aquelas chamas? Arde a terra onde nunca mais tornaremos. Abigail lá ficou, estará morto a estas horas, mas o que me doi não é a sua morte é a saudade do seu corpo. Tu não me comprehendes, não sabes o que é o amor, mas na minha carne há o desejo doutra carne mais forte, tenho na pele um calor que só outra chama poderá apagar. Abigail era um homem, e aqui sôsinhas, que será de nós, só com nosso pai, quási velho. Zelfa, tu não sabes, és criança, mas o amor é a única coisa que de bom gerou a terra. Tudo o mais é mentira ou longínquo eternamente. Lá aprendi a bebê-lo por taças brancas e vermelhas que eram as bocas dos que beijeji. Era um vinho que me embriagava, que me fazia delirar ao primeiro gole, que eu saboreava doidinha de prazer. Tu não sabes a beleza que há numa cabeça loira, com anéis da côr do sol — ».

Vinha dos longes um ruldo apa-

CONTO DE AMOR

gado de tremor de terra, uma vermelhidão coloria o céu tão sereno e quieto como ao amanhecer. O fumo que subia era uma sombra ténue a espalhar-se. Dentro, Lot dormia serenamente, pálpebras voltadas ao tecto da caverna. À porta, a moça respondeu:

— «Séfora, não te compreendo bem. Falas de modo estranho e eu não sei o que é o amor. Mas ouve, a minha boca vai-se tornando rubra, sinto no peito crescer um pêso delicioso, há no meu corpo um aroma que perturba, eu estou triste quando vejo um homem belo, Séfora, ¿ poderei eu compreender o que é o amor? »

— ¿ Doida, pois que é isso que sentes? Agora és amorosa sem conheceres, porque a tua carne deseja, porque o teu corpo tem a graça frágil das palmeiras bravas. Mas has-de ver o que há de divino na posse dum ser humano, ou na dádiva do que somos mais intimamente. Amar alguém, não porque a alma o peça, mas porque o sangue de todas as veias o quere, amar em absoluto, seja a quem for, abstraíndo de tudo, só porque é homem e é forte e nós somos lindas e mulheres, há lá nada mais digno de nós! Era assim que além se vivia, minha irmã. Aquelas chamas que sobem, que se enroscam, que se apertam como cobras, são os desejos dêles, são os corpos dos que que amaram, feitos chama e loucura. ¿ Zelfa, não sentes ainda o prazer que nos traz o amor? »

— Deixa-me, fazes-me mal com essas falas, tenho uma vontade infinita de te esmagar nos braços, seio

contra seio, até fazer doer. Séfora, não fales mais, eu sinto o que dizes e se meu corpo lanço ao chão, parece-me que a terra estremece à minha beira e que o pó se levanta para me beijar a boca. Séfora, beija-me também, todas somos pó.

— Louca, acordaste agora e tens ainda a vista deslumbrada. Ouve, ali dentro está nosso pai; já não é novo, mas ainda é homem. Já não é a água cantante, rindo nas nascentes e onde a gente pode matar a sede com delícia; mas é água que pode matar a sede e é a única que neste ermo nos aparece. ¿ Zelfa, se nós roubássemos a nosso pai o que êle nos roubou, tirando-nos de Gomorrha? . . . »

E nessa noite, já havia luzes no céu e pasmo na terra, as duas ergueram-se, enquanto Lot considerava as estrêlas. Séfora veio até êle e falou:

— «Pai, estávamos deitadas, mas o sono não veio a nossos olhos. Deixá-nos distrair e, se quizeres, ouve os nossos cantos.»

E agradou a Lot que a filha cantasse pois o seu coração estava triste. As duas sentaram-se numa pedra redonda por tanto nela ter passado o rastro das panteras. Na noite serena, cheia de lumes, com árvores sonâmbulas a falar ao vento, o canto de amor elevou-se, ténue primeiro, como um beijo dado a medo, abrindo depois em repêlões de desespero, alargando como um rio de desejo e morrendo exausto por toda a terra. Uma palmeira ao longe curvava-se a escutar e Lot deixara de ver as estrêlas para olhar a filha. De novo a voz se

alou, extensa como um mar, tal se fôsse a ânsia de todas as que até ali tinham amado e respondesse o éco das que haviam de amar até ao fim do mundo. A terra inteira escutava e deixaram no ar de sorrir as estrêlas. Zelfa tinha na cara duas rosas vermelhas e os olhos fagulhavam. Lot, perturbado e confuso, pediu água; mas a mais nova disse-lhe:

— Tens aqui vinho feito de cachos que nós pisámos; trouxe duas ânforas de Gomorrha, ¿queres beber do nosso vinho, pai?

Lot tomou a ânfora, pô-la à boca, e bebeu a fartar. Séfora sorria de modo estranho e Zelfa não podia despregar os olhos do corpo do pai. Ânfora vasia, Lot olhou-as estúpida-mente, sem lembrança de Deus ou dos seus preceitos. Era um homem que bebera o julzo e disse às filhas:

— «Dai-me vinho, esta ânfora era pequena como a sabedoria das mulheres, trazei-me outra e vêde se o vinho é mais fresco, porque êste fazia sêde.

E esvasiou até às fezes a ânfora que lhe trouxeram. Depois, caiu na areia e as duas filhas riram como doidas vendo-o por terra, semi-inconsciente, olhos piscos e tartamudo.

Levaram-no em braços, um riso babado, desejos acordando na carne sem alma atenta. Deitado ao comprido as duas despiram-no e Séfora observou:

— «Não se parece nada com Abigail. Olha, fica tu, se queres, com êle e eu virei logo que durmas.

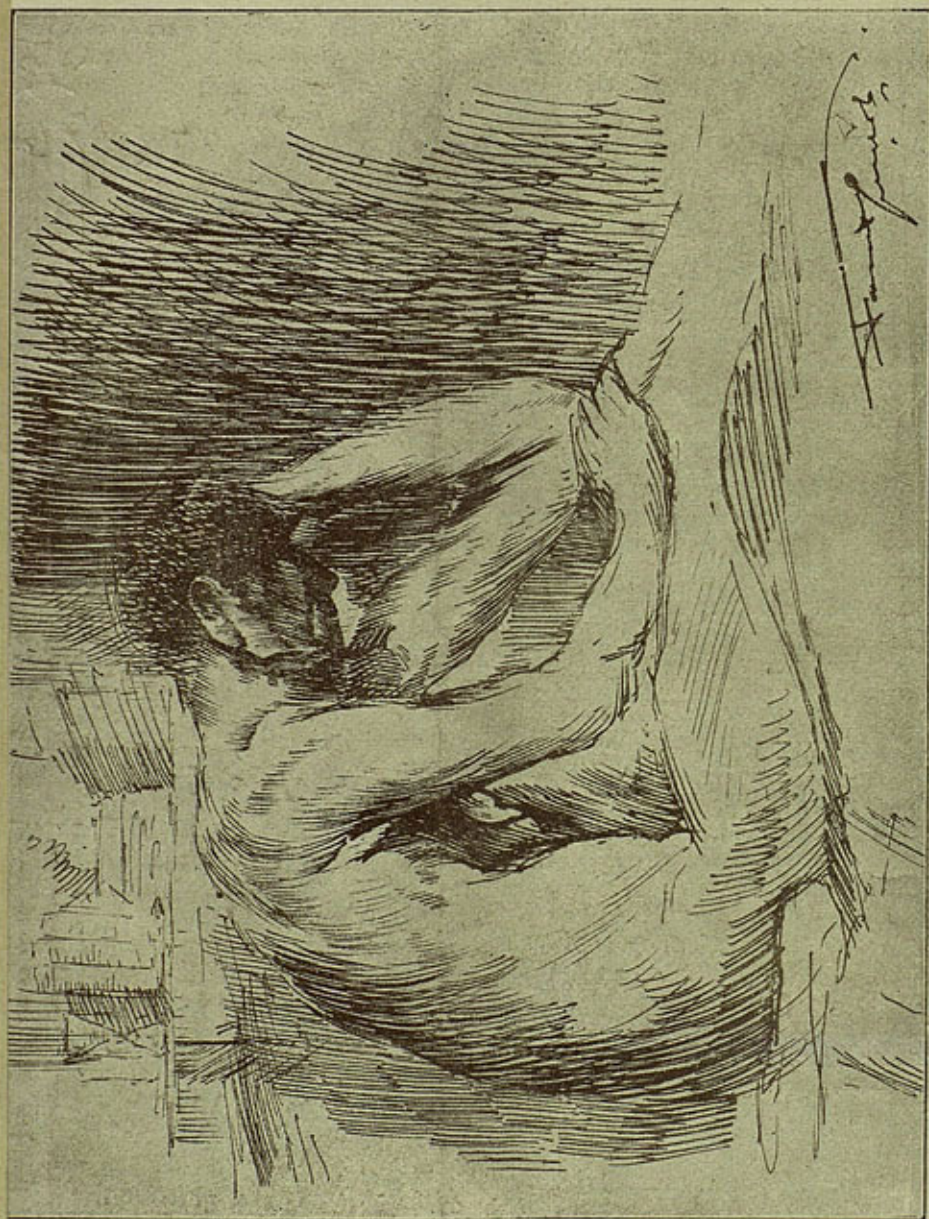
Mas a irmã tremia ante o mistério e olhava arquejante a face sorridente do pai desnudo.

— Não, eu não sei nada, tenho mêdo, fica tu, ensina-me Séfora, minha linda.

Mansamente, um sorriso eterno nos olhos luminosos, nervos contraídos por baixo da pele serena, Séfora tirou a túnica e ficou nua. Raios de luar marinhavam nas palhas da caverna. Mais serena ainda, sob o olhar candente da irmã que ao lado se segurava às pedras, deitou-se sôbre o pai que ria imbecilmente. Vieram mais raios de luar brincar sôbre os corpos enlaçados do pai e da filha e na sombra os olhos de Zelfa luziam, luziam, como os das panteras espreitando a presa. Lá fora, era cada vez mais serena a terra, e na funda quietação só os raios de luar saltavam doidos sôbre os dois corpos enlaçados.

M. C.

ESBÔÇO de Fausto Gonçalves



SONETO

SINTO-ME mais poeta em vós cuidando,
Senhora, e conto os anos pelos dias,
dês que, do meu olhar, as alegrias
em vosso olhar levastes, abalando.

Nem o Rio que chora limpo e brando,
nem do Jardim as tardes doentias
têm as saudosas horas frias
de quem vos viu partir, sempre acenando...

Assim, amortalhado em noite escura,
neste do coração desassocêgo,
só um alivio às vezes me procura:

É quando o vosso nome ando, ao Mondego
e aos montes ensinando e á verdura,
tal como a linda Ignês posta em socêgo.

JOÃO D'ALMEIDA.

ROMANCE ANTIGO

Em Coimbra. Alcáçova real. Sala do trôno. A côrte serôa. Cavaleiros de rôsto tostado, trajando gibões de mil matises, comentam em volta do rei os últimos combates, mão na cruz das misericórdias e batendo querençosos no sobrado com seus borzequins ponteagudos. Donas e cuvilheiras, em escanos doirados, rodeiam a rainha sob um sobrecéu franjado. Donzêlas pisam o chão gracilmente com seus chapins broslados em dansares airosos, e riem das momices e trejeitos dum mómáro corcovado. Ao fundo, junto de uma ogiva engrinaldada, D. Rodrigo Vaz de Portocarrêro fala com Constança, senhora de alvas mãos. Na sua voz e no seu rôsto palpita uma grande tristura. Constança, esquivada a seus doneos, recusara-lhe justamente um botão de rosa, branco e perfumado. Os tropeiros dedilham as teorbas e cantam um romance de amor.

D. RODRIGO — Ah! Senhora, que sorte mesquinha me trouxe junto de Vós!... Vivia tranquilo, ledos corriam meus dias nas montanhas ásperas entre galgos e gerifaltes... Mas vi-Vos e os Vossos encantos enfeitiçaram-me! Quem havia de dizer a que chegaria D. Rodrigo...

CONSTANÇA — Mas eu não sei o que é o amor! E depois... sabeis... há uns tempos para cá, quando escuto o canto dos menestres, não compreendo o que se passa em mim... julgo alheiar-me de tudo, erguer-me muito alto, gosar uma doçura nunca sentida... Apetecia-me ser arrebatada na garupa dum ginete veloz por montes e vales sem fim, envolta num luaceiro de prata! Ter um braço forte a que me amparasse... Nem eu sei o que quero! Nunca ninguém me agradou... nunca... E quantas vezes tenho ambicionado fugir para distantes terras, aonde meus olhos só se quedem em olhos desconhecidos! Amor, D. Rodrigo! não sei o que é... Mas deve ser muito ruim amar! Sois ultimamente tam triste...

D. RODRIGO — Perdoai Senhora, enfado-vos... eu sei! Não será por muito tempo... Breve serei longe... muito longe... Mas antes peço-vos, uma vez ainda, essa rosa que há pouco era fresca como as côres da madrugada e que vossos dedos mortificaram. Não tem valia para vós, como vêdes... e para mim será um símbolo querido.

Constança fica pensativa; mas dá-lhe a flor flagelada. D. Rodrigo corteja gentilmente e some-se pela porta ao fundo, levantando um reposteiro armoriado.

*

* *

ROMANCE ANTIGO

Nas montanhas da Beira. Cai a tarde. A região é duma magestade que palpita nas puas dos montes, nos alcantis cortados a pique sôbre ribeiros caudalosos. Ao longe, a topetar com o ceu, ergue-se altaneiro castelo. Semelha uma águia negra que fincasse as garras aduncas na dureza da rocha. Por entre os cubelos avistam-se as esculcas sondando penetrantemente os longes sombrios. De repente uma trombeta sôa. Além, naquelas fundeiras, um cavaleiro passa, lambrequins ao vento, calcando o trilho árido que conduz ao castelo. Chega. Homens de armas descem a ponte levadiça. E' D. Rodrigo que procura seu pai, o castelão D. Afonso.

D. AFONSO — Filho, tu por aqui? Novas da Côrte?

D. RODRIGO — Muitas, Senhor, algumas graves. Segui-me, é urgente que vos fale.

Os dois abandonam as muralhas, atravessam a sala de armas, perdem-se nos corredores sombrios.

Em Coimbra. A Côrte não folga. Ouve narrar as proêsas que um cavaleiro moço andara obrando lá para as bandas do sul. Feitos de bravura como nunca houve outros; talvez milagres, talvez prodígios. Conta-se que depois de ter forrejado os poentos e sáfaros páramos alemtejanos e de ter atagantado com a folha da sua espada os perros infiéis, o cavaleiro esforçado num desvaio, entrara com o balsão desfraldado e com os parcioneiros nos esquadrões sarracenos.

Que o seu montante afeleado abrija largas clareiras, esposteando a carne inimiga. Que a sua figura esbelta desprendia um fulgor tam estranho, que os moiros mais apavorados do que desnorteados pela sangueira, debandaram trigosamente, abandonando no campo acervos de cadáveres.

Ainda há pouco um mensageiro carregado do pó dos caminhos viera anunciar que o guerreiro adolescente, para rematar seu rosário de façanhas, decidira meter hombros a uma temerosa empresa. Um dia, nas suas correrias sem norte, lobrigara lá no alto de penhas alterosas certo castelo roqueiro que as nuvens quási tocavam e que arrogante desafiava a ira dos cavaleiros da cruz. Logo ali prestou juramento sôbre o punho da sua espada, de que três dias se não passariam sem que as suas sapatas de ferro pisassem dominadoramente os corpos dos defensores.

Fôra com os seus pela calada da noite, encoberto pelas giestas bravas. Lá em cima, nas muralhas cimeiras, as roldas passavam raramente. Sem rumor, uma escada fôra alçada; e logo o cavaleiro moço, bulhão nos dentes,

ROMANCE ANTIGO

marinhara diabrilmente até ao reduto altaneiro. O seu montante de rijo batalhador contivera bem a aluvião da moirama até que a hoste entrou no castelo, arrombando com as cortantes achas de armas as carcovas resistentes.

Havia agora no salão amplo, com tectos de castanho apainelado, uma impetuosidade incontida, a revelar-se no fulgor dos olhos, no apertar das espadas. Entre todos, Constança, com os claros olhos garços a brilharem desusadamente tinha um leve rubor nas faces brancas. Na sua alma insatisfeita o perfume da narrativa caíra qual semente, e desabrochava numa quimera como os golfões dos lagos recônditos.

Disse-se ainda que, quando os moiros tresloucados se precipitaram nos fossos, alguém procurou o cavaleiro moço. Desaparecera. E os dias foram passando, baldadamente, sem que novas chegassem do guerreiro donzel. Já a lenda a pouco e pouco crescera e se toucara de flores espirituais para depois emurhecer, quando começou de soprar o vento áspero do esquecimento.

A côrte voltara a galear, sécia e louçã; só Constança não olvidara o cavaleiro esforçado.

Entrementes os torneios sucediam-se num entusiasmo e com um aparato nunca visto; os saraus maravilhavam. Mas, de cada vez que a luz se extinguía, a alma de Constança vestia mais de roxo. Só a canção dos bardos a acariciava com as brandas falas de encantar; só a voz meiga dos alaúdes fazia arfar seus seios encobertos pela cambraia fina.

Certa noite de Abril, bordada de estrêlas, donzel palaciano viera dizer a el-rei que um viandante pálido chegara extenuado e que pedia pousada. Que a sua voz era bela como a das fadas agarenãs, que apareciam a cantar junto das fontes dos caminhos; que o seu porte era donairoso. Que deveria ser príncipe de linhagem ou poeta trovador.

El-rei logo o aposentou em câmara agasalhada e lhe mandou servir iguarias finas. E se troveiro fôsse, que gostosamente o desejaria ver e escutar.

Tempo depois o Trovador entrou, levantando o reposteiro; vem rebuçado num manteu da côr da noite e traz a cabeleira farta ensacada num capelo resguardador. O aspecto misterioso do rapsodo faz suspender todas as falas.

REI — Vindes de longe?

TROVEIRO — De muito longe, Senhor!

REI — Sabeis entam cantares de amor, meigos e sentidos em que haja castelãs gentis e andantes cavaleiros?

TROVEIRO — Senhor, meus cantares só falam de tristeza... não sei de outros.

REI — Embora troveiro, começai. Apraz-me ouvir vossos penares.

ROMANCE ANTIGO

O troveiro coberto de negro, olhos e cabelos negros, toma a cítara; e os seus olhos partiram ardentemente negros em demanda de alguém...

Seus dedos morenos feriram brandamente as cordas da cítara, afugentando saúdades; sua voz semelhava o murmúrio queixoso das águas límpidas dos regatos, quando, ao morrer da tarde, abraçam os seixos alvos.

As trovas diziam que certo dia formoso, em que o sol sorria seus sorrisos de ouro, moço fidalgo viera para a côrte, trazendo consigo sonhos lindos de princesas e de infantas. Que na sua mente perpassavam desejos insofridos de igualar Galaaz e de suplantar Tristam. Que em prêlios luzidos mostrou a força do seu pulso e em montarias famosas o ardimento do seu sangue. Mas, não obstante primores de linhagem e atóitesa nas justas, seu rosto andava invariavelmente pálido,

E ao ver garbosos e altaneiros os companheiros ostentaram as côres da sua dama, sua desesperança não conhecia limites.

Ora numa festa em que se celebrava retumbante vitória, seus olhos tristes encontraram uns olhos tristes. Desde entam uma luz suave foi acariciando os penhascos árduos que calcava, suavizando-os. Mas efemeramente luziu, porque os olhos negros, em vez de sorrirem não disseram nada. Por isso o cavaleiro num desatino buscou adrede os maiores perigos. E a sua alma resplandecia quando, no fragor das lutas sanguinosas, corpo contra corpo, a sua boa toledana revolteava e gotejava sangue. Um dia chegou, em que êle sentiu que sua vida findava. Cavalgava garboso morzelo, à frente da algará assoladora; seu perfil esbelto recortava-se na imensidade da campina. Como o mais denodado cavaleiro da Távola Redonda êle ia filhar certo castelo cimeiro, altivo como o crescente mussulmano. A meio da campina a cavalgada estacou; e entam a mão do guerreiro misterioso, entreabrindo o arnez, procurou umas pétalas finas, engelhadas, que levou fervorosamente aos lábios; depois sacando do longo montante beijou-o no lugar em que sobresaía um escudo de armas.

Uma hora passou; duas horas passaram. No castelo esvoaça já o pendão das Quinas.

A guerrilha audaciosa, com os olhos em Cristo, tinha trucidado, num delírio de sangue, a guarnição agarena, não sem que no peito do cavaleiro cimitarra moirisca viesse tredamente abrir larga brecha. Entam o guerreiro, meio desfalecido, recordou a dama gentil dos olhos tristes, e teve um medo imenso de morrer sem que os olhos dela, uma vez só, pousassem acariciantes sôbre a punhalada cruel. E de povoação em povoação, com a ajuda de velhos e crianças, seus pés foram-no arrastando até à côrte. Ai seus lábios refrescaram-se em covos tarros de vinho e seus pés descansaram. Mas na sua alma, a flor da saúde havia dado lugar à flor do desalento, e no seu peito a ferida abria os seus lábios rubros.

Quiz entam visitar os lugares antigos, tam cheios das suas esperanças.

ROMANCE ANTIGO

Tudo estava na mesma... E o cavaleiro viu, e quiz ver ainda outra vez, para depois morrer.

A voz do citaredo agora tremia, chorava acompanhando o arrabil. E quando ainda andavam no ar as últimas xacaras, ante a corte emocionada, o menestrel caiu desfalecido sobre um escabelo. Acudiu gente; chamaram o fisico. Arrancaram-lhe o capêlo; a cabeleira negra surgiu a emoldurar-lhe o rosto moreno. De todos os lados saíra unisono um grito de espanto. « Parecia D. Rodrigo... que semelhança! ».

CONSTANÇA, ansiadamente: — Troveiro, quem sois vós?

TROVEIRO — Senhora, um pobre menestral como vêdes!

CONSTANÇA — Dizei a verdade. Vosso porte é de fidalgo; vossos gestos são de fidalgo. (arranca-lhe o manteu; um guerreiro surge vestido de ferro. No peito um penso de linho ensopado em sangue) num grito: D. Rodrigo?... Vós... Sois Vós, entam o Cavaleiro do sul?... Respondei, suplico-vos...

D. RODRIGO — Senhora, sim! Prometi que não mais Vos enfadaria, cumpri a minha promessa. Dentro em pouco D. Rodrigo Vaz de Portocarrero, irá repousar no sarcófago de seus avós. Mas porque chorais? Dizei, não estais contente?

CONSTANÇA — ah! D. Rodrigo! Pois não vêdes que depois que desaparecesteis, nunca mais sorri, que me vesti de luto, que ia pouco a pouco morrendo do tormento de Vos não vêr...

D. RODRIGO — Senhora, vossas palavras fazem-me mal. Pode lá ser verdade o que diseis!...

CONSTANÇA — (num ímpeto): Por Iseu vos juro que meu coração é vosso...

O cavaleiro cada vez mais branco, solta um grito. Segura a tremer as mãos alvas de Constança... beija-as longamente... Procura no peito as folhas inteiriçadas do botão antigo raiadas de sangue: « Constança, sinto-me morrer... mas... deixo-vos... o meu amor... » Entrega-lhe as folhas a sangrarem. Em volta aqueles homens membrudos, soberbosos, confundem suas lágrimas com as das donzelas. Constança desmaia.

O fisico abana a cabeça num gesto de desalento.

Coimbra — Maio de 1923.

LUI\$ VEIGA

Lá na serra,
 Entre fragas solitárias,
 Onde o vento se desterra,
 Sonhando quimeras várias. . .
 Onde à noite a lua cheia
 Vai passear desdenhosa :
 Correu há tempos n'aldeia,
 Que fora vista uma moira,
 Mui formosa! . . .

Á tardinha, quando o Sol
 Desfia na dobadoira
 Os seus doirados novelos :
 Seus cabelos! Era vê-los
 Como as searas de Julho!
 A sua voz d'encantar
 Era tal qual um arrulho
 De pomba que vai noivar.
 Ou canto de roussinol
 De joelhos deslumbrado,
 Namorado
 Do luar! . . .

Seus olhos negros, profundos,
 Falavam d'extranhos mundos
 D'amargura

Maio, 1923.

E de celeste ventura
 Feita d'amor e ternura. . .
 Tinha essa graça ideal,
 A delicada esbelleza
 De quem foi amamentada
 Com carinho maternal,
 Nos seios da Natureza! . . .

Foram velhinhos curvados
 E moços extasiados
 Em busca da moira bela :
 Mas só topavam (que mágua)
 Alguma perdida estrêla,
 A espreitar d'alguma frágua,
 Longe, nos longes da serra,
 Onde o vento se desterra,
 Onde nasce a lua cheia! . . .

E há dias, n'um alvoroço,
 Correu a nova n'aldeia,
 Que a linda moira existira
 E sorriera

Um riso d'esplendor,
 Na fantasia dum môço,
 Que se finara d'amor . . .

FAUSTO DOS SANTOS JÚNIOR.

A MORTE DE LUISINHA

HAVIA cinco anos que a Luisinha se não erguia da cadeira de verga da sala de jantar.

De manhã levantavam-na da cama e depois de a vestirem traziam-na em charola e ali a sentavam até à noite, depois do chá. Ficava imóvel, os braços caídos, sustentando ao fundo as mãos muito brancas, que faziam lembrar rosas emurchecidas. Os cabelos negros, como carvões, apartavam-se em dois bandós, presos atrás por uma farta trança bem cuidada. A tia Francisca, coitadinha, todos os dias se esmerava em alindá-la... Penteava-lhe os cabelos, pulia-lhe as unhas e vestia-lhe um lindo vestido côr de rosa. Tinha tanta pena dela!... Criara-a desde pequenina. Foi quando um dia lhe morrera a mãe — tinha ela quatro anos — que o irmão lha trouxera de noite, muito agasalhada num chaile de flanela e lhe dissera lavado em lágrimas: « Trago-te a minha filha... cuida-me da pobresinha que já não tem mãe ».

E a tia Francisca assim fizera. Fora para ela sempre mãe estremosa e agora era enfermeira paciente, desde que lhe viera aquela maldita doença. Aos domingos ao voltar da missa trazia-lhe um ramo de violetas, e a Luisinha deixando descair o lábio inferior, ficava-se a sorrir como que a agradecer-lhe a lembrança generosa.

Gostava tanto de flores!... Um dia até pedira à tia que lhe deitasse muitas flores no caixão, quando morresse.

Ao menos enquanto tivessem aroma, não havia de cheirar mal.

Tinha tanto medo de cheirar mal!... Assim até os bichos entrariam com ela mais depressa.

E àquela ideia dos bichos a roerem-lhe as carnes tenras, estremecia toda e desatava num choro pegado.

Vinha-lhe aquele horror aos bichos e ao mau cheiro, desde há muito tempo. Fôra duma vez que uns operários bateram à porta de manhã e subiram pelas escadas conduzindo às costas um corpo morto.

Tinham-no encontrado estendido na valeta, à porta da taberna do Roxo, numa poça de vinho vomitado.

Abanaram-no, e êle sem dar sinais de vida. Estava para ali gelado, a barrega inchada como buxo de porco.

Lembraram-se então de o levar a casa e ao descerem as escadas diziam uns para os outros « cheira mal, que trezanda », « já entraram os bichos com êle ». A Luisinha cheia de curiosidade espreitara por uma fissa da porta e reconheceu, que aquele monte de carne disforme e mal cheirosa, era o pai, que todos os dias entrava para casa cambaleante e cheirando a água-ardente recosida.

E aquelas palavras que os operários disseram a meia voz, cochichando, ficaram-lhe marcadas no cérebro, como estigmas de condenado. Quando lhe vinham as dores mais agudas, parecia sentir na cabeça um ferro quente a riscar morosamente,

A MORTE DE LUÍSINHA

« cheira mal que tresanda », « já entraram os bichos com êle ».

Dava gritos como se lhe estalasse o caco e ficava a tremer, a tremer, com o lábio superior arregaçado, deixando vêr os dentes alinhados e brancos. Semelhavam badaladas em sino velho que ficavam a soar, a soar demoradamente.

E as carnes todas se lhe contraíam e os ossos rangiam nas articulações. O que lhe valia é que essas dores vinham raras vezes — só lá de mês a mês. Oh! mas quando elas davam, era gritar que punha a casa toda em alvôrço

Perto do oratório, que tinha todas as velas acesas, a tia Francisca, de joelhos e de mãos postas, erguidas ao alto, gritava desesperadamente: « Nossa Senhora! Nossa Senhora! me acuda! » A Luisinha sentada na cadeira de verga tinha os olhos esgazeados e estava lívida como um cirio do altar. Da boca saíam gritos, que eram quási gemidos, de tão fundo êles pareciam vir.

Dizia palavras soltas, desarticuladas, e às vezes ficava suspensa, olhando o tecto desvairadamente.

« Os ossos! Os ossos! parecem de lume ». E a pobre louca via desenhado no canto escuro da parede um esqueleto enorme, colossal, cujos ossos pareciam feitos de fogo vermelho.

« As costelas! As costelas! . . . » Oh! as costelas eram serpentes, que se apertavam umas às outras em abraços descompostos.

O crâneo parecia uma massa esverdeada e húmida, donde escorriam molemente gotas dum líquido infecto

e nauseabundo. Nas faces do esqueleto ainda havia uns restos de carne podre onde os vermes passeavam lentos e demorados.

O esqueleto cautelosamente arriscou um passo e a cangalhada de ossos batendo uns de encontro aos outros, rangeu « Trac . . . trac . . . ».

Nisto do peito e das órbitas, saíram um bando de corvos espantados que ficaram a esvoaçar pela sala, batendo as asas lugubrememente.

Luisinha, como que reunindo forças sobrehumanas ergueu-se um pouco na cadeira e gemeu surdamente « os corvos. . . tão negros. . . ».

Fixou de frente as órbitas vazias do esqueleto e êle erguendo o braço em sinal de silêncio disse pausado e descansado: « Filha! . . . não tenhas medo dos bichos e dos corvos. Em noites frias são êles que me valem. Começam a zagarelhar-me nos ossos e é como se fôsse um capote de lã finíssima. . . ». Depois voltando as costas, dirigiu-se para o escuro. Mas a certa altura parou e como se tinha esquecido de fazer à filha uma recomendação importante, tornou num sorriso irónico; « Não tragas flores, quando vieres!... Deitam um cheiro que eu não posso suportar. . . Além disso, mal aqui chegam secam logo como se as crestasse o fogo! » Desapareceu então de vez e a parálitica desamparando-se das pernas caiu no chão, fazendo um baque surdo.

A tia Francisca apegada à Virgem do oratório, continuava: « Nossa Senhora! Nossa Senhora, me acuda! . . . »

VASCO SANTA RITA.

NUM POENTE DE INVERNO

E morto o nosso amor — a vida é morta

E dentro do meu peito sepultada.

Já não oïço o teu passo pela estrada,

Que abraça a tua porta à minha porta.

Tua mão delicada já não corta

Os cravos no craveiro da sacada.

Já não és a Andorinha Namorada

Com sol nas pênas pela noite morta!

Do teu retrato vejo só a tela.

Plangem na sombra, em côro, as minhas máguas,

E o cirio que benzeste já não arde!

— Como cai no naufrágio a última vela

Sobre a frieza trágica das águas,

Na minha alma de luto cai a tarde...

Coimbra, 1921.

ANTÓNIO DE SOUSA.

A EXPOSIÇÃO DE FAUSTO GONÇALVES

IMPRESSIONES

15: GONÇALVES é um pintor nacional mas localizado em Coimbra e seus arredores. E', principalmente, um paisagista mas reportado a uma espécie de paisagem. Nem sequer desce até ao mar a tentar uma marinha.

Fausto Gonçalves teve, contudo, o condão de encontrar o campo pictural mais de harmonia com o seu temperamento. O artista não é um produto do meio: é um individuo que nasce predestinado para realizar uma coisa.

Um dia, ao despontar da adolescência, no cancan dum rochedo, na originalidade duma *nuance*, nos trilos musicais duma ave, surpreende o ramo das belas artes em que deve integrar-se. E' uma hora solene de de baptismo, depois da qual êle fica Escultor, Pintor, Poeta...

Mas dentro de cada ramo artístico o campo é tão vasto... os géneros tão diferentes... ¿Aonde e como fixar-se?... Fenece a mocidade, sobrevem a vida, alongam-se os anos, e êle, desterrado de si mesmo, na ânsia de se encontrar, sem musicar o divino ritmo, sem contornar a forma por que aspira... e que, contudo, foi designado para criar.

F. Gonçalves foi feliz em nascer em Coimbra. Nasceu onde havia de pintar. Nasceu em Coimbra e o seu pincel era destinado a enfeixar o seu sol, a sua retina a embeber-se da sua vida duma paisagem como a sua.

Nasceu com espirituais qualidades de ternura e Coimbra deu-lhe o resto.

Noutro lugar, Fausto Gonçalves seria, talvez, um desses artistas que vivem esbanjando a sua actividade, perdidos na tortura de encontrar o que, para cúmulo de incerteza, em certo momento entreviram...

E assim, o seu toque foi adquirindo crescente valorização e segurança pela especialização nos valores desta paisagem, pela gradual iniciação no encanto da sua luz e da sua côr.

O aperfeiçoamento não se consegue com a divisão, que não é sinónimo de renovação. E é exactamente com a renovação que Fausto Gonçalves consegue manter a originalidade. Renovação de interpretação e renovação de efeitos.

Originalidade nem sempre significa inovação, nem Fausto Gonçalves tem êsses propósitos.

E assim, é o eterno equilibrio, de transições graduadas e cromatismos serenos que mais lhe conyem. Sem a amplitude imaginativa de Rubens, tem a correcção de Ticiano.

Coimbra, em aspectos renovados sempre, reproduzidos nunca, que para nós, de Coimbra, são bem revelações.

Ele pinta-a com mais do que sinceridade: com ternura.

E é principalmente o mimo e a graça da sua paisagem, a diversidade dos seus aspectos, a que não faltam longes saudosos, a viveza do seu sol, que nos mostra.

A EXPOSIÇÃO DE FAUSTO GONÇALVES

Os seus recantos mais preferidos, as suas *nuanças* mais típicas, tudo nele se encontra.

Em Fausto Gonçalves as naturezas mortas não existem. Tudo vive a sua hora. O passado mal se reflete em algumas telas, em ténues penumbras de evocação. O seu sol não é um sol decadente, mas um sol vivo e translúcido, como se o mundo hoje fôsse criado ou ele pintasse no princípio do mundo. Também nele o vago, o picaresco e o tétrico não existem; quási sempre nitidez e uma suavidade que roça pelo misticismo.

E' curioso o seu processo dominante. Nós vemos a maioria dos pintores completar primeiro a figura e esboçar-lhe depois um fundo — uns, incrustando-a em scenografias longínquas, de perspectivas fantásticas, sem relação com ela, como uma cortina mágica descerrando-a...; outros, aproximando-a do que na vida realmente a rodêa. Fausto Gonçalves tem um processo diverso: tonaliza o quadro até às mais esfumadas côres e coloca-lhe depois as figuras, como um último retoque a completar-lhe o sentido. E' êste o processo dos quadros «Trindades» e «Hora mística».

Embora à luz sempre subordinado,

vários artistas devem interpretar-se no sentido da côr. Em Fausto Gonçalves é o sentido da luz que predomina.

A luz é que define o quadro. E' ela a sua intenção, o seu processo inicial. Com ela apaga as expressões inertes, dando vida às côres, desmineralizando-as.

Mas de penumbras místicas, tornando os ambientes, de raras manchas hibernais, é ainda com a luz do sol, quer reverberando-se na folhagem, por detraz da qual o céu se pressente lavado de névoas, quer atapetando o solo em pequenas résteas, que consegue os mais belos efeitos, que revela melhor intuição.

Só muito ligeiramente me refiro a outro género de quadros, como «Hora do Chá» e «Doce enlêvo», interiores deleitosos, em que seria difícil interpretar em poucas linhas o que há aí de realização cabal dos efeitos que envida, de maravilhosa ciência.

Fausto Gonçalves parte para o Brasil aonde vai, decerto, firmar o direito de enfileirar definitivamente entre os mestres.

ALEXANDRE DE ARAGÃO.

AS PÊTAS DO SR. MAIA

ESFORÇO de meia dúzia de rapazes, a nossa revista não sonhou ter algum dia a honra de

ser objecto da crítica. No melhor dos casos, aventara-se a hipótese de ser troçada, desprezada, mordida

AS PÊTAS DO SR. MAIA

até; mas a dignidade de crítica, isso nunca, porque a crítica em si implica já a obra de arte e ela era apenas uma tentativa. O sr. Maia achou que nós seremos artistas, e ainda mais que somos — «moços aonde sem dificuldade se podem vislumbrar scentelhas de real talento» —. Por isso (seria só por isso?...) afiou a pena e disse de sua justiça, tal como diria o juiz de Cabeceiras em dia de jantar bem regado. No seu artigo há coisas sérias e há asneiras, mas estas nem sequer fazem rir; no conjunto o seu artigo fica — «muito parvinho, muito imbecilsinho, coitadinho!» — Bom será que tenha cautela, pois quando um homem da sua envergadura, alma recta e lavada de preconceitos, tendo a desgraça de viver á custa da graça alheia, começa a ir buscar a piada a Cabeceiras de Basto, é um homem perdido. Só lhe resta a graça divina que é suficientemente extensa para o abranger. Talvez aquilo fôsse uma questão de momento, que, reparando bem, o sr. Maia deve ter imenso chiste, deve ser da gente se escangalhar a rir.

O princípio do artiguinho é a parte séria, a que se refere ao título — Bysâncio —. Está bem e creia que cá por casa todos concordam e até pularam de alegria por o ver da mesma opinião; porque, enfim, o sr. Maia sempre é uma pessoa da capital, desfazendo reputações como nós sopramos o fumo, que é crítico numa terra onde nem Fialho os descobriu; foi por isso que ficamos todos — «conchos» — e o nosso

João de Almeida tomou mesmo a liberdade de lhe cingir na fronte aqueles — «esbeltos festões loiros de ventura» — com que o senhor se tinha engasgado.

Esta revista não é bisantina, bem pelo contrário, é o que nela se escreve, e o nome pouco significa...

De resto, o sr. Maia sabe bem a dificuldade que há em arranjar um título expressivo, que sintetise uma orientação geral, quanto mais no nosso caso em que as orientações são tão diversas. Conhece tanto como nós — «Revistas Portuguesas» — que nem lisboetas chegam a ser; coisas — «Contemporâneas» — que, olhadas do presente, já espinoteiam no futuro; — «Searas Novas» — em perfeita maturação e com uns desfalecimentos que indicam velhice; um — «A B C» — que anda há anos a soletrar estas letras sem conseguir ler correctamente; uma — «Águia» — que lembra a Fenix nas ressurreições e os mochos pelo voo. Deixam por isso de ser objectos de valor e de interêsse? Insurgiu-se o sr. Maia, por acaso, contra a incoerência que se lhe nota entre o título e o conteúdo? Nem se diga que nós representamos unicamente a tendência mórbida dum conjunto em decadência sensualista. Se leu os dois números publicados com olhos de ver alto e a direito deve ter notado que os estudantes colaboradores da — «Bysâncio» — são de variadas e opostas orientações, sem haver um só decadente e bizantino, no sentido derrancado. Há-os nacio-

AS PÊTAS DO SR. MAIA

nalmente espiritualistas como António de Souza, revoltados e sinceros como José Régio, singelos como Angelo César e Fausto dos Santos, para falar só da poesia, já que na prosa não achou bisantinices.

Dê-nos licença, sr. Maia, para que continuemos a viver sem o reclamo que a sua crítica nos trouxe, pelo movimento de curiosidade que em volta da nossa inferior situação veio agitar; (talvez ao contrário do seu bondoso intento . . .); guarde os seus lindos adjectivos e a — «bisantina» — fulguração do seu espírito para os valores que por aí passeiam a plástica invertida, e vivem com pavões num quarto andar, vendo-se na dura necessidade de os meter debaixo da cama, ao que se diz . . .

Até aqui, a parte de crítica do sr. Maia. O resto é o juiz de Cabeceiras de Basto, caíndo de bêbado, a tentar fazer espírito. Se nas insípidas piadas se descortinasse só a raiva de quem disse mal, chateando, por o não saber dizer a sério, o caso era para lamentar num jornalista feito e que nos dizem ser conhecido. Mas há ainda a ignorância reles de quem não sabe medir versos e vem petulantemente apontar-lhe os erros. Sr. Maia, pelo amor de Deus, olhe que o seu nome vai por água abaixo se continua assim a disparatar! Então não estudou um livrinho onde se aprende métrica e não teve ao menos a intuição de os medir pelos dedos? . . . O verso que indica está certíssimo, repare bem, porque é uma vergonha na sua idade êste desastre, de

mais a mais um homem de nome feito e reputação garantida. Aqui começa o sr. Maia das Pêtas a descambar na asneira. Tal e qual um tipo que por aqui passeia, com o exclusivo da mentira em grande escala, por junto é a retalho. É aquela sua descoberta de que um cacho por abrir nunca pôde ter semelhança com um seio! Desculpe-me, mas ou nunca viu cachos ou ainda está para ver as formas variadas de todos os seios, ou das — «têtas» — como a sua estética pecuária lhe chama. Não acredito na primeira hipótese, pois se mostra tão sabido em espécies vitícolas e quando mais não fôsse que por intuição tinha-lhe adivinhado a forma ao beber-lhe o sumo. Logo o sr. Maia é casto como José, não admirando Rubens, desprezando as estátuas gregas, nem frequentando exposições de arte com medo da indecência dos expositores. Faz muito bem, e aqui á pureza lhe confessamos que nós somos precisamente a mesma coisa . . .

Não se lembra que há em toda a Bíblia imagens mais estranhas do que essa, não ouviu lá falar dum homem — «leproso como a neve» —; não leu, por acaso, no Cântico dos Cânticos aquela graciosa comparação entre a Amiga e a cavalaria do faraó; não se recorda daquele Amado que é um ramilhete de mirra e morará entre os peitos da sobredita (veja lá que indecência! . . .); não tem presente aqueles cabelos que são como rebanhos de cabras no monte de Galaad? João de Almeida não se atirou à cavalaria nem às

AS PÊTAS DO SR. MAIA

cabrinhas do monte e apesar de ter o sagrado antecedente ficou-se pelos cachos, ficando ainda dentro do mesmo Cântico, pois que lá se compara a Amada ao vinho saboroso. E' ou não verdade, sr. Maia das Pêtas? Talvez que o sr. não lesse ainda o Cântico dos Cânticos, mas leia que vale a pena; apesar destas e doutras é da coisa melhor que o Homem tem escrito. Deve agora explicar-se aquela dos quadris lembrarem mãos; foi gralha, é — «mãos» — em vez de — «mãos» — como pode ler-se no livro de João de Almeida. Ficará assim certo, sr. Maia das Pêtas?

Quanto ao «*erguidos*» — dizem os amigos da terra, mais experientes do que nós, que existem — «*objectos*» — precisamente nessa orientação, e dada a sua castidade e ignorância neste ramo de conhecimentos o amigo Maia confirmou uma vez mais aquele rifão em que entra o silêncio, o ouro e a prata. . .

O sr. Maia das Pêtas mostra-se dum exclusivismo feroz nas opiniões morais, e quer também *integralmente* cristãs as dos outros; daí, o achar — «maus versos» — a — «Canção do Regresso» — só porque ela é escrita pelo blasfemo da — «Ultima Página» —. Aqui para nós (o Maiasinho não vai dizer isto ao homem. . .) esse José Régio é terrível: lê Holbach, admira Renan, chega a não acreditar integralmente na moral de Cristo, e até desconfio que tem as suas tinturas de anarquista. Que nós também achamos feio, como falta de educação, aquilo de escarrar na face dum juís, ainda

mesmo que êle fosse o de Cabeceiras de Basto, quanto mais na do outro, que é quem todo-lo-manda nesta geringonça de estrêlas e estrelinhas!

Termina o sr. Maia das Pêtas por dizer que vai epistolar à sogra do Dr. Mêna. Escreva, Maiasinho, escreva e diga a resposta que já por aqui se encontra gente prometendo uma ceia com mulheres e champagne (veja lá que falta de moral e de *integralidade*. . .) se o Dr. de Cabeceiras levar uma boa carga de pau. Resumindo. O sr. Maia tentou fazer crítica nas suas considerações sobre o título da revista; depois, no conteúdo dessa publicação não soube ou não quiz fazê-la; confessa-o, dizendo que o seu artigo é — «apenas um pretexto para conversarmos. . .» — e entrou em campo com o seu cabaz de larachas estafadas a escorregar dos ombros. Podia muito bem (sabe que isso se faria em outros tempos? . . .) dar a crítica neste género despreocupado e alegre, um pouco à maneira de sátira, tocando com dignidade o lado cómico da questão, — «ridendo» — mas olhando a direito, como um homem que póde encarar de frente outro homem, seja êle quem fôr. Seria como o sábio de Juvenal pedindo uma alma sã num corpo sã. Por acinte, se não referiu ao mais que de bom havia nesses dois números, estragou coisas razoáveis, e podendo criticar a sério aquilo sobre que disse asneiras, mostrou uma estreiteza de vistas que muito o deformam aos olhos dos que o imparcialmente leram.

AS PÊTAS DO SR. MAIA

O sr. Maia é um maldizente porque tem a raiva dos inferiores e dos falhados de alma e de corpo; o sr. Maia dá a impressão dum palhaço que se prestasse a dar um recado que outrem lhe encomendou; o sr. Maia lembra nesta questão um espantalho dizendo a rábula que *alguém* desta linda Conímbriga lhe soprasse ao ouvido; o sr. Maia chega a ser desprezível e nojento pelo seu propósito de querer esmagar com chufas de carregador uma tentativa honesta de rapazes novos, que podem ter ideias diferentes das suas, mas que tem a lealdade de respeitar as dos outros, mesmo quando são as do sr. Maia. Não fez a sua pseudocrítica por fazer, porque a revista lhe fôsse enviada desta redacção; o sr. Maia parece ter sido incumbido dêsse trabalho, por alguém que lhe mandou o 1.º número, visto que êle não foi vendido em Lisboa; tem-se a impressão de que houve quem lhe indicasse promenores, alguém que o soube mecher, fazendo de si a arma pórcia que nos deitaria abaixo.

Descanse, Alvarinho, nós não vamos a terra com duas lérias, temos a persistência que dá a lealdade e a fé numa ideia, temos a coragem que nos vem do desprêso pela cainçada, não há chufas que nos cheguem, nem Maias que nos perturbem. Sr. Maia e quem lhe encomendou a sermoneta, fixe bem: não o ficamos despresando porque o sr. não é digno disso, porque tínhamos de nos curvar para lhe vêr a cara, ou de lhe partir o pescoço para o olharmos nos

olhos. Temos dó do prégador e do sacristão e só lamentamos que um homem que escreve em jornais e em revistas seja um Maia ou um bolas como o sr. Nós errámos quando ao princípio dissemos que a nossa revista seria uma obra de arte já que tinha merecido as honras da crítica; o sr. não critica, é incapaz de vêr e compreender uma obra despido das suas opiniões pessoais, é incompetente para ter a isenção e o alheamento de si mesmo que o espírito crítico supõe, não tem a aptidão de se integrar no pensamento do autor como homem que não leve para lá ideias preconcebidas, mas um processo de análise e de verdade. Quem lhe não fôr das ideias ou das cores, dá para baixo que ainda bole! O peor é que o resultado é, às vezes, contraproducente; e nós, a quem a sua diatribe não veio tirar nem pôr talento, deixamos-lhe o campo livre; ficamos na nossa mediocridade pobre, gente que trabalha, que não joga os malabarismos dos polainudos da Garrett, que estuda e tenta aprender, agradecendo o reclamo que trouxe á revista. Não responderíamos ás suas considerações se elas fôssem de boa-fé, embora apon-tassem erros, que muitos temos; não é êsse o caso e nisso está a razão destas desenfadadas linhas.

Até mais vêr, Alvaro crítico, e se algum dia qualquer marinheiro cá da naviarra (porque não há arrais, são todos marinheiros...) fôr parar a êsse mar de palha e lama, conte com uma visita e com um amigo.

Boas noites, sr. Maia!

Sarmiento, Lemos & Tinoco, L.^{da}

IMPORTADORES

Rua Ferreira Borges, 122 - 1.º

COIMBRA

Telegramas - SARLETY.

Máquinas industriais e seus derivados.
Montagens de fábricas.
Importações dos principais centros produtores estrangeiros.
Agentes neste distrito das casas: «R. WOLF»
Magdeburg - Bunkan.
Máquinas semifixas, locomóveis, etc.
«EDGAR ALLEN & C.^o, Ltd.» - Sheffield.
Rayls, acos, limas, serras, etc.
«B. R. ROWLAND & C.» Pedras de esmeril,
carborundum, etc.

«STOWER RECORD»

a melhor e mais barata máquina de escrever,
para entrega imediata.
UNICOS REPRESENTANTES EM PORTUGAL.

Representantes no centro do país
das lâmpadas electricas «SECL»
da Empresa Electrico-Constructora, Lda., do Porto.

Vendas pelos preços da fábrica

P. LENCASTRE

FOTÓGRAFO

TEATRO AVENIDA

Avenida Sá da Bandeira, 1.º andar

COIMBRA

Retratos de Arte
Ampliações - Esboços
e Studios

O atelier preferido por
toda a gente de bom gosto.

Sapataria Moderna

- DE -
DIRÍS DA CUNHA ROCHA

A maior solidez aliada à maior perfeição
em todo o género de calçado

Preços convidativos!!!

Rua Pedro Cardoso, 72 a 73

(Antiga rua Corpo de Deus)

COIMBRA

PARAISO, PEREIRA & C.^A

Avenida Sá da Bandeira, 7 a 13 e 42 a 48

COIMBRA

Telefone | Telegramas
512 | WIZARD

Vendem material para instalações
DE
LUZ WIZARD.
ELECTRICIDADE.
ÁGUA-GAZ.
SANITARIAS.

Tubagem - Azulejos
Ladrilhos - Lavatórios
Retretes - Manilhas

CASA DOS LANIFICIOS

Completo sortimento
em fazendas
próprias para fatos
de homem,
senhora e creança.

Tem em depósito o mais
variado sortido
das fazendas da Fábrica
de Santa Clara.

ANTONIO SOLUZA

108, R. FERREIRA BORGES, 110

COIMBRA

OURIVESARIA ALIANÇA

(RELOJOARIA)

J. A. da Silva Guimarães

18 : Arco d'Almedina : 22

COIMBRA

Telefone n.º 689 Telegr. : GUIMARAES-OURIVES

Officinas de
OURIVESARIA
JOALHARIA
e RELOJOARIA
(Todas no mesmo prédio)

Execução rápida e perfeita de qualquer
concerto, tanto em artigos de ouro ou prata,
como em relógios.

Confrontem os nossos preços e vereis
o nosso melhor reclamo

ESPINGARDARIA CENTRAL

AMANDIO DA COSTA NEVES



Tele { fone n.º 604-
gr.ª ESPINGARDARIA

105 - Rua Visconde da Luz - 111
COIMBRA

GOMES FERREIRA, L.^{DA}

Representantes de

Júlio Gomes Ferreira & C.^a, L.^{da}

RUA DA SOFIA, 16

COIMBRA

TELE { fone n.º 30
gramas « CANDIEIROS - COIMBRA »

Instalações de água, gaz e electricidade

Telefones, Pára raios — BOMBAS

— Elevadores STIGLER

— Artigos Sanitários

— Aquecimento central

— Lustres, candieiros e artigos
de iluminação.

FOGÕES DE SALA E COZINHA



N.º 4

"Bysancio,"

MENSÁRIO

Propriedade do 3.º ano jurídico

GRUPO DIRECTIVO:

ALBERTO MARTINS DE CARVALHO
ALEXANDRE D'ARAGÃO
ARMANDO SIMÕES PEREIRA
FAUSTO DOS SANTOS
JOÃO D'ALMEIDA
JOÃO LUMBRALES
LUÍS VEIGA.

Redacção e Administração

ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA — COIMBRA.

Administrador — ANTONÍO SANTOS SILVA.
Editor — TENENTE JOSÉ SILVA LOPES.

ASSINATURA

Uma série de seis números = 7400.
Pagamento adiantado.
— Número avulso: 1850 —

ANÚNCIOS

(Um quarto de página)
1 mês — 12450. 1 trimestre — 35400.
Permanente — 10800 (cada mês).

Colaboração solicitada.

Só se publicam originaes

SUMÁRIO

Alexandre d'Aragão — *A Belesa.*

M. C. — *A Paixão.*

João d'Almeida — *Poema do Sol Gondo-
leiro.*

Vasco Santa Rita — *O Santo.*

Fausto dos Santos Júnior — *Soneto.*

Alexandre de Aragão — *A segunda expo-
sição — Guilherme Filipe.*

José Régio — *Humorismo a 40º de febre.*

João d'Almeida — *Dois Livros.*

Armando Simões Pereira — *Maria.*

— *Ainda o sr. Maia.*

P. LENCASTRE

FOTÓGRAFO

TEATRO AVENIDA

Avenida Sá da Bandeira, 1.º andar

COIMBRA

Retratos de Arte
Ampliações — Esboços
e Studios

O atelier preferido por
toda a gente de bom gosto.

Sarmiento, Lemos & Tinoco, L.^{da}

IMPORTADORES

Rua Ferreira Borges, 122 — 1.º

COIMBRA

Telegramas — SARLETY.

Máquinas industriais e seus derivados.
Montagens de fábricas.

Importações dos principais centros produtores
estrangeiros.

Agentes neste distrito das casas: « R. WOLF »
Magdeburg — Buekan.

Máquinas semifixas, locomóveis, etc.

« EDGAR ALLEN & C^o, Ltd. » — Sheffield.

Nails, aços, limas, serras, etc.

« B. R. ROWLAND & C. » Pedras de esmeril,
carboretum, etc.

« STOWER RECORD »

a melhor e mais barata máquina de escrever,
para entrega imediata.
ÚNICOS REPRESENTANTES EM PORTUGAL.

Representantes no centro do país
das lâmpadas electricas « SIEL »,
da Empresa Elec rico-Construtora, Lda., do Porto.

Vendas pelos preços da fábrica

BYSSANCIO

A BELESA

JAZIGO de ti mesmo, ó frio e inerte mundo,
Fugaz àquem do berço, eterno além da vida...
Lua! que luz te torna ainda apercebida
Dos insondados ceus no tenebroso fundo?

Dos sois, partidos já, à fimbria adormecida,
Vais buscar um reflexo imóvel, moribundo,
Que a seiva não reacende em teu solo infecundo,
Mas eternisa o instante em que andaste florida...

É duma luz igual que a noss'alma é acesa:
Que em linhas imortais a torna modelada,
E a expande, num soluço, ao limbo das esferas...

É essa Aspiração, essa ância da Belesa
Que de longe nos guia, ausente, ignorada,
Que nos ficou exul no brilho doutras eras...

ALEXANDRE D'ARAGÃO.

A PAIXÃO

— Cui comparabo te, virgo filia Sion ?
Magna est enim velut mare contritio tua,
quis medebitur tui ?

Lamentações de Jeremias

Ao pensar, seu coração lembrava á pobresinha uma joia de preço: belo, mas inacessível. Queria-lhe sem conta nem razão e já aquilo se tornava em manía, vivendo só por êle e para êle. Dolente e desprendida, mulher que nunca sentira, tinha o peito aberto á espera do primeiro que passasse; fôra o caso de êle passar antes de mais ninguém e agora amava-o tanto como se por êle tivesse deixado todos os outros que não passaram. Louquinha de sizo, antes de o conhecer cantava a rir na varanda, onde caixotes de flores abarrotavam, rescendendo; trilhava gente o caminho e aos que, por ela ser creança, a não olhavam, lançava a rir num desafio a loucura da sua mocidade:

Se eu fôsse ladrão roubava,
Roubava aquela menina;

.....

Não faziam caso de a ver, e ainda creança, gostou dêle por ser delgado e sem barba, uma cara de mulher que apeteçia ter junto á cara. Começou a olhar para si e a cantar ainda num desafio choroso aos que passavam na rua á cata da fortuna ou da alegria; mas cantava sem ter forças para rir e agora, quando êle passava, muito sério, delgado e sem barba, ficava-se a vê-lo até que uma curva o escondesse.

Muito dentro do coração, como voz na lonjura das serras, a cantiga esmorecia:

Ai, roubava aquela menina.

.....

Era uma scisma sempre a batalhar no sentido: que êle a viesse buscar em noite de lua crescente, trepando pelas grades do varandim, esmagando-lhe as mãos sem côr de encontro ás suas de donzela; filar-lhe-ia a cintura e por sôbre os craveiros saltariam á rua, a fugir, a buscar um canto onde o amôr fôsse uma coisa natural e naturalmente compreendida. Só lhe havia de ficar pena dos cravos, tão lindo cheiro e tão bela côr, enlanguescendo o ar nas tardes de maio. Fôra esta uma ideia que

A PAIXÃO

surgira ao vê-lo por ali passar a caminho de casa, cara tão mansa que seria um dó ver nela os traços da desgraça ou as rugas da alegria.

Para o olhar melhor desviava os olhos, e visionava-o, recordando-o tal e qual como se êle estivesse ausente.

De manhã cedo, por ser a vez primeira que fazia aquele passo, erguia a voz sem tom e numa indiferença saudava a rapariga: — Bons dias, menina. Gelada, sem lhe saber o nome, ela respondia: — Bons dias, meu senhor. Tinha-lhe uma zanga por aquele alheamento, protestava a si mesma nunca mais gostar dêle, e sem saber porquê, tremia ao vê-lo aparecer ao longe. Mas também que alma a dêle, não ter ânimo de a olhar nos olhos garços e ver quem lá andava dentro! Até duma ocasião em que êle passava, distraído, mirando a terra e pensamentos adejando, fingiu mexer nos craveiros e deixou cair um cravo. Era lindo como um sorriso de creança e apetecia trincá-lo fôlha por fôlha. Pareceu surpreendido ao ver cair a flôr e, nem o tentando o arôma, atirou-lh'a e disse para cima, sem uma contracção na cara de cêra: — Tenha cautela, olhe que há poucos como êste cá na terra. E foi á sua vida. Era por êsse desprezo que ia morrendo e, ainda creança, definhava-se de pena. Apegou-se a santas que de amor tivessem morrido, mas não teve fôrças para amar o amôr delas. Vai daí, começou a entristecer e já não era o mal que lhe trazia mágua, era o mêdo de êle não passar, ou passar a última vez.

Uma tarde, sexta-feira de trevas, fazia anos que Cristo fôra de corpo á terra, dirigiu-se á igreja a espairecer. Coitadinha, pois não sabia que era aquele um dia de tristeza! Vestiu-se de preto porque assim tinha o coração e porque sabia que lhe ficava bem aquela côr. Podia mesmo acontecer que por lá o encontrasse. . . A igreja estava sombria, um pesadume que as velas não esfarrapavam e pareceu-lhe que toda aquela gente viera ali carpir um morto que nunca mais dera notícias e cuja volta se esperava. Ao contacto chagoso da desgraça que ia viver a sua Hora de todos os anos, a tragédia que em sua alma nascera colhia alento e desdobrava-se; nos olhos incompreendidos surgira o terror. Foi primeiro a scena triste daquela noite da ceia — onze amigos e um perjuro —, a oferta sublime de si próprio: — tomai, êste é o meu côrpo; bebei, êste é o meu sangue. E pareceu à que se doia de amôr que vira agora o môço agarrar um cravo da côr do fôgo, tomá-lo nas mãos, e recusar-lho porque ela o oferecera: — tomai, êste é o vosso corpo. Senhor que te ofertaste,

A PAIXÃO

como custava não ser no mundo aquele que há-de ser nosso. Nem ele a queria, nem o seu corpo desejava! Chorou, e foi como se tivesse bebido todo o fel da agonia no Hôrto. Teve-lhe ódio: êsse que lhe entregara o corpo que ela dera não podia ser senão Judas. Então, no alto da capela uma voz cantou as máguas do Cristo que morrera; gostou do canto, que aquela voz era o choro de alguém que não podia mostrar lágrimas. E lembrou-se que era igual o seu caso. Porque seria o chorar uma vergonha sobre a terra? Viu que todo o mundo era triste e na visão da sua íntima tragédia ia já no páleo a tragédia da Judeia. Era a prisão do Homem-Deus e Judas, o que o entregara, avançava e dizia:—«Deus te salve, Mestre. E deu-lhe um ósculo.»— Deus te salve! Deus te salve! O amargor que nela rugia, rugiu mais alto:—Entregar um homem será grande crime, mas por um beijo dêle, embora fosse o beijo da traição e da vergonha, beijo que fica marcado a sangue escorrendo sobre a alma, ela daria tudo, porque toda se daria. O Judas que a entregara era peor que os Judas de comédia. Desejou tê-lo ali para o morder na boca, cravar-lhe as unhas no pescôço branco, as suas unhas da côr das rozas brancas. Mas ao erguer os olhos viu ao pé do altar-mór, velado a baêta escura, o rôsto calvo do rapaz. Foi um baque surdo; não caíu porque a voz do ministro de Deus clamava alto a afronta do Cristo humilde, esbofeteado, azorragado, de casa de Anás para Caifás. Era uma afronta que ficava a gritar eterna vergonha, e ao lado mulheres de olhos em bica gemiam baixinho. Como bradar dum louco furioso e vidente sobre o marulhar das ondas a voz do padre aterrava e confundia. A cêra dos altares tremeu a cada palavra e ponta de vento ninguém sentira. Por detraz da baêta escura adivinhavam-se a soluçar os santos de pedra. De pedra também, com a alma esfarrapada a rapariga estava imóvel de encontro a um confessorário. Por cima da cabeça uma cruz preta, como dois traços a carvão, parecia brilhar, acabada de fazer naquela hora.

Um brado que reboou por toda a nave teve também eco em seu peito:—Deixar passar o que leva todos os pecados do Homem! Ao fundo da igreja, a surgir do guarda vento, appareceu a figura triste e dorida do Cristo levando a cruz. Cirineu ainda lhe não aliviara o pêso. Gemeu mais alto o choro das mulheres; mas a luz da cêra parara de estremecer e lembrava uma ponta de fogo que tivesse descido sobre as velas. Na íntima tragédia da sua alma de mulher viu bem o pêso da cruz e não sentiu forças para a arrastar.—Deixai, deixai que vá para o

A PAIXÃO

Calvário quem há-de remir os homens! — Para o Calvário! ? Nada disso a interessava, pois que ela escusava de ir; era mais feliz que o Cristo, já estava no Golgota. E riu-se, sem saber porquê; mas era um riso que por fora igualava o choro dos outros. Como o seu drama a absorvera toda já não via e o resto á sua volta era a farça porque a dôr só era a sua. Na scena do Encontro a multidão gritou e abafada pela abóbada parecia que esta vinha descendo sôbre os corpos. Se ela tinha na cruz um pêso maior que as suas fôrças, porque não teria mãe que a viesse consolar? Deu-lhe maior vontade de rir, mas aos olhos só vinham lágrimas. Eram gargalhadas sem som, e tão do fundo, tão do íntimo que ninguem as ouvia. A sua dôr só ela a escutava. Mas de repente, um silêncio soturno, feito de mil respirações anciadas, caíu sôbre o povo.

E muito lento, e muito manso, certa voz abriu-se e foi-a acordando — O' vós todos que passais por êste caminho, atendei e vêde se há dôr igual à minha dôr! — Arrastada, como um soluço que não chegou a explodir em gritos, a voz chorava baixinho, e alevantando-se era ainda arrastada, muito serena, como um soluço que tivesse mêdo de gritar. A' evocação cruel da dôr antiga, numa tarde pela Rua da Amargura, a cabeça de Jesus apareceu pintada a vermelho sôbre um lençol — ... atendei e vêde se há dôr igual à minha dôr! Olhando-o, pareceu à rapariga que aquela figura tinha seus traços da cara mole do que a matára sem amor. Era mentira, faltava-lhe o sangue. Aquele sangue de Cristo era ali demais — ... se há dôr igual à minha dôr! Ele não se parecia com ninguem porque os outros só eram maus e êle nem isso era; que êle fôsse bandido, e rouba-la ía uma noite para a deixar na manhã que nascesse após a noite — ... igual à minha dôr!

Tudo o que agora via era o que visionava seu alucinado pensar; nos muros, se os fitava, a cara serena e impassível estampava-se em mil posições. Sem dar tento achou-se na procissão, levando o Cristo morto a enterrar. Uma noite em terras de Judeia, eram as três Marias e os dois profetas; mas agora, uns tantos séculos corridos, as três Marias eram a rua de lés a lés e os profetas eram quási tantos como as Marias; só os anjos que de noite o haviam de guardar no túmulo é que ela não via, por mais que olhasse... Tudo se viera multiplicando desde êsse dia, menos os anjos... A noite começara a descer das serras, e as águas dum rio que por ali passava calaram o choro para não assustar a noite que vinha descendo.

A PAIXÃO

A procissão atravessava campos semeados, onde espigas verdes seriam tranças loiras, bem juntinho ao S. João.

Quando o éco dorido do canto da tristeza perdera toda a força, enterrando-se por trigais e carcavões, a procissão parava e de novo surgia no lençol a cara exangue do Cristo Morto. — O' vós todos que passais, atendei e vêde se há dôr igual à minha dôr! — Foram andando e chegaram ao Sepulcro. Era cavado na rocha tal e qual o da Terra Santa. Só os anjos é que lá se não viam...

No coração da rapariga, acabado o canto, uma voz repetia muito baixo — ... igual à minha dôr! — Fechada a porta, tudo aquilo se apagara e só ficou a doidinha mai-la noite que descia das serras negras; mesmo rés-vés com a água era o Sepulcro, primitivo e rude, mas acolhedor. Sòsinha, a água corria junto dela, e tão serena, parecia escutar o que alguém estava para dizer. Deitou-se na areia, rebolando-se a rir. Veiu-lhe uma vontade louca de estostrar o silêncio com gargalhadas, espantando os pássaros que dormiam nos salgueiros. E como a noite acabara de se amesendar bem junto à terra, e como o rio ainda não falava à espera de certa voz, abriu os olhos e a boca e riu mais com os olhos que com a boca. Quando entrou na água e sentiu sua doçura, riu satisfeita e atirou-se. A água pareceu acordar e regougou-lhe à volta. Desperta, no rio e nas árvores veiu o vento cirandar, acordando o éco que dormia anichado pelos campos — ... atendei e vêde se há dôr igual à minha dôr!...

M. C.



POEMA DO SOL GONDOLEIRO

No Canal das Lendas, vai um gondoleiro
Vai um gondoleiro...

Gôndolas de prata
Boiam num brazeiro...
No Canal das Lendas...

Nos ducaís mirantes,
Fútila a escarlata
Das vestes purpúreas de escarlata e rendas...

Brilham punhais de oiro, brilham cintos de oiro,
Nas mãos dos infantes...

E, quais aureos punhais,
Fulgem luxúrias,
Nos corpos desejados das amantes.

Vai um gondoleiro. . . no Canal das Lendas...
Vai um gondoleiro...

Rolam três esferas todas de oiro em chama,
Rolam no brazeiro . . .
E os ígneos licornes e as rubras quimeras
Rasgam o peito, em pleito pelas esferas,
A lutar e a sangrar, pelo brazeiro...

Vai um gondoleiro . . .

¿ Onde vais nas gôndolas de prata em chama.
Onde? O' gondoleiro!...

Nas piazetas nuas, ante estátuas nuas,
Bailam as donzelas...
Bailam... e, nas suas
Espáduas e ancas nuas,
São cachos de estrélas, suas tranças belas.

Sôbre um miradoiro, doida, a turba clama!...
A água espelha em chama, rostos que eram de oiro...

POEMA DO SOL GONDOLEIRO

*Toda a turba clama! .. mãos e braços de oiro
Sôbre o miradoiro são línguas de chama!...*

*Canal dos Adeuses!... Na Ponte dos Ais,
Vão passando as gôndolas. .*

*Como um mar em ôndulas,
Os longos mantos ducaís
São um mar de sangue... As joias são as gôndolas ..*

*Gondoleiro-doge, dize-me ; onde vais,
No perdido e longe Canal dos Adeuses?*

*Ai! no ar, perdidos, morrem longos ais
Quais desejos mortos finando-se aos ais,
Em lábios de deuses. .*

*Morrem as horas num desvario,
Vão a morrer...
Muito distante, muito esguio,
Há um canto longo, como um rio...
Um desejo sem fim que vai morrer.*

*« — No meu jardim florescem açucenas
E enrubecem romãs, no meu jardim!*

*¿! Que é do que há-de colhê-las e às verbenas
É morder as romãs do meu jardim?!*

*No meu rosal há rosas preciosas...
;Vê as rosas, Senhor, do meu rosal!*

*;Tomá, nas tuas mãos, as minhas rosas,
Perfuma-te, Senhor, no meu rosal!*

*Brilham ao sol as folhas do amaranto,
Nos meus canteiros de amaranto, em flor!*

*Deitar-te-hei, aos ombros o meu manto,
Vem! e verás o meu jardim em flor.*

POEMA DO SOL GONDOLEIRO

*Vem, meu Senhor! tu és o escolhido,
O de altivo cuidar e alto Destino!*

*Meu muito suspirar te tem ungido,
E o meu olhar dirá o teu Destino.*

*Sou tua escrava, ó Rei! e venho dar-me,
Como uma coisa, à tua alta vontade!*

*Podes aniquilar-me ou elevar-me,
Como quizer a tua alta vontade.*

*Terei meu peito, eternamente cheio
De ardor, para cantar em teu louvor.*

*Repousarás, às noites, no meu seio,
E eu cantarei, Senhor, em teu louvor.»*

*No Canal das Lendas, vai um gondoleiro,
Vai um gondoleiro...*

*— Pára! gondoleiro, peço-te suspendas,
Que nas tuas gôndolas d'oiro e marfim
Vai alguém que canta, a suspirar por mim.*

Perdem-se as gôndolas no brazeiro...

Chamam por mim! choram por mim! espera por mim!

Ó! gondoleiro!...

Ó! gondoleiro!...

Ó! gondoleiro!...

JOÃO D'ALMEIDA.

O SANTO

E o mestre, mandara a seus discípulos, que fossem anunciar pelo mundo, «que estava próximo o reino dos céus».

E a palavra do Filho do Homem, semeada nas terras de Judeia, amadurecia em virtudes, porque ao deserto se tinham recolhido aqueles que pressentindo a gloria de Deus, faziam em vida a espição de suas culpas.

Ele viera á terra, derramar seu sangue, sofrer os martírios do Calvário, pela salvação da Humanidade. Mas, na balança divina, pesavam mais os pecados e maldades dos homens, que seu sangue generoso, sofrimentos e martírios.

O milagre da Ressurreição, viera-lhes mostrar, que a morte não é o fim da vida e que para lá da morte, principia a vida eterna.

Por isso alguns se haviam refugiado ao deserto, abandonando os bens terrenos para maior agrado de Deus.

Aí se alimentavam de mel silvestre, á imitação de Yokanaan, o profeta.

Torturavam e vergastavam suas carnes, porque Jesus lhes dissera, que seus desejos e prazeres faziam a gloria de Satanaz e não eram luzidos á vontade do Senhor.

Ora acontecia que entre os santos habitantes do deserto vivia um mais conhecido, por suas virtudes e graças divinas.

Um dia que em Jerusalém, á porta do Templo, Judith, a mais célebre cortezã da cidade, exhibia sua beleza peregrina à multidão de estrangeiros, vindos de longe para as festas do Tabernáculo, ele erguera as mãos ao céu pedindo misericórdia e vermelho de raiva e cólera, gritou.

«Descalça tuas sandálias de marfim, mulher perdida, corta teus cabelos de ouro, despe teus mantos de sêda bordada e compra o perdão celeste, a trôco de suplícios e humildade.»

Depois ensinou-lhe as palavras do mestre e disse-lhe que Maria de Magdala vivera em pecado como ela. Mas o espírito do bem entrara em sua alma e seus pecados lhe foram perdoados, porque a misericórdia dos céus é infinita.

E Judith, descalçando suas sandálias, despindo seus mantos bordados, cortando seus cabelos de ouro, renunciou à sua vida de luxúria e morreu na paz de Deus.

O SANTO

Jesabel, pois êste era o nome do santo homem de boas virtudes e graças divinas, alcançou um triunfo sôbre o génio do mal que lhe era levado em conta no dia de juízo final.

Dizia-se até, que os anjos desciam á sua cabana — feita com a palha sêca das últimas ceifas — e a seu lado sentados lhe iam desfiando o rosário das delícias do Paraíso.

Os primeiros homens, expulsos do Eden, vieram ao mundo sofrer o castigo de seu crime, mas quando seus corpos fôsem limpos dos desejos do amor, Jeovha então lhes abriria as portas, para que de novo gozassem seus encantos.

Sua vontade não se negava a dar, contando que os homens respeitassem o fruto da sciência.

Como Jesus dera a seus discípulos o poder de curar os enfermos e os leprosos, Jesabel, porque seu viver era cheio de santidade, tinha também êste poder.

A fama dos seus milagres espalhara-se, como se fôra soprada pelo vento e das mais longes aldeias da Palestina, vinham a êle os doentes, a se curarem de seus males.

*

* *

Governava Roma por êsse tempo, Nero, homem de maus costumes e ruím fama.

Quando, os escravos faltavam, Cesar ordenava que prendessem os cristãos e os lançassem às feras do Circo.

E assim o terror reinava entre êles, ameaçando seus espíritos mal seguros na fé de Cristo.

Como ao deserto chegassem tão assustadoras notícias, resolveu-se que Jesabel partisse para Roma a levar palavras de conforto, aos desgraçados que se morriam de pavor.

Certa noite, para que sua partida não fosse sabida dos guardas imperiais que enxameavam a Judeia, despediu-se de seus irmãos em Deus e lá seguiu em direcção ao mar.

Aí, disfarçado em mercador de perfumes, conseguiu acolher-se a um barco que mercadejava pelas costas do Mediterrâneo, e foi levado em boa paz a terras do Laciurn.

As perseguições eram mais freqüentes e os sectários da nova religião refugiavam-se nas catacumbas, fazendo suas práticas, fugidos aos olhares dos pretorianos.

Quando Jesabel chegou a êles, a fé e confiança voltou a suas almas assustadas.

O SANTO

Nas noites sem lua, reuniam-se para escutarem as palavras do santo homem que ouvira a voz dos anjos.

E êle, lhes ia dizendo os milagres de Jesus, o Nazareno, e as delicias e prazeres da vida eterna.

A multidão que o ouvia, onde havia patrícios roçando suas túnicas pelos farrapos dos pobres, enchia-se de fé, anciando pela glória de morrer crucificada, como o divino Redentor.

Estava entre êles Caio, nobre dos mais nobres de Roma, que professava a ocultas a religião de Cristo e a casa de quem Jesabel se tinha recolhido.

Nos jardins de Caio, havia estátuas de deuses pagãos, gloriosos e altivos, como se fossem postados ali a defenderem o amor terreno e a ânsia de viver.

Uma manhã, Jesabel, que dormia junto do peristilo, num quarto que lhe cedera um escravo, viera passear o jardim.

As flores, distribuídas numa policromia suave, lembravam estrofes do cântico de louvor erguido pela Terra, á chegada do Sol, que ao fundo se aproximava orgulhoso como os herois.

A meio dum canteiro, Venus, os lábios abertos num sorriso, oferecia o corpo lindo ás suas carícias de ouro.

Sua nudez delicada como a haste dum lírio, desafiava o o instinto e os desejos adormecidos.

Jesabel, quando chegou perto da estátua, tremeu como diante da tentação e disse a Caio, que a mandasse partir.

Os escravos, pouco depois vieram partir o mármore de quem os séculos ao passarem se despediam com saudade.

E logo o sol se escondeu por entre as núvens e as flores emurcheram, — as pétalas caídas como lágrimas choradas.

*

* *

Feitas as orações de excomunhão aos génios das trevas, Jesabel deitára-se sôbre as táboas duras, que lhe serviam de poiso.

Não queria seu corpo adormecido em coxins, porque os cuidados do corpo mais servem ao abrigo de desejos, do que a morada do espírito.

Por uma frecha aberta na parede, entravam ondas de luar.

Parecia que a lua, aquela cantarinha geitosa se havia partido, entornando sôbre a terra o prateado luar, da côr do leite.

As estrélas espalhadas pelo céu, eram um diadema luminoso

O SANTO

cingindo a fronte dessa raíinha silenciosa e esfíngica que guarda o sono dos homens.

Uma borboleta de ásas azuis como as safiras, poisou-lhe sôbre as pálpebras fechadas e seu pensamento entrou-deslumbrado no palácio dos Sonhos.

Ao fundo havia um lago e sôbre um tapete feito de violetas e lírios vermelhos, caminhava lentamente uma mulher.

Sua carne branca, que as veias azulavam, tinha um perfume estranho e o andar cadenciado era harmonioso como o som das liras.

Despiu o manto e meteu-se à água.

E ela apertava-lhe o corpo cheio de desejos, na ânsia de lhe beijar os seios.

Jezabel ergueu-se pouco a pouco, exclamando num gemido: « Lêda!... Lêda!... tenho os lábios sequiosos. »

Lêda saíu do banho sem o ouvir.

Pequeninas gota de água caíam sôbre as flores, como as pérolas dum fio que se tivesse partido.

Deitou-se e estendeu os braços numa curva linda, como se as pétalas dos lírios lhe tivesse magoado a pele.

Depois adormeceu e um cisne branco que ao longe surgiu de entre a verdura, veio junto dela e começou de lhe enroscar aos membros o colo de arminho.

Jezabel, em quem as tentações nunca fizeram móça, abriu os olhos, onde bailava um fulgor de estranho brilho e levou as mãos à garganta sêca.

Suas faces, vincadas pelos ossos, pareciam esconder todo o sofrimento da sua alma.

Arriscou dois passos, cambaleando sem fôrças e caíu no chão.

Ao outro dia, os cristãos levaram o corpo do santo homem que ouvira a voz dos anjos e o sepultaram nas catacumbas, para que perto de si tivessem sempre as cinzas de quem vivera na Terra sem pecado, como Jesus ordenára a seus discípulos.

VASCO SANTA RITA.

SONETO

DOLHOS postos não sei em que ventura,
Que nunca chega, que eu em vão pressinto,
Assim eu vou no escuro labirinto
D'esta serêna e grande desventura.

Última esp'rança? A estrêla que perdura
Na minha vida? No entanto, eu sinto
Bem na minha alma que a mim proprio minto:
Dôce ilusão que a vida me assegura!...

Dôce ilusão: a santa que eu adoro,
Que ilumina de bênçãos o meu chôro,
Pois, por desgraça, já nem sei resar!

Oh, foras ilusão!... Talvez saüdades,
Alegrias fieis d'outras idades,
Que na minh'alma acordam a sonhar!...

Fevereiro de 1923.

FAUSTO DOS SANTOS JÚNIOR.

A SEGUNDA EXPOSIÇÃO

GUILHERME FÍLIPE

¿ **Q**UE deduzimos da comparação desta exposição com a primeira? Que há uma evolução, e se bem que naquela não venha um quadro que enfileire com o da *Salomé*, já por certa largueza de execução, já pela intensidade e ilusionismo sugestivo dos efeitos, no geral, evolução para melhor.

¿ Como aprofundamento de técnica? Esta continua a ser, é ainda, bastante escassa. Como abandono das tendências exotéricas, dos desvios manifestamente paranoicos, pelos vistos mais proclamados que sentidos...

De resto, persiste a intenção, muito louvável, do pintor, de ser moderno e pessoal, bem diversa da outra...

Logo, de princípio, Guilherme Filipe se nos afigurou como sentindo em Coimbra uma terra privilegiada e legendária, de mulheres suspirosas com infusas, olhos absortos em suspensão de saudade, e choupos vedando-a nas orlas, como uma muralha fechada.

E o pintor parece compreender que se deve conter nos

valores e símbolos locais ou regionais, de percepção mais próxima e restrita, sem escorrer, tentando ampliá-los, para as grandes concepções humanas e universais.

Embora nos apareça ainda, num propositado indiferentismo, falseando topografias, e abusando de *ensaismos* simbolistas, chegando a não pôr nome aos quadros, que o nome já é em si uma *expressão*, agora a compreensão está mais à *flor da pele*...

Já não predominam essas tendências transviadas e falsas de que o quadro *Cristo Negro* era o legítimo modelo: geringonça medieva, de simples engrenagem anedótica, e com quási-figuras e desalmadas figuras, em que se quis representar a tragédia humana, movendo-se como artefactos feirantes...

Uma tela de arte pura é como uma esfinge que nos fita, harmónica e simples na aparência, profunda e complexa na essência. Dum breve golpe de vista ressalta-nos a compreensão externa, a que sobreveem suges-

A SEGUNDA EXPOSIÇÃO

GUILHERME FILIPE

lões dominadoras. Obriga-nos a uma visão direita, não à visão oblíqua de quem está de posse do segrêdo dos bastidores... Origina uma interpretação convergente, não a interpretação dispersiva de quem parte da urdidura inicial, só acessível ao conhecedor dessa urdidura ..

Excluindo os grandes precusores, pintando telas iniciantes de escolas, ou os que se desterram num personalismo teimoso, mas possuindo uma técnica verdadeira, trasbordante, não se admitem sobrevivências nem antecipações, requiere-se a consecução dos ideais de beleza com o caminhar paralelo aos símbolos —, atravez dos quais se olham —, e processos — porque se realizam —, que vão advindo, bem efêmeros nos últimos tempos.

Há, contudo, certas restrições de linha e de côr que hão de ser sempre as regras axiais, os limites de todos os processos.

Já, quando da exposição Vasques Diaz, nos abstivemos de falar do quadro *Madre Campesina*, para não intercalar num laudatório, que julgamos merecido, um período da decisiva discordância — quadro que era

bem um tresmalho das suas faculdades. ¿Que era a « Madre Campesina »? Uma figura chata e parada, resultante duma intencional invariabilidade de processo, com listões alastrantes de côres vivas sem gradações, e em que certas manchas sedijas do rosto sugeriam um quadro que estivesse na antecâmara de *atelier*, à espera de restauração...

Nós, como o sr. Guilherme Filipe, também pensamos que os quadros não devem ser *realizações*, antes deve envolvê-los uma ténue nebulose que nos obrigue à concentração de espírito. Contudo, admiramos também essas *realizações*, ainda mesmo as mais meticulosas e as menos impressionistas, já quando revelam intuição e recursos, já porque são desacompanhadas de privilégios de invenção, sendo certo que muitas vezes tais *estados incompletos* nem sequer chegam a ser sobriedade, e são, ainda, muito próprios, quando aliados a pretensas inovações e desvairios conceptistas, para esconder pobreza de colorido, deficiências.

Alguns diriam: ¿Guilherme Filipe é razoável quando?

A SEGUNDA EXPOSIÇÃO

GUILHERME FILIPE

Quando põe à prova as suas inegáveis aptidões de desenho em esboços e retratos.

Nós somos mais justos. Acharmos que seleciona sofrivelmente o que há de aproveitável para a cópia e que interpreta bastante originalmente a espiritualidade coimbrã, sintetizada nas suas mulheres.

Não quando as desnudava, (e não o levo a mal só por isso) em estáticas posturas, de lassidão dolorosa, escravas dum fatalismo sacrificial ou dum temperamento hiper-sensível, chegando a sugerir-nos uma anestesia sensorial. Mas quando vestidas, com os trajes locais, e, numa maneira muito sua favorita, vivendo autónomas no conjunto, mesmo à bôca dos quadros, em confronto paralelo e genésico com cenários mais ou menos vagos e distantes.

A avaliar pela nudez da única figura que assim nos apresenta, já sem transvios de formas, e as carnes com mais frescôr e relêvo, a sua concepção primievolucionou muito.

Essa nudez, como aliás o é

sempre, mais do que um detalhe impressionista, é uma representação simbolista.

Não temos grandes preferências por êsse quadro, antepondo-lhe o que fica ao lado, como mais expressivo e mais original no pintôr.

No quadro que se segue, dum grupo diverso, a figura de mulher aparece já incrustada, como num mosaico.

Apreciamos também o trecho de Sub-Ripas, a mulher arrabaldina em ar de dança, e a pequena mancha de paisagem que o *certamen* insere.

Outro tanto não diremos do quadro do Penêdo da Meditação, dum simbolismo muito sistemático.

As aguarelas, principalmente as galerias de atitudes e tipos coimbrãos, são muito sóbrias para não serem mais do que *ensaios*, imagens preparatórias dum conjunto a completar.

Quanto ao quadro de Eugénio de Castro, a sombra a projectar-se-lhe no infinito, só notamos demasia no capêlo...

ALEXANDRE D'ARAGÃO.

HUMORISMO A 40° DE FEBRE

HEI de ir na terça ao baile e hei de fazer figura.
Senão, ouvi: Pierrot. As pálpebras violeta;
A ponta do nariz como uma taboleta,
E um rótulo na testa: « Auto-Caricatura. »

O fato, hei de-o fazer do negro mais funéreo,
Mas pintarei na cara um riso escancarado.
Terei, assim, o ar dum Hamlet endiabrado,
Com um tic original de histrião de cemitério.

Ha de chegar-me ao lecto a rubra mitra imensa
Que eu fiz de papelão, com grude e com papel,
E em que alegorizei a Torre de Babel
Que em tempos que lá vão me fôra ideal pertença...

Cosidas sôbre o peito entre vidrilhos chôchos
— O' minha legião de honra! espinho que me afagas! —
Veneras hei de eu pôr: as minhas cem mil chagas,
Purgando sangue e fel e abrindo os lábios rôxos!

E assim ha de dizer sôbre essas flôres de pus
— Meu pão de cada dia e meu melhor salário:
« Ao Mérito »; ou, melhor: « Pastilhas Visionário »;
Ou, rindo á sacristão: « Medalhas de Jesus »...

Mas, já que enfeito dôres como as não dizem frases
Com europeis de côr e imagens de poeta,
Pendurarei tambem frasquinhos de violeta
Por entre esses florões de chagas já lilazes.

HUMORISMO A 40º DE FEBRE

*Assim poderei, pois, já sem maguar a renda
Dos vossos nervos, ai! que temem a verdade,
Passear a minha raiva e a minha hilaridade
Erguendo o peito em chaga — alardeando a tenda...*

*'Té que hei de dar na vista. E quando eu intrigar,
E em derredor de mim, perguntem: — « Quem é êle? »
Rebolarei no chão como uma folha imbele,
E hei de vingar-me a rir! desengonçar-me! uivar!*

*E trágico e burlão, ridículo e sombrio,
Na face toda em cal uns olhos como abismos,
Co'as chagas que exhibi, farei malabarismos,
E hei de gozar! gozar! chorando enquanto rio...*

*E reu, espectador, juiz, vítima, algoz,
Que sonho, o de reunir no meu ideal bufão
Tudo o que em mim é belo, é natural e é são,
A quanto em mim é ôco, é pose, e é pó de arroz!*

*Hei de ir na terça ao baile e hei de fazer figura.
Amigos, vinde ver-me... e olhai bem para cima:
Serei, enfim, Alguem criando uma Obra-Prima,
E rubricando-a a fel co'a minha assinatura.*

José Régio.

DOIS LIVROS

"**V**ersos sem nome,, por Henrique Paço d'Arcos, filho.

Há uma hora na vida em que os olhos se voltam para o Caminho .. e é um deslumbramento.

A hora é de mocidade; mas é velada, pálida como uma hora virgem. E para lá, para o Caminho, as coisas alumiam-se de uma luz indecisa que avulsa os contornos e as linhas, ou os torna mais ásperos, conforme.

Por isso os olhos espelham o enternecimento da alma, e as mãos se apertam e os dedos se entrelaçam.

E, ao espírito ainda em gênese inconsciente, sensível como uma claridade ténue, as brisas flébeis tomam proporções de rajadas de tempestade; e as ondulações inocentes, à superfície de um lago, engrandecem-se em aspectos de ondas rolando sôbre o nosso destino, ameaçadoras, hiantes!

E' uma hora da vida em que os olhos se voltam sôbre o Caminho...

E' filho desta hora o lindo livro de Henrique Paço d'Arcos.

As suas tristezas, os seus penares são diáfanos, lê-se ne-

les como no rubor de uma face branca, como no baixar de uns olhos claros.

E aquelas rimas em — ar — que em quási todas as poesias aparecem (será intenção?), ingênuas como uma alma em adoração, dir-nos fãz sòsinhas, se todo o livro o não dissesse, que Henrique Paços d'Arcos, que é já um poeta no caminho do Poeta que será, não «teve» porque tem ainda:

... caravelas
Que *singram* no alto mar,
Tantas, tantas... é de vê-las,
Cheias de oiro a trasbordar!
e... ..
... um palácio encantado
Onde vivem as princesas...



"*Ráfagas de la Selva*., Poemas por
Lope Mateo.

É Valladolid que desabrocha na árida planura castelhana, é Valladolid debruçado no Pisuerga... como um cacho de rosas sôbre o Pisuerga, que vai levando as águas para Portugal...

Quem sabe se não estará dizendo às águas que morre das saudades que nós lhe ensinamos a sentir!... se não dará beijos nas águas, beijos para nós, que guardemos bem os corações que vieram, que

DOIS LIVROS

vieram certo dia de sol e de névoa e que não volverão antes que nós volvamos! .. Quem sabe!... «... cuando estaban aqui todo lo llenaban y se pasaba muy bien, ahora les echamos mucho de menos por los buenos ratos que pasabamos y lo simpaticos y agradables que ustedes eran.»

Quem sabe!..

É Valladolid que desabrocha, numa alegria vírgem, ante meus olhos saudosos .. Passeios na Plaza Mayor, saraus do Calderon, disgressões com os moços da Universidade e da Academia, tarde dos touros...

E' Valladolid...

O livro de Lope Mateo, ¡como êle me fez lembrar!

Sensibilidade de eleito, Lope Mateo, com sêr castelhano, tem um sentido vago do desconhecido, desconhecido no que foi e no que há-de ser, sentido a que eu chamaria saudade, se de português fôsse.

«A través del desierto»,
interrogação, saudade dêsse
«¿d'onde?»

«Evocación», lembrança, saudade dessa

«... casa solariega
de un pueblo castellano pacífico y risueno.»

Por isso os versos dêste novo poeta me evocaram tudo o que lá ficou, como numa batalha fèrica de alegria e mocidade, de risos e aclamações, em cujo campo exangam aís, os aís das saudades que vieram e das saudades que ficaram.

Bem haja o esperançoso poeta e o amigo querido.

Um dia será: as nossas saudades nos levarão a Valladolid como a uma fonte de Juventa. E então veremos com mágua que a mocidade, como nessa linda «Muñequita».

«... el Amor, lo mismo que la Muerte
¡solo llega una vez al corazón!»

JOÃO D'ALMEIDA.

MARIA



*Tu és a estrêla que guia
O marinheiro no mar ;*

*Tu és a luz que alumia
O caminho a caminhar.*

*E eu perdi-me no dia
Que me andaste a alumiar !*

*Tu és a água que canta
E afaga quando cai,
Tu és a lágrima santa
Aonde a mágoa s'esvai.*

*Só a minha mágoa é tanta
Que já nem isso a distrai !...*


*Tu és a que mata a fome
E a sêde do coração,
Maria, diz o teu nome,
E Maria é luz e pão.*

*Mas á dôr que me consome
Tu não dás consolação !*

*Tu és o sol. Alumia
Mais do que êle o teu par'cer,
São teus raios — a alegria —
Teu calor — o bemfazer —*

*Ai, a mim foi-se-me o dia
Quando vi o sol nascer...*

AINDA O SR. MAIA

 senhor Maia fez a sua réplica, não nas seis escassas linhas protocolarmente prometidas, como, aliaz, não foi de seis páginas, mas de quatro e poucas linhas, o nosso artigo de resposta... F'ez a sua réplica, e como os ares marciais e sobranceiros com que rompeu se converteram em capitulação, sincera ou fingida, não importa, como a ópera offenbáchica da véspera se sumiu, como por encanto, em volata ligeira, já nos dávamos por satisfeitos usando agora do silêncio, pois sendo êste seu artigo e nada a mesma coisa, é caso para lembrar a quadra, também de João Penha, que termina pelos versos:

*Não abres o bico adunco?
Pois não me sentiste o pau?*

Mas como fomos segundos a romper é justo que sejamos os últimos...

Entre muitas e variadas coisas, a que não faltam ainda as favoritas, untuosas e culinárias imagens, — parabens pela aptidão! — promete que êste nosso segundo artigo lhe fará o efeito duma mordação, e, depois de primeiramente ter rido como um *Triboulet*, garrido na máscara, mas incolôr de responsabilidade, confessa que agora se

prestou a servir de carpidôr, em côro com os demais confrades da tertúlia, dois extremos realmente condignos e de secreta ligação...

Catilinária, sim, senhor Maia, — e neste caso não corria precisamente perigo a coisa pública — e confesse, confesse tácitamente com o silêncio a que se propoz, que ficou mal-ferido, ferido d'asa, como dizem os devotos de Santo Umberto. Confesse que — o senhor que antes de escrever a sua crítica tinha pensado: «eis a ocasião que há muito esperava, vou fulminá-los! Mas desta vez comédia é pouco, é preciso farça... Prefiro o guisalhar do burlesco e vibrar o knout da ironia! A guindá-los até mim, para os zurzir, prefiro abandoná-los a êles mesmos...» — depois de a escrever ficou *no engano d'alma, lédo e cego*, de que teríamos diante de nós a triste perspectiva de vivermos o resto dos dias entocados como trogloditas, solapados como pascácios que nem conhecessem Lisboa... Mas, sendo assim, ao acordar sentiu-se atado como o intruso do país de Liliput.

E é vê-lo, da extrema confiança em si, passar ao extremo sobreaviso, pois já sugere: «*ao que daí soar...*»

De resto, é já processo velho, sempre vago e impreciso, de quereremos embotar, com a taxa de ameaça ou insulto, a farpa que nos é dirigida, dando a sugestão da sua impenetrabilidade... Mas neste caso êsse processo foi a dissimulação de nenhuma nos reenviar.

Metade do artigo passa-a a fazer um oceano da gôta d'água de um verso, um só, estar ou deixar de estar certo, verso que na nossa opinião continua a não precisar de ser elástico.

Quem não perde o seu tempo em esgravatações e minúcias, próprias de quem nunca os fez ou sentiu, acha o verso certíssimo. Com efeito, numa leitura correntia, que venha do principio do soneto, ao chegar ao verso em questão a toada peculiar aos decassílabos não se altera, nem se fere o ouvido por dissonância, pois da junção das suas duas primeiras sílabas gramaticais resulta facilmente uma só sílaba métrica.

O mesmo se passa com os versos, aos cardumes, em que *flôres*, sem apóstrofe, vale como uma sílaba. Aos cardumes são aquêles em que a toada sobreleva o rigorismo métrico, como êste do parnasiano Gonçalves Crêspo:

*Deixou-se el-rei cair, ao acaso, num
escabêlo*

E provado isto, se agora lhe

mete confusão estar um dos acentos secundários na 5.^a sílaba e não na 4.^a, sílaba par, o senhor que conjecturou que ignorássemos Camões, — que sempre conheceremos melhor do que *vossôria* o *Cântico dos Cânticos*, pelo menos do liceu... — parece desconhecer Antero, em cujos *Sonetos* vem êste verso:

E mandá buscar luz e dá-nos treva

em que a palavra que precede a da *cejsura* não se lê *búscar*... E nestas condições muitos mais.

Falamos acima em João Penha. Mas João Penha, se vivo fôsse, é que lhe esticaria tanto as orelhas, para vêr se ouviam melhor, quanto o senhor Maia esticou o 1.^o verso da quadra que lhe cita! A memória atraiçooou-o, mas o ouvido não soube corrigir, e é êste senhor que nos dá o ouvido como o diapasão por onde todos devem afinar...

Contudo, desmentiu uma vez a mania que já tinha o *homem dum dente só*, pois, argumentando a *contrario sensu*, buscou para outra revista de Coimbra tanto de atenuantes como de agravantes achou para a nossa, sem ao menos reparar que, boa ou má, esta se tem remediado com a prata da casa...

Adeus, senhor Maia, e ao recomendar-lhe mais prudência para a outra vez, só lastimo que os novos apelem para os mais velhos.

CASA DOS LANIFICIOS

Completo sortimento
em fazenda
própria para fatos
de homem,
senhora e creança.

Tem em depósito o mais
variado sortido
das fazendas da Fábrica
de Santa Clara.

ANTONIO SOUZA

108, R. FERREIRA BORGES, 110
COIMBRA

PARAISO, PEREIRA & C.^A

Avenida Sá da Bandeira, 7 a 13 e 42 a 48
COIMBRA

Telefone 512 | Telegramas WIZARD

Vendem material para instalações

DE
LUZ WIZARD.

ELECTRICIDADE.

ÁGUA-GAZ.

SANTARIAS.

Tubagem — Azulejos
Ladrilhos — Lavatórios
Retretes — Manilhas

Tele. { fone n.º 604.
{ Rua Espingardaria

108 — Rua Visconde da Luz — 111
COIMBRA

ESPINGARDARIA CENTRAL

AMANDIO DA COSTA NEVES



GOMES FERREIRA, L.^{DA}

Representantes de

Júlio Gomes Ferreira & C.^a, L.^{da}

RUA DA SOFIA, 16
COIMBRA

TELE { fone n.º 30
{ gramas « CANDIEIROS — COIMBRA »

Instalações de água, gaz e electricidade

Telefones, Pára ralos — BOMBAS

— Elevadores STIGLER

— Artigos Sanitários

— Aquecimento central

— Lustres, candieiros e artigos
de iluminação.

FOGÕES DE SALA E COZINHA

FERNANDES-THOMAZ & MIRANDA
COMISSÕES — CONSIGNAÇÕES
REPRESENTAÇÕES
ESCRITÓRIO COIMBRA
R. DIREITA, 10-1.º (PORTUGAL)

: IMPRENSA ACADÉMICA : : :
: : : : : COÍMBRA : :



N.º 5

"Bysancio,"

MENSÁRIO

Propriedade do 4.º ano jurídico

GRUPO DIRECTIVO:

ALEXANDRE D'ARAGÃO
ARMANDO SIMÕES FERREIRA
FAUSTO DOS SANTOS
JOÃO D'ALMEIDA

Redacção e Administração

ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA — COIMBRA.

Administrador — ANTÓNIO SANTOS SILVA.
Editor — TENENTE JOSÉ SILVA LOPES.

ASSINATURA

Uma série de seis números = 7400.
Pagamento adiantado.
— Número avulso = 1450 —

ANÚNCIOS

(Um quarto de página)
1 mês — 12450. 1 trimestre — 35400.
Permanente — 10493 (cada mês).

Colaboração sollicitada.
Só se publicam originaes

SUMÁRIO

- José Régio — *Excerto sobre o riso.*
Angelo César — *Três elegias.*
M. C. — *Fala sobre uma aldeia.*
João Carlos — *Gravura em madeira.*
Fausto dos Santos Júnior — *Lirios.*
Alexandre d'Aragão — *Teoria da civilização no sentido de espiritualidade.*
António de Sousa — *Quadras.*
Vitorino Nemésio — *Os figos prêtos.*
João d'Almeida — *Dois sonetos d'outono.*
— *Crítica.*

P. LENCASTRE

FOTÓGRAFO

TEATRO AVENIDA

Avenida Sá da Bandeira, 1.º andar

COIMBRA

Retratos de Arte
Ampliações — Esboços
e Studios

O atelier preferido por
toda a gente de bom gosto.

Sarmiento, Lemos & Tinoco, L.^{da}

IMPORTADORES

Rua Ferreira Borges, 122 — 1.º

COIMBRA

Telegramas — SARLETY.

Máquinas industriais e seus derivados.
Montagens de fábricas.

Importações dos principais centros produtores estrangeiros.

Agentes neste distrito das casas: « R. WOLF »,
Magdeburg — Buckan.

Máquinas semifixas, locomóveis, etc.

« EDGAR ALLEN & C.º, Ltd. » — Sheffield.

Ravls, acos, limas, serras, etc.

« B. R. ROWLAND & C. » Pedras de esmeril,
carborundum, etc.

« STOWER RECORD »

a melhor e mais barata maquina de escrever,
para entrega immediata.

ÚNICOS REPRESENTANTES EM PORTUGAL.

Representantes no centro do país
das lâmpadas electricas « SECL »
da Empresa Electrico-Constructora, Lda., do Porto.

Vendas pelos preços da fábrica

.. BYSANCIO ..

EXCERTO SÔBRE O RISO

POR JOSÉ RÉGIO

UMA tarde em que eu precisava de chorar ou de morrer, procurei um recanto onde me consolasse revolvendo a minha angústia. No tal recanto, decepada pela brutalidade do tempo, a cabeça duma estátua jazia entre as hervas. Era um bloco de pedra em que o artista gravara certa máscara dolorosa e sarcástica. Talvez em sonhos, talvez na vida, talvez dentro de mim mesmo, eu já vira essa cabeça... As minhas mãos agarraram-na com gratidão. E na ância de comunicar a alguém (a uma alma ou a uma pedra) o meu desespero e a minha fraqueza, abracei-me a chorar áquela pedra que ria. Então, aquela pedra que ria abriu os beiços e disse:

«— Amigo, porque choras? O chorar é das mulheres, que só têm nervos e pele. Um homem deve rir, porque tem a mais a inteligência. O riso é a maneira de chorar dos homens. Disseram-te — não é verdade? — que o chorar alivia. Mas se tu soubesses quanto mais alivia uma gargalhada!... Amigo, o riso exprime tudo — com a vantagem de mascarar tudo. Se tu chorares, desprezar-te-ão. Mas se rires, ter-te-ão médo e respeito: Quem sabe lá as profundas raizes do teu riso? Podem ser alegria ou dôr, ternura ou ódio, rezignação ou revolta, piedade ou sarcasmo, angústia ou pacificação. O teu riso pode ser uma carícia ou uma chicotada... Não vês como riem quási todas as máscaras de entrudo? Melhor disfarçarão as caras que estão por traz delas; e melhor exprimirão as almas que estão por traz

EXCERTO SOBRE O RISO

dessas caras... Estás a pensar, bem sei, que só se ri do que se não compreende. Pois ouve o que eu te digo: Só ri quem compreende demais: Riem as crianças de olhos profundos; riem os doidos pela noite adiante; riem as caveiras no fundo da terra; com a mulher adúltera aos pés, Jesus riu dos seus inimigos; e nas mágicas ingénuas, o Diabo ri ao despenhar-se nos alçapões... E' que Lucífer, o Anjo da Luz, riu ao cair nos abismos. Não vês como rio de ti e das tuas lágrimas? Amigo, riem todos os que bem compreendem. Também as mulheres riem muito, dirás. Riem: mas o riso das mulheres é fútil; e a futilidade é a mais real face das mulheres. As mulheres riem quando estão mais perto do seu proprio sêr. Lê tudo quanto sôbre o riso se tem escrito: Acharás a mesma verdade ao fundo de todas as opiniões diversas. E ri com alma, achá-la-ás dentro de ti! Pois se choras, não é porque alguém — tu mesmo, por exemplo — te venceu pela dôr? Abafas, e tentas desabafar chorando. Porque não desabafas rindo? Risses tu na cara do teu vencedor, e êle sentir -se-ia pequenino diante do vencido. Ele poderia ter a força dos pulsos e a das palavras. Poderia bater-te e humilhar-te. Mas o teu riso feri-lo-ia mais do que a ti as suas injúrias e as suas brutalidades... Se és tu próprio o teu vencedor, se sofres sucumbindo à fatalidade da tua miséria — então, é de ti próprio que deves rir! Quem sabe rir de si mesmo sabe ultrapassar-se. E nem tem o direito de rir quem não começou por esse princípio... Sê superior a ti mesmo, e serás superior a todos. Ri do fantoche que tu és, e um Deus animará esse fantoche. Quem se tomou a sério, será lançado ao ridículo. Mas quem soube rir de si mesmo será tomado a sério. Ri e serás forte! Ri e serás livre! Quem dirá que um truão não é mais livre do que um rei? Um rei vive esmagado sob uma corôa, e nem pode mostrar os dentes aos seus cortezãos. Ora o seu bôbo pode andar de rastos, pode morder as canelas dos grandes, pode dar um pontapé no sceptro real, pode tratar o seu senhor por tu, pode escarranchar-se no trôno, pode ser doido à vontade, pode andar à vontade na vida! Meu amigo, aprende a rir. A tua dôr não cabe nas tuas lágrimas, nem a tua revolta cabe na tua língua. Ora uma ironia é mais profunda do que uma lástima. Uma risada é mais profunda do que um soluço. Uma caricatura é mais profunda do que um retrato... Aprende a rir, amigo, verás como tudo cabe no riso!...»

Por muito tempo, assim a cabeça que ria me falou. Ora ouvindo-a, eu sentia repuxarem-se-me na face os músculos...

✠ TRÊS ELEGIAS ✠

: ÁGUA NEGRA :

Ao BERNARDO MARVÃO

RIO de almas, esta vida,
Água negra, dolorida,
Ninguém sabe onde vai dar,
— Somos fôlhas de salgueiros,
Caíndo sôbre os ribeiros,
Que nos levam para o mar...

O Rio passa veloz,
Soluços chamam por nós
E as margens ficam, sômente!
— Velhos, noivos e crianças,
Amarguras e esperanças
Todos partem na corrente,
Vão nas águas murmurantes
Entre os fraguedos, errantes,
A caminho do mistério.

O corpo, sim, êsse morre,
Dobram sinos numa lôrre
E vai para um cemitério;
Mas a Alma, ó meu Amor!
Tem grandes azas de dor
Que não a deixam ficar...

Sem uma estrêla por guia,
Cortando a noite tão fria,
Abre as azas e, a voar,
Vai pelo espaço deserto,
A' procura do encoberto,
A' procura da Verdade!

E, uma, a uma, todas vão
Sem deixar na escuridão
Um rasto de claridade...

: ALMA :

Ao JOSÉ AUGUSTO VAZ PINTO

SÃO fantasmas as estrêlas,
Só as almas podem vê-las,
O seu corpo é cinza fria;
Morrem os astros em volta,
Ao pé de nós tudo solta
Um suspiro de agonia.

Lentamente todos vamos,
Poetas, aves e ramos,
Para a Terra nossa mãe.
Erguem-se no ar, aflitos,
Para Deus os nossos gritos,
Mas não os ouve ninguém...

Deixa vazios os ninhos,
Passa em todos os caminhos
O Destino esfomeado!
— Não o sustêem soluços,
Nem almas postas de bruços,
Nem Jesus crucificado!

O mundo vive um instante
E até os versos do Dante
Hão de ser poeira vã!
A própria noite sombria
Há de esquecer-se do dia,
Nunca mais será manhã...

Não há rosas nas roseiras,
Dos sonhos restam caveiras,
As nuvens fazem-se lodo,
A morte ronda as estradas,
Nas suas mãos descarnadas
Caberá o mundo todo!

✠ TRÊS ELEGIAS ✠

*Alma triste e pobresinha!
— Tu lembras uma andorinha
Que olha em volta e desespera
De se ver ao abandono,
Sentindo cair o outono,
Saudosa da Primavera...*



: MORTE :

*Ao Ex.^{mo} Senhor
Dr. GONÇALVES CEREJEIRA*

MEU Amor, faz tanta pena
Que a alvura duma açucena
Se misture com a lama!
Pensando bem, mortifica
Olhar o que de nós fica,
Ver a cinza desta chama.

*Meu amor, os teus cabelos
Não tornarei eu a vê-los,
Depois da gente morrer?
— Mas, se a alma fôr lembrança,
Eu creio, tenho esperança,
Que lembrar é como ver...*

*Há corações a sangrar,
Há almas sem pão, nem lar
Pelos caminhos da vida.
— Talvez que a morte só venha
Pela compaixão que tenha
Vendo as almas, comovida...*

*No espaço, frio e sósinho,
O mundo lembra um caminho
Sem ter principio, nem fim...
— Há água na minha voz
Dum rio negro, sem foz,
Que passa dentro de mim...*

*As almas chegam e vão,
Dêste mundo elas não são...
— Deus tem filhos, Deus é Pai
E diz às almas: — correi
Esses mundos que eu criei,
Mas, ao meu seio, voltai...*

*E, como os filhos não voltam,
Ouve os gritos que êles soltam
E manda a morte buscá-los...*

*E êsses bens que Deus nos tira
— Tu não mentes, minha lira? —
Nós voltamos a encontrá-los...*

ANGELO CÉSAR.



FALA SÔBRE UMA ALDEIA

Dos altos descera um rio cabriolando e ao lado ía o caminho. Na quaresma, aos pés do confessor, pecava se assim falasse: o caminho era usado por bestas de carga, não mais, e sombra de carro nunca lhe roçou o pó; o rio lembrava assomo de água escorrendo no inverno de penha em pedra, que ali ficasse a atestar virtude a um santo que na lomba da serra pacificava os longes de brancura. Eram os dois, caminho e ribeiro, de grande amisade, a ponto de todas as pessoas afirmarem que nem criados e nascidos no mesmo logar ela seria maior. E — vêde se não é mistério! — a linha de água desenrolava-se duma alagoa hervosa e trágica, correndo o caminho duns campos bastos de vivo e fartura para virem enlaçar-se, torcidos, contrafeitos, num sítio triste e sêco como urgueiras no estio. Era o riacho o mago daquele pobre carreiro e preso de sua linfa o arrastava por pedregais, silveiras e zêrros. Coisa de admiração foi tal loucura e até ao ponto em que um rio carrancudo de soberba engulira o manso ribeiro nunca os dois se separaram, desse lá por onde desse. Grande foi a pena do caminho ao ver desfeita a lindeza que o seduzira e assim, de pura mágua se quedou; veio então um homem estender duas árvores sôbre o abismo em que o rio se sumira e ficou êsse passo do atalho aspero e sombrio como um soluço salvando a estreita garganta. À noite, quem atravessava da serra, parecia ouvir entre ambos enigmático colóquio e um, arfando a correr, outro, regalado saltando lembravam senhor moço e menino que fôsse a passeio com seu aio branquinho, cuidando, ao lado. Ora como o sítio era de natural safaro e medonhento passar, passavam os viandantes mas até o pó sadudiam dos sapatos, não fôsse a negrura do logar perseguí-los na viagem. E, tristes na terra triste, ribeiro e caminho um ao outro se consolavam. Uma noite de chuva e sombra passou por ali um homem que fugia doutro homem, e como fôsse aquele um logar hostile aos desejosos da vida o homem perseguido cogitou que estava a salvação naquele logar. Duma árvore distraída a ver passar o rio fez uma choupana e porque despresava a lei de Deus e a tal ermo não chegava a lei dos homens deitou-se a roubar os que almejavam o outro lado da montanha.

Certo dia, ao escurecer, roubou uma menina que em galante companhia procurava o noivo, dali a muitas léguas. Fez-se da choupana casa de loja e sobrado e — tudo roubado à ponta de

FALA SOBRE UMA ALDEIA

face — a loja se atulhou do vinho, o sobrado se abarrotou do trigo; os anos que iam chegando viram cada um seu filho loiro da menina e do ladrão. Cresceu a família, cresceram as casas e muito aconchegada à beira do caminho uma aldeia nasceu, agreste e rude como ladrão de pobres, mas linda como noiva que morreu noiva e donzela. Mês e ano, dia e hora, vinha dos altos o rio numa azáfama de galdério, nem paquete de olho fino em mandarécós traria mais pressa na corrida.

Era êste alegre e bom e os filhos do ladrão e da menina espalhavam bondade e alegria no descampado da comarca; por isso mendigos que vão de sacola ao hombro e resa na bôca — Padre-nosso, que estais no céu... Ave-Maria, cheia de graça... seja por alma de quem lá tem e da sua quando dêste mundo fôr... — ali pernoitavam, abençoando os filhos loiros do ladrão e da menina. Só os humildes e fugidios eram ali gazalhados e acolhidos, pois os soberbos de cavalo e chapeirão rodavam a galope, acolitados pelo ladrar dos cães e pedras do caminho. Uma noite de lua nova, ía uma algazarra no arraial do céu — nanja que ruído algum cá chegasse abaixo, mas bem se mostrava no luzir das estrelinhas — arribou na aldeia um fradinho descalço e risonho, tal e qual Jesus Cristo em burel de penitente. Zunia uma guieira nevada e não tardou que o vento entrasse a businar, que até as casas andavam em polinas. Arreceou-se o frade do caminho e pediu cómodo por uma noite. Quem lh'o havia de negar se os olhos eram mansos como de cordeiro, as falas dôces como flores de chupa-mel, e o rosto ao modo dos santos que vão de porta em porta, fingindo pobresinhos, enchendo tulhas donde lhe deram uma esmola de pão, atestando potes donde lhe ofertaram uma lágrima de azeite, abarrotando tinas donde lhe ofereceram um naco de toucinho? Ninguém, por maus figados que tivesse, ousaria despedí-lo em noite assim fria e estirada, que seu geito airoso era por uma pena o dum homem de capuz que passara há dias, abençoando o portal que o acoitou:

— Oxalá, permita Deus, nunca a arca lhe minguê...

E assim foi, não baixando o milho mais que o traço onde estava nessa noite, podiam comer de lá quantos quisessem. Abriu-se a porta ao frade e vereis agora o desgosto, nem uma enxerga havia onde descansar os ossos doridos. Mandá-lo para o palheiro era escárneo, só a desgraçados de bornal vasio o esfiampado se daria aquele poiso. Não se affligiu o santo moço e protestou que, embrulhado na lâ crua do hábito e de rosário nos dedos, à vontade e satisfeito passaria a noite como na côrte celestial, até que a rosa

FALA SOBRE UMA ALDEIA

divina aparecesse no céu. Dera-se o caso de ter caído doente a filha mais linda do ladrão e da menina e por ser a moléstia rebelde a qualquer trato era um castigo apagiá-la noite e dia. Logo ao saber do caso o frade se rogou para lhe velar à cabeceira e com suas orações e benzeduras socegar-lhe o corpo atribulado. Noite morta, a doente que suspirava e bramia como se a febre lhe tivesse subido ao miolo; eram gritos e pulos que parecia todo o quarto bailar o saricoté.

Berra-lhe o pai da cama:

— Minha filha, se estás peor, apega-te ao fradinho que é pessoa de virtude.

Nada de resposta e quando a febre socegou a voz do frade escorrendo doçura:

— Olhe que bem me custou a aquietar. Até lhe resei a oração do Justo Juízo!

Torna o ladrão:

— Lance-lhe v. reverendíssima a benção que Deus lhe pagará no céu e eu aqui lhe darei um chapéu de dinbeiro, se a curar.

— Esteja descansado, irmãosinho, nunca a receita me faltou e seria prodígio falhar-me agora tal virtude.

Adormeceu o ladrão, adormeceu a casa e daí a pouco novos suspiros, já de alívio, demonstrando que o mal ía fugindo. Até de manhã durou aquela andança e bom trabalho tivera o homem do Senhor porque mais cansado que ao chegar tomou o atalho desejado. A filha doente saltou logo da cama e veio espenujar-se para a varanda, toda feliz e còrada ao sol nascente. Doutra vez — era então lua-cheia e fazia nove meses que ali pernoitara o frade — um cavaleiro que aparece a rogar pousada. Deu-lha o ladrão, só com o fito de o roubar. Mas quando, de rasto, a faca nos dentes, se chegou onde o fidalgo se deitara só lhe encontrou o poiso. Perto, o escudeiro resonava e o ladrão enraivecido cravou-lhe a navalha nas guelas. Ficava aos endireitos o quarto da filha e êle reparou que havia um buraco no sobrado. Quedou-se à escuta e daí a pouco, ao chamo de cima, recebeu nos braços um embrulho muito abafado, que era um menino. A seguir desceu a filha e, descravando a taca do escudeiro, enterrou-lha no seio do lado esquerdo. O fidalgo desceu também e por seu turno recebeu no coração a faca que trazia ainda o calor dum outro sangue. Depois, metendo o menino debaixo do capote, o ladrão cavalgou aldeia fóra para saltar à serra, antes de vir o dia. Estava a lua a meio do céu, dava o cavalo todo o fôlego, aparece-lhe à frente um manso frade capucho e puxaram de conversa. Para onde vai, para onde não

FALA SOBRE UMA ALDEIA

vai, ali lhe pediu esmola por alma de quem lá tinha. Foi-se o ladrão, mas entregou-lhe o embrulho, picado, desabalado, caminho àlêm. Andou, andou um cavaleiro que se cruza com êle. Pediu-lhe lume e entraram de conversa. Para onde vai, para onde não vai, pediu que lhe ensinasse a aldeia mais perto. O ladrão isso fez e a toda a brida andou, andou. Mais adiante surge uma menina. Pediu-lhe a levasse na garupa e entraram de conversa. Para onde vai, para onde não vai, perguntou se conhecia um menino capaz de estancar o leite sangrento dos seus peitos. Ensombrou-se o ladrão e, pondo-a na terra, indicou-lhe o ponto onde deixára o frade. Ia a lua quasi ao chegar ao sítio onde morre o sol, êste que rebenta da cinta dos montes e o ladrão atónito vê-se no meio do povo e à frente do cavalo a filha, amamentando com sangue um lindo menino; ao lado vigiavam um frade e um cavaleiro de rosto completamente igual. Veio a justiça e naquele mesmo lugar o enforcaram por ladrão e assassino; o menino, crescendo, foi o rei daquela terra. Correu a fama de tal passo e tendo visto esta aventura, mais tristes e magoados se fizeram caminho e ribeiro. Gente morena que passava olhou nas areias do rio a côr dos cabelos da menina, na verdura dos montes semelhanças com os olhos verdes do fradinho, na poeira do atalho a côr das mãos do fidalgo. E pela má sina daquele amor todos quantos ali nascem se prendem ao ribeiro, se afeiçoam ao caminho, e têm na alma a saudade da água mansa, a tristeza do pó que ninguém calca.

M. C.



GRAVADO EM MADEIRA por João Carlos



LÍRIOS

SE os lírios,
Os lírios roxos falam de martirios,
Tinha um jardim
Sem fim
De lírios floridos na minha alma!

Mas eis que um dia chega dóce e calma
Tua figura pálida de santa:
Minha alma extasiada se levanta,
E os lírios de manso vão caindo,
E os teus olhos meigos vão sorrindo
A transbordar de luz celestial!

Mas eu agora vejo nos teus olhos,
A dorida tristeza d'esses molhos
De lírios roxos que a sorrir colheste!

E a tristeza que tu apercebeste,
Pairando no meu rosto, ó meu Amor,
Desde a hora bendita em que me viste,
Deixa a tristeza vaga que persiste

LÍRIOS

*Que é o pálido vestigio dêsse olôr
Que pela vida fóra me endoidou!*

*Dá-me êsse ramo que a minha alma insiste,
Minha fonte da mágua já secou,*

*Depois,
Os dois,*

*Havemos de regá-lo com o pranto
Dos momentos felises que vivermos;*

*E quando nós morrermos
E assim se desfizer o grande encanto
Dos nossos corações num só fundidos,
Levemo-lo cantando pelos céus*

*E tu desfolha os lírios doloridos
Por sôbre a fronte extática de Deus!*

Novembro 1922.

FAUSTO DOS SANTOS JÚNIOR.

Teoria da civilização no sentido da espiritualidade

Três eras, padrões duma vida, o homem — sobrelevando-se já às animalidades primitivas — tem vivido. Três sentimentos operados num só cadinho, numa só alma. Por três modos compreendeu e amou. Arte, Amor e Saudade, três perfumes duma só âmbula, três fases do mesmo sol...

*

* * *

A primeira aflora pela criação da esfinge — princípio e fim.. — dos debuxos indecisos e fátuos da obscuridade e da ignorância. E' a época de maior pureza e ventura, sintetizada pelo génio helénico.

Tecem-se alegorias dos fenómenos naturais, protegem-se de deuses as contingencias humanas, fixando-se-lhes os atributos de harmonia com o escol dos sentimentos.

Num passado lendário há o embrião nebuloso da sua florescencia. Ajuntam aos deuses os heroes. Pela tuba épica divisam-lhes os feitos, de que, pela máscara trágica, exteriorisam conceitos morais.

Primeiramente que todos, compreendem na plástica humana, especialmente na feminina, o maior paralelo, tangível, de concepções abstratas, condensando as maiores possibilidades de sugestão de beleza. E esculpem no mármore atitudes comumente surpreendidas, a graça alando-se da perfeição plástica. E atravez da mesma plástica imortal, vibratilizando-o em ritmos de belo transitório, criam a dança.

E' preciso conhecer quanto de sintético e ideal tinha êsse sentimento estético, quanta pureza luminosa encarna o espírito helénico, para se conceber como não praticava o desdobraimento a que dá azo hoje a complexidade dum ramo, duma obra artística. A máscara sonegava a expressão e com o coturno o gesto tornava-se moroso. Os entrecchos quási não tinham da análise os emaranhamentos engenhosos, sem nunca, com tanta simplicidade, se ter conseguido maior grandeza. As esculturas, valendo individualmente, raro as combinava a interdependencia dum conjunto.

O atual nítido desdobraimento intrínseco e scénico mal era compreendido.

Teoria da civilização no sentido de espiritualidade

E essa imanência de espiritualismo, duma representação intrinsecamente reveladora e imutável, estendendo-se à vida, criando êsse idealismo recatado, quási sacrifício, toda pureza e brandura, valendo como uma moral, produzindo um critério são, não podia deixar de perdurar, engolfando-se nas eras subsequentes, esfumando-se até às hodiernas...

*

* *

Vem a segunda época, sol pleno, sintetizada pelo génio romano, sendo o paganismo o seu retrato, e natureza a sua fórmula. O que no espírito helénico fôra de brandura reveste-se agora de intensidade e força. A Beleza, que tinha uma representação, passa a ser um símbolo. O mundo é o Eden. O vento passa cantando. Não são ainda vãos os louros que cingem as frentes...

Ante a Beleza — a plástica feminina — perde-se bastante dêsse conceito estético desinteressado, dessa abstenção gososa, principal cunho do Helenismo.

Compreendia-se melhor a realidade latejante do que a frieza do mármore, de maior idealidade, mas de menos sedução... O sentimento artístico não é já inicial, paralelo a todos os outros, mas posterior e derivado, consumando-se quási sempre depois de sofreada a seiva da juventude, transformado o ímpeto em aspiração, num sereno usufruir de ventura, numa leve saudade, sempre nimbada de mirtos...

E' no Amor que aflora a Arte, e, tornada sua função, a Beleza vale como condição de Amôr.

Pan renovadôr e criadôr, Pan imortal, era rito supremo, a um tempo cenário perpétuo, ventre fecundante e meio explicativo ou reveladôr.

Um duplo character, idealista e positivo, reveste o seu temperamento. Idealistas, como que fugindo à realidade, tornaram do símbolo uma forma da exteriorização colectiva, levados na necessidade de nêle concretizar até as scenas mais grosseiras e comuns.

Incapazes da retenção espiritual da estese que a tangibilidade do mármore, alimentando-a, condensava, parcelisaram-na em símbolos.

Menos positivos, ainda que mais fúteis e intemperantes, do que os gregos, procuravam enfrentar a vida.

Teoria da civilização no sentido de espiritualidade

A representação plástica, — reforçada no elemento do vigôr másculo, atributo imprescindível da Beleza — sôbrevive guiada principalmente pelo instinto religioso, ou pelo intuito decorativo, tornando-se função do bem estar e da comodidade, evaporada a fina essência da Arte.

Certos laivos nocturnais adoçam esta pujança. Ao sol viam suceder a noite. Não a compreendiam os romanos, mas reflectiam-na na luz do Sangue, ardendo no âmago do lar, numa penumbra de sarcôfago...

*
* *
*

Depois da victória definitiva do cristianismo, já na Idade Média — pausa de retraimento e de clausura, alternada de letargias sonâmbulas com pesadelos de espectros e despertares mal refeitos da grande saturnal que passava... — afflora a terceira época, — sol poente — já de decadência sob o ponto de vista de intensidade e pureza do viver.

Sôbrevem a Renascença, e trasbordante foi o seu ímpeto, que séculos o seu germen incumbaram. Resurgindo uma civilização que tinha colhido todos os pômos, depois de ter aspirado o perfume das flores, o homem, tendo um modelo perpétuo para guia, revivia modulações numa harpa já dedilhada... Como que effloresciam as corolas ao mágico sôpro que, vindo através dos séculos, transvasasse o polen masculino, que aguardavam, para fecundarem e florirem...

Reforça-se, então, até aos anos que precederam a actualidade, o espírito saudosista, a princípio iludido pela espuma das etiquetas vívidas, altivez e futilidade, em que a nudez dos decotes tinha ainda um pudôr senhoril... Começa-se a viver do passado, e as ruínas — nem gregos nem romanos deram por elas!... — surgem então, começando a ser inseparáveis duma emoção artística. São os promontórios semeados de mármore oclusos, as cidades sepultadas, num campo universal e clássico, e os cubelos desmantelados, as celas despovoadas, num campo tradicional e patriótico — grãos de incenso por queimar...

Começa a Saúde a evolar-nos a alma no crepúsculo do presente, nostálgica na contemplação de trofeus extintos que reviviam, relíquias mortas que readquiriam o condão, — que um mar tórvo a nossos pés parecia depôr sem cessar... Cada homem

Teoria da civilização no sentido de espiritualidade

debruçava-se, sôfrego, sôbre a estela derrubada, para nela gravar o dístico da sua evocação...

*

* *

Antes da introdução dos grandes inventos do século XIX, é ainda o mesmo sol, que alumiou os gregos, que franja no horizonte os seus lânguidos raios em poente. Depois — a revolução em um século foi porventura maior do que a evolução em vinte séculos. Um outro mundo atrai uma nova vida.

A pétala, já violácea, do idealismo, encarquilha a olhos vistos, e promete, em breve, reduzir-se a cinzas. A lesão, denunciada por fumo subtil e gotas estanques, irrompe em labareda e escancara-se em chaga... O sangue híbrido sucedeu ao sangue puro na circulação das veias, latejantes de exausção. Ao pulsar do coração em eulimia seguiu-se o arquejar descompassado da vertigem, banindo eternidades da beleza e de emoção divina por cadeias de exotismos transitórios e beijos infecundos... Uma convenção fútil, fraccionando a vida em fórmulas de nimetismo arrebicado e grotesco, tornou-se o dragão de cada umbral, o verme de todos os sorrisos.

A prática campezina industrialisou-se, e nas cidades a voz da poesia chega aos nossos ouvidos como um eco num labirinto. Por isso a claridade matinal tem para nós lividezas, e nos incita mais a um trêno do que a um hino guerreiro...

E ao homem figurou-se este dilema: deixar-se arrastar por esse caudal vertiginoso e estiolante, por essa fatuidade inglória, ou abster-se, e pertencer à verdadeira, à pura *élite* do sentimento, apanágio de poucos perdestinados ou escolhidos, ao ostracismo condenados...

ALEXANDRE D'ARAGÃO.

QUADRAS

1

« **Q**UEM canta seu mal espanta »;
— Cantando, a vida melhora.

Tu choras como quem canta,
Eu canto como quem chora!

Ai triste de quem se esquece;
Triste de quem é esquecido;
Coitado de quem se lembra
Dalgum bem que está perdido!

2

Cain na minh'alma a tua
E ficou lá, quietinha,
Como cai ao mar a Lua
Quando nasce a manhãzinha.

3

Não se me dava de ter
A graça de Deus, Maria!
— Fazia mais cedo o dia
Para mais cedo te ver!

Maria! — Que lindo nome
Para as bôcas sequiosas!
Maria, disse .. E ficou-me
A bôca a saber a rosas ..

4

Onde o amor cai, fica e pára;
E o coração bate e corre.
Depois foge, e nem repara
Que o coração pára e morre! ..

5

Ai daqueles que não veem;
— Cêguinhos na noite calma;
Mas peor dos que não amam,
Que tem cegueira na alma!

Falas de amor só as sabem
Os cegos, de olhar profundo.
— Há palavras que não cabem
Dentro da luz dêste mundo!

6

Nesta fogueira da vida
Somos lenha de queimar;
Morre o corpo e, de seguida,
A alma é o fumo a voar!

7

Corre, corre, minha vida
Como os rios, para o mar:
— Água que lá vai fugida,
Vida que morre a cantar!

QUADRAS

8

*Na tua graça inquieta
As tuas mãos que me exaltam,
São duas asas que faltam
À minha alma de poeta!*

*Tuas mãos, quando as abrigo
Entre as minhas mãos morenas,
Lembram duas açucenas
Em jarras de barro antigo. .*

9

*O luar das horas mortas,
— Pierrot tão meu amigo —
Vem pelas frinchas das portas,
Conversar a sós comigo...*

10

*O meu amor é uma estrela
Das noites de Portugal.
A pombinha desgarrada,
Que parou no meu pombal...*

11

*Ceus de Coimbra, às Trindades,
(O outono vai a morrer)
Os sinos choram saúdades
Que eu tenho de te não ver.*

*E a cabra chama por mim,
Estudante de Direito;
Que só estudo a preceito
Uma Dor que não tem fim!...*

12

*A Dor que prende... liberta!
— Bendita filosofia! —
Da chaga da Noite aberta
Nasce o milagre do Dia!*

Coimbra, 1922-23.

ANTÓNIO DE SOUSA.



OS FIGOS PRETOS

A GORA, largado de mão o trabalho, para ali estava o grande sarilho de pranchões com uma grande corrente enrolada. A meia altura dependurava-se uma ombreira em grandes pernadas de corda. Arcas e roldanas largas, altos guinchos de ferro punham à espécie duma teia de aranha no ar; e baldes de caiaço, trôlhas, colheres velhas espalhavam-se por li à mangalassa. Francisco tinha vestido a sua opinha vermelha, bordada no peito de amarelo, e a mêdo, desconfiado e de galuchos, poisava os pés no barro afeito ou na areia da terra em montes. Só duma porta, e com a janela gradeada de ripas, a casa dos mortos atirava para o pátio um bafo de cera tresandando.

Ele caminhava para lá, de esguellia. Uma velha cegonha de ferro, regeitada perto da soleta, reflectia um clarãozinho de círio que vinha lambê-la à rua. Isto fê-lo tremer. Contudo, avançou. Já descortinava o pano preto da igreja, com debruns amarelos, que se espalmava na parede ao fundo e tinha uma cruz de talagarça. Aquilo mais o mexeu lá por dentro. Mas logo avolumavam as tocheiras pingadas e com caruncho agüentando tocos de

cera duma côr remelosa de iterícia. Um Senhor Crucificado com pingos de sangue no joelho, e os cravos da mão quinados, pés sobrepostos, fazia *uma desgraça* como Francisco em chinchinho, abrindo os seus braços muito magros.

E logo, comprida e feia, a mesa de pedra lhe apareceu com a grande arca de madeira ao lado, e por cima um vulto teso como um pau da doca. Era o morto. Francisco estava já ao pé da porta e tremia muito de mêdo. Mas o quer que era o retinha. Nas frestas de lado, quadradas, os limos faziam carreiros verdosos por onde as lesmas seguiam numa gosma. E esticado, sem se lhe ver a cara, com os pés descalços e os joanetes espichados, para ali estava o morto miseramente, muito direito, muito sisudo, com as mãos às carquilhas amarradas uma à outra com barbante. Por falta de retelho, o teto metia água, cabedal de beiras, e uma caía, *ping-ping*, em cima da tóla do defunto. Francisco lembrou-se de quando a avó velhinha morrera, tão linda no seu hábito do Carmo, as pastas alisadas, e um veu tão branco como se lá em casa, em vez de filó, tivessem cosido umas às outras, as asas tôdas das pombi-

OS FIGOS PRETOS

nhas do sr. Mendes. ¡Como era diferente! Aquele homem estava ali como o gato maltez, que depois de muito vomitar esticava o pernil no caixotezinho de areia, na cozinha. Então o puseram sôbre a banquetta de escamar o peixe. Ficara luzidio na barriga, e inchado. Botaram-lhe petróleo. Mas também o enfiaram numa coveta macia, debaixo da laranjeira; e a Mercês, sua dona, lançara à flor da campa uma cercadura de cana e uma cruz de margaridas. A'quele triste, nada! Nem flores, e a cova do cemitério, aberta à pressa pelo Matraliano, ficaria — quem sabe? — amonloada como se lá houvessem descarregado uma alta seve de areúsko. Lembrou mais a Francisco a doçura da avó velhinha estendida, que fôra estendida numa eça, que tinha um sorriso na bôca, e que a Amália, coitada, afirmava que cara tão linda só de donzela se encarava. Mesmo de santa. Ele achara tão natural aquela passagem, que a noite, emquanto os tios velavam aos soluços, a passara cuidando da sua garça meiga que o pai comprara a um pequeno. A madrinha, mesmo, dera-lhe uma caixa de louça com moedas de seis-e-cinco novinhas. Assim se entretivera. Mas emquanto isto lhe corria no juízo, e os seus olhos caminhavam assustados em roda da banquetta e do

morto, pareceu-lhe que êste alevantava a mão direita — e quis fugir. Agarrava-o ali à laia de mão de ferro que pesava arrobas. Veiu uma voz que mofou:

— Tua Avó? Essa era rica. Coitado quem é pobre! Coitado quem é pobre, que o Diabo é pai dêle!

Credo! Seria o defunto? Largar-se a correr, pensou. Mas tinha tapado os olhos com as mãos trementes e sentia nas pernas qualquer coisa de rijo que as enrolava e ali prendia. A voz era profunda e disfarçada, mas afinada de tal modo que parecia subida duma cova de sete palmos e meio. Dançavam na cal suja as línguas de fogo dos círios. Pregado à porta, dobrado dos joelhos e passado, Francisco queria gritar e não podia. Na garganta a voz parecia água que encontra cano entupido. No entanto a voz medonha era mais feia, e cantava isto arrastado:

Quando nós éramos vivos
Comíamos dêstes figos;
Agora, que somos finados,
Comemos dos mais passados.

Não havia dúvida: falara o morto. E que dizia o morto, tão mesquinho, ido ali ter da enfermaria dos homens cujas janelas Francisco enxergava? Que os mortos comiam figos, mas mais passados. Coisa estranha! Agora figos! E daí .. Em casa

OS FIGOS PRETOS

do Verdoiço, que era pegada ao cemitério, havia uma figueira preta carcomida, mais velha do que a Salve-Rainha. Como a mulher do Verdoiço servira lá em casa, Francisco visitava-a — santa mulher! que lhe dava socas de milho rajadas para êle enfiar na sua *burra*. Ora a figueira botava beirado por sobre o muro do cemitério, na parte justamente onde enteravam os hereges e os meninos de Limbo. Agora, sim; Francisco agora entendia. Aqueles figos com pêco da figueira, torcidos no pé e abrindo a bôca vermelhusca, faziam-se para as dentuças das caveiras e para as fomes caninas dos mortos. Decerto, nas horas negras em que os vivos dormem, e em que a banda do Vale Farto se enredoia de escuridão temerosa, os defuntos se ergueriam das sepulturas para irem todos aos figos. Talvez mesmo uma quinzena antes os fossem untar todos juntos, com uma boneca de pingo. Ih! Que mêdo êle tinha destas coisas! E lhe semelhavam esqueletos espetados na figueira, como maios, brancos ao frio e à chuva, feitos de ripas de ossos. E aqueles dois toros encruzados à porta da terra dos pés juntos, por cima de palavras latinas, serviriam com certeza de matraca para espantar os estorninhos. Figos mais passados! Agora comiam mais passados! Ah! Não eram,

pelo visto, de ceira, daqueles de que o João Guiné tinha sortido e que dava aos pequenos que compravam. Os figos dos mortos eram da figueira do Verdoiço. E êle ia avisar. E êle ia dizer ao Verdoiço e à mulher que não comessem mais daqueles figos. Quantas vezes, lá em casa, haviam regeitado ao Saldanha as gordas couves murcianas, e os repolhos, e os grandes nabos brancos, só por dizerem que o velho prantava a horta nos covais e ali a cortava ao lusco-fusco! E' verdade: havia a figueira do inferno. Então os mortos estavam todos no Inferno. E aquela cantiga era a cantigo do Inimigo. Benzeu-se: ainda encontrou, à mão, tacto para o fazer. E descobria, como se fôsse em Novembro e tocassem sinais dobrados, as résteas compridas, como de alhos, que os mortos faziam dando os braços e pinchando à beira das campas. A um luar de mêdo, sob a *dlão* dos sinos, formava-se a seus olhos uma quadrilha animada, depois uma valsa, logo uma chamarrita, por fim uma sapateia de mortos e uns lanceiros. Só se viam, brancos, riscos como de lume e côr de osso. Pois que se tratava do Inferno, a Pandilha era do par da cabeceira e o cão linhoso marcava lépido as marcas: — *En arrière!* — Vinham atrás os esqueletos. — *En avant!* — lam adiante os esqueletos.

E a música era surrufaçada pelo vento nos portões do José Maria Belo, como em bombos, e bodes de pêra aguda serviam os figos do Verdoiço, em grandes bandejas que eram as pás dos coveiros: — Vamos a gastar, senhores do Outro Mundo. Isto não é só fazer tijôlo! Vamos a gastar que o nosso Verdoiço é que paga! — Francisco tremia tresloucado, quando o sr. mestre João abriu a porta e se lançou de balandrau para a sineira. Trazia o capuchinho na cabeça. E o homem, que já uma vez o aparara nos braços, quando Francisco rolou na escada das tias, animou-o e levou-o pelo braço a encarar mais de perto o defunto. Por detrás da mesa de pedra estava o Jêão de cócoras. Grande marau, que metera tamanho susto ao menino! Não se demorou o sr. padre com a estola preta e a caterva dos rapazes do côro, que o sr. padre Dio-

nísio, por embirra com instituição semelhante, chamava o Sacro Colégio da Matriz. Então baldearam o cadáver para a arca de madeira, sôbre um lençol de estôpa. Francisco agarrava a caldeirinha. Sôbre dois bancos e entre castiçaleiras o sr. padre José encomendou o defunto, *requiem aeternam*... E o Plácito, o Pexuga, o Joaquim Pacheco e o Cabeçudo às trancas, subiu o cortejo a presa da Misericórdia sob cordões de chuva. No cemitério foi só o *luçiat eis* e terra. Enterraram o cadaver e o lençol. E voltando a casa cheio de medo e tiritando, Francisco, antes de adormecer, tendo-lhe dito a mãe que o pobre defunto não estaria no Inferno e que Deus era pai de Misericórdia, protestou de levar-lhe à cova um punhado de martírios e de goivos.

.....

VITORINO NEMÉSIO.



DOIS SONETOS DE OUTONO

« **F**IAVA em seu jardim a D. Infanta,
olhou o Mar e viu luzida armada » . . .
Como a Canção de outróra inda me encanta,
como eu a trago ainda recordada !

« Busca na nau real que se adianta,
bandeira azul por suas mãos bordada » . . .
Cantai, Senhora, a lenda que em voz santa,
no vosso olhar maguado anda cantada.

Cantai comigo . . . E ao chegar a hora
em que eu cantar: « Só quero a vós, Senhora,
para comigo serdes desposada »,

direis como a Canção que inda me encanta:
« Toma nos braços teus a Dona Infanta
que para ti nos meus tinha guardada ».

DOIS SONETOS DE OUTONO

PASSOU no meu jardim a sombra de Constança,
de Constança, a coitada, a que se vê morrer,
qual lâmpada mortal, sòsinha, a esmorecer,
quando o dia — o de Ignez, a do desvairo — avança.

Cada fonte uma voz, cada cana uma lança,
tudo se transformou ao vê-la aparecer . . .
Como em meu dóce olhar, por êste entardecer
se transforma em saudade a última esperança.

E lá se foi seguindo em graça de outra vida . . .
E onde ela passou, iluminada, assim
a graça se quedou, eterna, evanescida . . .

Passou . . . e quando agora eu volto ao meu jardim
cada linfa sem côr, cada fôlha caída
é uma voz de outro mundo a soluçar por mim.

Cezures (Vales), 21 de Novembro de 1923.

JOÃO D'ALMEIDA.

:: CRÍTICA ::

MULHER DE BENÇAM

:: :: :: :: POEMA :: :: :: ::

: : POR ANTÓNIO ALVES MARTINS.
EDIÇÃO DE «A RENASCENÇA PORTU-
GUESA». PORTO — 1923 : : : : :

Numa coluna e pouco mais de prosa é difícil dizer coisa certa sobre um poeta como Alves Martins, este que nos acaba de dar o seu livro *Mulher de Bençam*. Já a *Anunciação*, sua primícia, o colocou num belo lugar de merecimento, tanto mais custoso de alcançar quanto ele escreve em língua que é verso, verso e mais verso, língua de que os jovens só o verso mostram porque a face anda talvez ensaburrada... No meio, pois, das cerradas hostes de estrofes que são quasi toda a nossa milícia juvenil das letras, verdadeira ala dos namorados, Alves Martins mandou fazer alto e proclamou, comandando, o seu *Angelus*. Foi como se uma coluna de agraviada marcha estacasse ouvindo a voz dum anjo; ia nascer um poeta. Melhor: tinha nascido já; nascia com o próprio anúncio.

Agora, com o talento adulto, Alves Martins conduz ao altar a sua *Mulher de Bençam*. É este, porém, um livro tão singularmente belo, tão despido do bonito e do espectacular, que aos leitores viciados pela avalanche lírica parecerá vulgar. Nêle o fio de comoção é debilissimo, é muito ténue. Passa de verso a verso sem sutura, não engrossa para que o sol lhe deite um fugaz brilho, mas, à plena luz duma sagrada chama,

corre branco como o luar, as fontes, todas as coisas naturais e sinteticamente luminosas. Inútil buscar-lhe os tons violáceos das morbidezas, os rubros dos falsos entusiasmos, os cinzentos dos tédios exóticos, já-mais sentidos. Em troca, toda a procura que nêle se faça de beleza, de alta e nobre poesia, será levada a bom termo.

Dêste poeta, que herda de João de Deus parte da graça e da altura, não diremos mais nada ou pouco mais diremos. É uma das rarissimas figuras sinceras, grandes figuras da sua geração. Esmiuçar-lhe o último livro seria uma vã pequenez; ficar por isto é talvez bom ficar. Fiquemos...

« — E as andorinhas continuam
no ar

As nossas reticências! »

V. N.



:: A MORTE :: DE JUNQUEIRO

Homenagem dos estudantes de Coimbra, saíu, em número único, *Na Morte de Junqueiro*, em cuja colaboração certas coisas más são equilibradas por outras boas, das quais destacamos a prosa de António de Sousa e Alexandre d'Aragão, e os versos de Fausto dos Santos, Nuno Cruz e Angelo César.

Sendo, como é, uma colecção despretençiosa de apreciações pessoais, a alguns outros, não os nomeando, não roubamos encómios que merecem.

CASA DOS LANIFICIOS

Completo sortimento
em fazendas
próprias para fatos
de homem,
senhora e creança.

Tem em depósito o mais
variado sortido
das fazendas da Fábrica
de Santa Clara.

ANTONIO SOUZA

108, R. FERREIRA BORGES, 110
COIMBRA

GRANDIOSA COLEÇÃO

DE

Lanificios da **FÁBRICA DE SANTA CLARA**

A melhor fabricação nacional
rivalizando com as melhores fábricas do estrangeiro

CASA DAS LÃS

ESTABELECIMENTO DE MERCADOR

67, Rua Visconde da Luz, 69

AUGUSTO LOPES

TELEFONE 640

*Enviam-se amostras e encomendas
contra reembolso*

Tele (fone n.º 604, 108 - Rua Visconde da Luz - 111
e 678, ESPINGARDARIA
COIMBRA

AMANDIO DA COSTA NEVES

ESPINGARDARIA CENTRAL



OURIVESARIA ALIANÇA

(RELOJOARIA)

J. A. da Silva Guimarães

18 : Arco d'Almedina : 23

COIMBRA

Telefone n.º 639 Teleg.: GUIMARÃES-OURIVES

Oficinas de
OURIVESARIA
JOALHARIA
e **RELOJOARIA**

(Todas no mesmo prédio)

Execução rápida e perfeita de qualquer
concerto, tanto em artigos de ouro ou prata,
como em relógios.

Confrontem os nossos preços e vereis
o nosso melhor reclamo

Grande sortido de móveis de ferro e colchoaria. Fazem-se orçamentos para mobiliários completos. Responsabilidade efectiva pelo perfeito acabamento de qualquer mobília.

A LUZITANA

JOAQUIM CRISOSTOMO & GUEDES, L.^{DA}

ARMADOR ESTOFADOR
OFICINAS: LARGO DAS AMEIAS, 12, 13 e 14

Fazem-se Estofos, Sanefas, Reposteiros e Estores bordados

CASAS DE VENDA E EXPOSIÇÃO:
Rua de Quebra Costas, 2 Rua Fernandes Tomás, 1 a 11

Magnifico sortido de móveis de ferro e madeira, colchoaria, estofos, oleados, tapetes, brises, jultas e panos de mesa.

FERNANDES-THOMAZ & MIRANDA

COMISSÕES — CONSIGNAÇÕES
REPRESENTAÇÕES

ESCRITÓRIO COIMBRA
R. DIREITA, 10-1.º (PORTUGAL)

ESPECIALIDADE
EM CALÇADO
PARA NOIVAS

SAPATARIA

A ELEGANCIA DE COIMBRA

TELEFONE
N.º 114

MANUEL TEIXEIRA

Sucessor

José Vieira Narciso

Nesta sapataria executa-se
com brevidade e perfeição,
calçado de todas as qualidades
para homem, senhora e criança,
por preços convidativos.

◆ ◆ ◆
Rua Cândido dos Reis, 6 a 12

: IMPRENSA ACADÉMICA : : :
: : : : : COIMBRA : : :

8
5-



N 6

"Bysancio,"

MENSÁRIO

Propriedade do 4.º ano jurídico

GRUPO DIRECTIVO:

ALEXANDRE D'ARAGÃO
ARMANDO SIMÕES PEREIRA
FAUSTO DOS SANTOS
JOÃO D'ALMEIDA

Redacção e Administração

ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA — COIMBRA.

Administrador — ANTONIO SANTOS SILVA.

Editor — TENENTE JOSÉ SILVA LOPES.

ASSINATURA

Uma série de seis números = 7400.

Pagamento adiantado.

— Número avulso : 2400 —

ANÚNCIOS

(Um quarto de página)

1 mês — 12450. 1 trimestre — 35400.

Permanente — 10400 (cada mês).

Colaboração sollicitada.

Só se publicam originals

SUMÁRIO

Alexandre d'Ararão — *Litologia bárbara e cristã.*

Angelo César — *Saudades da minha aldeia.*

Edmundo Bettencourt — *Infância...*

José Régio — *Raul Brandão e os seus dois últimos livros.*

Vitorino Nemésio — *Soneto.*

Fausto Gonçalves — *Arco de Tito.*

João d'Almeida — *A Ventura.*

Celestino Gomes — *Rouxeiros.*

Vitorino Nemésio — *Um bago de uva.*

António de Sousa — *Judas.*

M. C. — *Trecho duma elegia.*

— *Crítica.*

P. LENC ASTRE

FOTÓGRAFO

TEATRO AVENIDA

Avenida Sá da Bandeira, 1.º andar

COIMBRA

Retratos de Arte
Ampliações — Esboços
e Studios

O atelier preferido por
toda a gente de bom gosto.

Sarmiento, Lemos & Tinoco, L.^{da}

IMPORTADORES

Rua Ferreira Borges, 122 — 1.º

COIMBRA

Telegramas — SARLETY.

Máquinas industriais e seus derivados.
Montagens de fábricas.

Importações dos principais centros produtores estrangeiros.

Agentes neste distrito das casas: « R. WOLF »
Magdeburg — Buekan.

Máquinas semifixas, locomóveis, etc.

« EDGAR ALLEN & C.º, Ltd. » — Sheffield.

Rayls, aços, limas, serras, etc.

« B. R. ROWLAND & C. » Pedras de esmeril,
carborundum, etc.

« STOWER RECORD »

a melhor e mais barata máquina de escrever,
para entrega imediata.

ÚNICOS REPRESENTANTES EM PORTUGAL.

Representantes no centro do país
das lâmpadas electricas « SECL »
da Empresa Electrico-Constructora, Lda., do Porto.

Vendas pelos preços da fábrica

.. BYSANCIO ..

Ritologia bárbara e cristã

QUANDO, sôbre as sombras crepusculares, venho debruchar-me dêste mirante, nesta penumbra de estática beatitude, em que parece tocares-me mais a alma de luminosidade, penso no liame ingénuo e divino que une duas almas no amôr, só pela ância inefável de síntese e de complemento, arestas-ímans que se encontram num beijo, fluidos que despindo-se de mundanais invólucros chegam ao céu fundidos numa só essência...

O Amor — dois elos formando uma cadeia fechada...

Meço a plenitude do contacto dessa união, — fundo contraste com a transitoriedade de certas volúveis paixões, já construídas com o pó — daquelas uniões que só o Destino prepara, expandindo-as em esplanaada rectilínea, desde a infância, ou fazendo-as surgir inesperadas, numa curva brusca, até aí existindo, tal-

vez, em incoercíveis correspondências... Uniões em que a inabalável constância, operada nestes dias breves da vida, firmou o sêlo da eternidade, deixando atraz a falar por elas o silêncio imortal, presença de Deus, como um cruzeiro esquecido num recanto do ceu...

E eu balbucio:

— *És o Nilo da minha Vida...*

Frente a frente, diante de ti, unjo-te os cabelos no peristilo duma câmara de noivado, desenhando-se em gestos de bárbaro ritual nossos perfis de esfíngica beatitude. Vemos nos olhos a fugaz scentelha de prece, de victima deparando a pira, antes rompermos afoitos na plenitude dum beijo...

O Amor—ara sagrada em que só a mêdo ousamos tocar...

Ritologia bárbara e cristã

E eu balbucio tambem:

—*És o Ganges do meu Amor...*

Engeito de Deus a realidade submissa, a uma onda de alucinação faz-me prepassar por uma estrada virgem, em cuja orla tenebrosa se sucedem trasgos de paladinos, e onde ao longe se descobre a meta em que é dôce tomar...

E' o rubro instante em que te quis heroína, a meu lado; febre, devaneio, mas sempre despertar iluminado, ância de crástica luz...

—*És o Eldorado do meu Sonho...*

.....

Agora a Arte me domina, essa parcela da sensibilidade que repele os raios grosseiros da materialidade e refrange, para o seu âmago, os suavísimos da estética, a Arte, taça vasia que serviu ambrosia, — o Amor...

E escandeia-me o olhar vaporoso bailado de helénicos modêlos, que, aproximando-se, se corporisa por fim no teu busto, fria estátua, emergindo da planura dormente dum lago, bri-

lhando-te em redor a névoa fosforescente do luar, como se fôsse o teu hálito condensado...

Penso na fascinação que de ti emana, no rubi sangrento de predestinação que engastaste em meu destino, e, a teus pés ajoelhado, sorvo nos olhos o fluido que escorre das tuas mãos de maga...

Vejo-te, por fim, à luz do Passado, beijando o teu rastro indeciso e frouxo entre a corrente fria das ideias, e o desabrochar da sciência, fundo claro-escuro dêsse grande quadro da História, e que, se vens ao proscénio, é para, depois de nos deslumbrares à luz suave do idílio, logo tombares divinizada pelo Martírio, ou redimida pela Beleza...

Tombas morta tambem, e com o cerrar dos teus cílios a noite desce, sumindo-se a luz dos teus olhos, luz claríssima escondendo as estrêlas, que despontam agora...

Agosto de 1922.

ALEXANDRE D'ARAGÃO.



Saudades da minha aldeia

AO MARTINS DE CARVALHO

FRAGUEDOS das serranias,
Frontes de pedra, sombrias,
Esfinges da solidão!
Caveiras tão descarnadas
Pelos montes espalhadas,
Pela serra em multidão...

Corpos que andaram eriantes,
Esqueletos de gigantes
Vencidos no grande assalto
De antigas guerras estranhas,
Na escalada das montanhas,
Na conquista do mais alto...

Fraguedos do rio Doiro,
À beira do sorvedoiro
Dessas águas em tumulto,
Dum rio que se despenha,
Aonde mal se desenha
A sombra do nosso vulto...

Dum rio que, pelo inverno,
Tem as cóleras do inferno
E enche as margens de rugidos.
— Meus fraguedos escavados!
Sois espectros desolados,
Pela areia, empedernidos...

Agora, nesta distância,
O' rio da minha infância,
Eu lembro constantemente
Tens grandes barcos à vela,
Com seis homens à espadela,
Lutando contra a corrente...

E o arrais, à proa, clamando,
Solta as ordens de comando
— As águas temem seus gritos!
As suas falas são pragas:
— Eh! raio fugi das fragas
Ah! cães danados, malditos!

E as noites de lua cheia
Em que os penedos, na areia,
Eram as sombras maiores...
De encontro às coisas, o vento
Dizia um novo lamento
E as águas outros clamores.

Eu te lembro com saudade
(Agora que a mocidade
Me traz por mundos diversos)
Paisagem que, em pequenino,
Já fadaste o meu destino,
A humildade destes versos...

ANGELO CÉSAR.

INFANCIA...

PARA em berço d'enlevo adormecer,
Meu coração acorda, quando falas;
E enquanto, Amor, com tua voz o embalas,
Eu sinto nele a infância alvorecer . . .

Não sei porque magias, torno a ser
O menino que fui, se não te calas,
E as toadas d'embalo oiço cantá-las
De novo à minha mãe, num esmorecer . . .

De novo sonhos puros vêm rondar-me;
Mas de tal arte a sua dança é terna,
Que não posso acordar em sobresaltos.

Ó meu Amor, não cances de falar-me!
O coração é uma criança eterna,
Sempre a pedir embalo e sonhos altos!

Coimbra, Dezembro de 1923.

EDMUNDO BETTENCOURT.

RAUL BRANDÃO

E OS SEUS DOIS ÚLTIMOS LIVROS

RAUL BRANDÃO acaba de publicar *Os Pescadores*, primeiro volume duma *Vida Humilde do Povo Português*, depois de ter publicado o primeiro volume de *Teatro*. O *Teatro* divide-se em três parte: «O Gebo e a Sombra», «O Rei Imaginário» e «O Doido e a Morte»: um drama, um monólogo e uma farça. Ora Raul Brandão, que não abandona o seu mundo, continua no *Teatro Os Pobres, o Humus, A Farça, a História dum Pa-lhaço...* O Gêbo, a Sofia, a Candidinha, são figuras que êle já fez atravessar outros livros, gemendo ou gritando a sua humanidade trágica. E não só o Gêbo, a Sofia, a Candidinha, mas também a Joana, a Teodora, o Gabirú, o Pita, o Gregório (¿ quantos outros? ¿ quantos outros?) arrasta-os êle de página em página e de volume em volume, sempre cada vez mais esquadrinhados no íntimo da sua miséria, que é ás vezes — quasi sempre — a sua grandeza.

E' natural e coêrente que Raul Brandão transporte para o teatro a sua legião de humilhados, vencidos, incompreendidos, inadaptados... O que decerto lhe importa não é fazer teatro, se por teatro mal-entendermos o maquinismo de certos

arranjos scênicos, feitos de trucs mais ou mens batidos, de palavras mais ou menos inchadas e de artificialismos mais ou menos sentimentais. Importa-lhe, sim, fazer drama; isto é: revelar o drama — conflito e angústia — que pulsa no próprio coração da vida. E é esta a única finalidade do alto teatro. Ora drama fá-lo Raul Brandão em toda a sua Obra: até nas suas evocações históricas, estou em dizer que até nas suas manchas de pintor impressionista. Escancarando ao público a alma dos seus herois, e atravez da alma dos seus herois sôbretudo a sua, Raul Brandão compraz-se em denunciar nos homens, a par da vida quotidiana e aparente, a vida íntima, profunda e verdadeira. Esta vida, que todos os seus personagens vivem com uma intensidade dolorosa, pesquisa-a Raul Brandão com audácia, com obsessão, quasi com ferocidade, num estilo que lhe vem dos nervos, todo em golpes e em gritos. Depois, tendo-nos desnudado a verdadeira figura, volta-a do avêssio e faz como que a sua paródia exhibindo-nos a outra — a que a desgraça, o meio, a vida. os homens conseguiram talhar a seu grado. E' assim que a Joana, divina criatura só feita de ternura e

RAUL BRANDÃO

E OS SEUS DOIS ÚLTIMOS LIVROS

de lágrimas, cheira mal, parece estúpida, e se arrasta na vida como um estregão. E' assim que a Candidinha, velha cêpa roída de rancôres seculares, lambe as mãos que quereria morder. E' assim que o Gabirú, delicadíssimo poeta do Sonho não sabe o que fazer dos seus braços de gorilha, das suas pernaltas de espantalho, e positivamente é grotêsco. E' assim que o Gêbo... Mas basta. Compreende-se como todas as criações de Raul Brandão — caricaturas e máscaras da sua própria alma — são altas figuras de tragédia. Interpretando-as através da sua visão da vida, o escritor requinta em lhes exagerar os traços salientes, e faz resaltar o drama do simples facto de viverem. As palavras que dizem estão em conflito com os gritos que calam, o que são em conflito com o que parecem, a vida que os cerca em conflito com a vida que os anima, e a sua face humana em conflito com a sua face divina.. Conflito e angústia — eis o seu destino. Até que, chegado o momento culminante do drama, a Candidinha grita o seu ódio, a Sofia acusa o seu homem, a Teodora uiva o seu pavor, o Gêbo acararada com o filho ladrão, e o homem que não viveu pergunta como são as árvores, como são as montanhas, como são as mulheres...

Com tão singular, com tão poderosa vocação dramática, Raul Brandão forçosamente havia de menosprezar as pequenas regras técnicas.

O Gebo e a Sombra é um drama de pouco movimento, e em que, aparentemente, pouco acontece. Na verdade, acontece muito: Acontece a revolta dum homem, um pobre homem que levava a vida a apresentar o dorso e a grunhir como um animal — anh? anh? — e que afinal se insurge contra o seu destino, ou — não sei — segue o seu destino. Como em toda a Obra de Raul Brandão, os personagens são almas, quasi só almas, e não conversam: revelam-se. Mais do que diálogos, os seus diálogos são monólogos alternados. E o drama paira no ar, carrega todo o ambiente, é uma Sombra que enfim desaba e afoga tudo. No monólogo de *O Rei Imaginário*, Raul Brandão explana ainda uma vez a sua compreensão do Sonho — supremo meio de libertação e de desforra. Na sua Obra, ninguém suportaria a vida se não sonhasse. *O Rei Imaginário* é mais um dos seus grotêscos — farrapo humano que se vinga no Sonho, e pelo Sonho chega a ser rei absoluto. *O Doido e a Morte*, que o autor chamou farça como chamou *Farça* a um dos seus livros mais espantosos, pertence a certo género de alto humo-

RAUL BRANDÃO

E OS SEUS DOIS ÚLTIMOS LIVROS

rismo — tomando a palavra no seu sentido mais amplo — que é antes uma maneira irónica de mascarar o drama da vida. Muito profundo para poder ser simplesmente cómico, Raul Brandão prolonga de ressonâncias trágicas as situações e as palavras risíveis. Os seus grotescos nunca chegam a ser puramente ridículos. Quando muito, neles, como em nós todos, o ridículo e o trágico tocam-se. E este ponto de contacto, que é talvez o centro da alta comédia, é o fulcro da farça de Raul Brandão. Se o terror da morte arranca a esse pobre governador civil gestos e palavras que fazem rir, o génio inquietante do escritor logo nos imobiliza o riso em rictus. E aquele Doido tão coërente com a sua loucura, tão lúcido na sua loucura, obriga a sentir e a pensar... Raul Brandão era incapaz de escrever uma simples farça.

Agora, duas palavras sôbre *Os Pescadores*. Com o seu génio eminentemente subjectivo e pessoal, Raul Brandão dá-nos, talvez, neste livro o livro mais objectivo e mais calmo que ao seu génio é possível; o que não quer dizer que o livro seja um livro de inquérito, de descrição, de análise fria. Voltados para o mar, e para a vida humilde, simples e grandiosa das gentes

que com êle lutam, os olhos de Raul Brandão continuam a olhar através da sua alma. A paisagem, que êle nunca chega a fazer *ver*, é bem um estado de alma que sempre chega a fazer *sentir*. Afinal, o que torna este livro notável são ainda as qualidades que o autor já largamente tem afirmado: Força de simpatia, ternura, poder de evocação dramática, intuição psicológica, especial compreensão de certos tipos, originalidade dos meios de expressão. Com a diferença de que neste livro Raul Brandão se limita e se pauta. A pesca da sardinha, a amorosa e luminosa descrição da Ria de Aveiro, a morte do arrais, a notação de certos tipos, a impressionante sugestão das Berlengas, a evocação de Sagres, são páginas que consagrariam um escritor... mas Raul Brandão tem-nas muito mais belas. E... vá lá uma nota pessoal: o livro não me fez sentir o que eu esperava sentir, eu que tanto sinto Raul Brandão, que sou de ao pé da Póvoa, e que tenho no meu sangue sangue, do *António Libó*, do *Francisco Pernela*, do *José Mouco*, do *Domingos Regoça*, do *Joaquim Mouco* — mortos no mar...

JOSÉ RÉGIO.

SONETO

FECHOU-SE a alcova. Para o nosso além
Sômos ainda nós enchendo o espaço.
Fui o último a entrar, e em teu regaço
O meu olhar foi último também.

Ultimo! E a gente não entende bem;
Sabe-se apenas que se deu o abraço...
Nas ribeiras azuis, pelo teu braço,
Correu a voz que há de chamar-te mãe.

A voz do sangue! Ouviram-na que ouvidos?
— Foi uma fala baixa dos sentidos,
Foi uma boca em fluido que passou...

Subiu, cresceu, teve o primeiro geito,
E só mais tarde é que se trouxe ao peito:
Verbo que se fez carne e em nós morou.

VITORINO NEMÉSIO.

ARCO DE TITO, por Fausto Gonsalves



A VENTURA

PASSOU um dia a meu lado,
Manto branco de noivado
Procurava-me e sorriu...
Deu-me os braços, recusei-os,
Depois, unindo-os aos seios
Foi-se abalando... e fugiu...

Quem sabe o que me quizera
Se eu a escutasse!? Que pênna!
Que contara, o que dissera
A sua boca morena!
Quem sabe!? talvez que fosse
Aquela que há tanto tempo
Eu trago no pensamento!
A de olhar triste e voz dôce...

Foi numa tarde de outono,
Caiam ao abandono
As folhas... Deixei-a ir...
Ao depois chamei por ela:
—«Minha Amada! minha Estrela!»
Era tarde pr'a me ouvir.

Talvez (só me lembro agora!)
Doida do meu viver
Ela me viesse dizer
Que chegara a minha hora!
Nada pensei... e abalou.
(Que tarde azul! que hora calma!)
Se o peito o não suspeitou,
Porque o não sentiu a alma?!

Não me deixa o pensamento:
Tê-la visto assim tão bela,
Uma vida à espera dela
E perdê-la num momento.
É muito tarde! E a esmo
O ecoar dos seus ais
Repercute-se em mim mesmo:
Ai nunca mais, nunca mais!...

JOÃO D'ALMEIDA.

ROUXINOIS

DUM campo no debrum dois cegos se toparam
à volta de esmolar, o santo dia, os dois . . .
meteram na sacola as rabecas; depois,
toca de conversar das coisas que passaram . . .

. . . — E quando os dedos meus, doridos se cançaram,
entrou de ouvir-se, ao largo, um cântico em bemois.
O que era, perguntei. Diz que eram rouxinóis . . .
¿ Rouxinóis, que serão? ¿ Nunca isso lhe contaram?

— Um rouxinol . . . (sei lá!) talvez algum pastor
florindo a sua frauta em cânticos de amor
no segrédo amoral das noites luarizadas . . .

— Pois eu . . . (o que é trazer o olhar entravadinho!)
cuido que um rouxinol é um cego pobresinho
como nós, a tocar ao povo das estradas . . .

1923.

CELESTINO GOMES.

UM BAGO DE UVA (FRAGMENTO)

A BRI o caixote — eram uvas. Tinham-mas prometido um paquete antes, o que chegou a 20 e não mas trouxe, pois sabiam como gostaria de as trincar e ver no bojozinho apetitoso dos bagos, reboludo e mui fino. Abri o caixote com cerimónia de igreja, quási que tremendo. Pedi um escôpro, um martelo, uma tesoura para safar as guitas; chamei a Mariana depressa, felicíssimo, e em sarabandas no quarto dava estalinhos de dedos, pulando com fragor. Era uma alegria desusada e doidona que me fazia mesquinho, rodados de calcanhar para o passado, em frente a mortas coisas. Ia num ano a minha ausência da terra, entrara o setembro primeiro do meu exílio, e com a humidade primeira de ante-outono, fôlhas entisicando, a saudade primeira garrulava à garganta, a 9 Frutidor. De entre serradura fôfa, então, o primeiro cacho apareceu. Revolvi manso o volume como quem bole em ovos. Carpos finos de sêda tocaram os meus dedos, como se dêdos de além por igual se estendessem, num Deus-te-salve mudo. Parei. O quer-que-era se movera por baixo, um certo som pareceu-me desatar-se

dali, e notei que o movimento era a modo de piso — pé rompendo em balseiro a fresquidão do mosto. O som, êsse dava ares a espirro vivo de pipa, quando se safa o tórno. Mas entrou de fazer-se articulado, já distinguia sílabas — milagre! — e um fluir de palavras, inteiros termos vindimos, *ahns* de refôrço aos cestos no pôr aos ombros violento, alastrava derroda e vinha fazer-me alvôrço. Chamei logo a Mariana que enchia uma terrina de água fresca para abluir as viajeiras, de costas para mim:

— Venha ver. As uvas falam.

— Ora... Ora... — E a boa velha encolheu os ombros duvidando.

A essa altura ia um palredo cerrado no caixote entreaberto, compreendera eu falas inteiras de sentido marinbo, que diziam da rota, das águas salsas ao pé das cepas moscatel, donde as uvas vieram. A Mariana acercou-se de mim e do caixote, acocorou-se, e o Santo Nome de Deus foi-lhe chamado à boca com um sorriso hereje, por acólito. Tínhamos arredado o maior da serradura, que me trouxe à ideia paus tamanhos de cedro com serradores acima e abaixo, num quebrado aritmético, $\frac{3}{3}$.

UM BAGO DE UVA

(FRAGMENTO)

E quási sós os cachos apreciavam, alguns delidos e sorvados. Mas outros tinham o viço da parra, mostrariam à luz seus mundos de tanino e as caroiçudas graínhas aparelhadas que nem badalinhos de sino para repique ao santo borrachão, que deu a sua capa. Foi então que notei que um bago me chamava e lhe ouvi isto:

— Ora viva!

De breve acotovelei a serva, que ali estava a prova. Era um milagre de Deus, pois falavam os frutos. Lembrava-se ela? Em tempos idos, até os jericos, que são animais sem talento, e as pedras do caminho e as mós de atafonas, os seixos dos regatos, a pardalada do ceu, e os montes, e as espigas, limos, serras—tudo dava à língua largamente, dizia histórias sem fim de jacobitas e frades e adornava a narrativa do bom oiro das máximas e dos rifões que precatam. Não era novo, que se o fôsse também não espantava, pois o poder de Deus—ou não fôsse êle, que é cimeiro—sempre atufou os orbes de sua luz prodigiosa e endireitou aleijados, e aleijou escorreitos, e na face dos sem-vista lançou a fonte de sua doce mão nazarena, obrigando-os a ver. Mesmo em capítulos de uva, havia Caná e as bilhas das judaicas moças, que o Senhor

pejou dum palhete mais macio que penas, seu acídulo de travo em bom tempêro. Mas Mariana, com ser desenfronhada dos Sagrados Textos, velhos como novos, dotava-se daquela malícia que já o bom S. Tomé usara por cautela. E depois — desconsôlo! — eu pensei que as uvas do meu caixote, aquelas uvas empacotadas lá longe, quási no estrangeiro, não podiam falar para Mariana que era filha da serra onde os lobos alcateiam e a neve zurze e a ovelha pasce, mas onde nos pendores aspérimos se não vê um só abraço de vinha durável, como terreno amor feito de posse e ânsia, longo, colado e fundo. Fôsse tójo, caruma, a roxa negrela da encosta, fôsse mesmo centeio a adivinhar pão da bôca, e já Mariana poderia returquir de seu colherão o que sabia de segadas, ermas subidas nos carreiros pedregosos, cata de pinhões para dentar e de ramiscos para a lareira. Assim, Mariana fitou-me de olhos muito abertos, pasmada de tal loucura, e seu vantall pobrezinho teve uma dobra de disfarce, que ria ao dispauteério. Dei de ombros também — que importava! — e atentei melhor no bago-mestre que se me dirigira. O cacho seu suporte era bicudo com graça, ligeira curva de vírgula, e agarrado no pedúnculo teria ar de pin-

UM BAGO DE UVA

(FRAGMENTO)

go dum vinho espesso, que um sôpro vergasse pouco e um grande fio tornasse em cristal de álcool, suspenso. O bago era dos mais salientes e devia ter roçado pela parreira ao rir de brisas tardívas. Como estava num cachinho à ilharga, era o senhor do rancho, dominava os outros, e uma crôsta de líquen emprestava-lhe o estrago que certifica a velhice e impõe respeito a quem está. Olhei-o bem. O bago não tinha bôca. Mas a êsse tempo entrava uma réstea de sol pela janela, a florava a serradura doirando-a, e nas uvas detinha a sua flecha oiro-velho como se fôsem a mira. Tal raio despertava as células dos frutos, e êles, que traziam o condão da fala, abriam-se em segredos, davam depois lugar ao monólogo do meu bago:

— Ora, viva! E's tu o menino, o nosso dono?

Compreendi que era solene a hora — falavam coisas — e compuz-me em dramático afirmando:

— Eu sou...

Mas ia enfiado, temia alucinações de morte, mãos às têmperas, como se o juízo deitasse a evoluar nem um fumo — Senhora Santa Catarina!

Então o bago disse:

— Descansa. Trago-te novas de lá, sou teu amigo. Eu sei que me não viste nunca. E' questão de não teres reparado.

Sou já velho, tão velho como tu. Nasci daquela cepa que enxertaram pelo S. Valentim de há vinte anos, a do curral da roseira. Fui primeiro uma radícula chinchinha que vivia entre as trevas e o estêrco uma humildade obscura. Entre nós é assim. Vai-se do preto ao branco, daquele muito aziago a êste que deslumbra. Vês? E' uma luz quási névoa; olha-me por dentro.

Enchi-me de coragem e levantei o cacho, pu-lo contra o sol. Havia com efeito nêle um alagado claro, esvaindo à cercadura, junto à casca. Radiava dum oiro cada vez mais límpido, e para me não encandear desviei os olhos, fiz *té-té* às meninas... Mas era certo, o oiro ia do amarelo ao amarelado, subia, subia, entrava de ofuscar como um nimbo de nicho, e a crosta de líquen irisava e tremia, ocultando-lhe um lado, como se pano fôsse dum sacrário de joias fabulosas. Ele explicou-me como fôra da radícula andando, subindo, procurando a luz plena nos nós do caule, num desejo religioso de cego olhando o céu. Em sua estirpe com brasão de folhagem, heráldica marcando a evolução da árvore, desde o ínfero quartel com o cavalo e a pua dos fevereiros, escala pelos gomos tenros, topete num timbre airoso, com um gomil cheio de espuma — a vida era uma cruz

UM BAGO DE UVA

(FRAGMENTO)

de seivas que se lavava até o madeiro do lagar, ao sangue da redenção. Vinha-se do escuro, a cova do plantio, e lembrou-me de como Jesus também viera do estábulo e até a ráfia do enxerto imitava as tristes palhas da manjedoura de Belém. Visse eu: Cireneus de tanchão ajudavam com cabeças mitradas à navalha, quando não era a pedra negra e enfiada, que sabia a lume no estio e dava apoio às gavinhas, como a braços ávidos crispando. Mas o bago era indulgente para a minha ignorância.

— Eras assim, do tamanho dum tinote, dos da adega... Não admira. Mas sabes, a gente é negra de breu quando não sai da cova, tem a côr do torrão, a modos que nenhuma. Aí, que tortura. É uma ânsia de fibras que adelgaça, tenteia a flor do solo, e ei-la sai e é sem côr no rente do curral, e vai verdosa nas hastes, e verdinha aos pimpolbos, e verde lindo nas fôlhas a botar três recortes. Depois — sabes? — é sempre mais luz, numa tontice, a gente a crescer de rastos sôbre as lages e a canícula a tremer, a tremer como carbúnculo. Sim. Isto de vida,

sofrêmo-la, e é tarde, é muito tarde que o vinho chega e a alegria. Anda a gente a merecer o espírito do vinho, e é pela luz. Refinaremos, sofreremos — cepa, pimpólho gomo; fôlha, bago e falerno — por aí acima, até ao espírito do espírito, até a luz mesma, que é o fim.

E o bago era diáfano e filósofo. Viu-me perplexo, uma distracção, muda de olhos para os outros bagos e a serradura de envolta.

— Sei — volveu prestes. — Queres as novas dos teus, saber se há fartura, como vão os campos e as ondas como rolam. Eu, era para te dizer que sou velho, com esta giga parasita de líquenes, mas claro por dentro, vivo, quási vinho. Que fresco!

Eu ia esquecendo a humanide do meu bago, senti uma vinolência antojando-o, e estendi-lhe a garra sôfrego.

— Espera... — disse-me num sorriso luminoso que a réstea de sol alargou — sorriso superior de quem sabe ser vítima e que castigava a minha gula. — Lá iremos, ao mascar-me. Ou não queres ouvir tudo?

.....

VITORINO NEMÉSIO.

: : JUDAS : :

PENDIA da figueira um enforcado

*Envolto numa túnica em farrapos.
Tinha a pele enrugada como os sapos
E o medonho cabelo desgrenhado*

*Descarnaram-lhe os corvos tôda a face:
— Das órbitas sem olhos escorria
Uma gangrêna amarelada e fria,
Como se um fruto pôdre se esmagasse!*

*Era sinistro e feio. Os tristes môchos
Vinhão poisar-lhe sôbre os ombros rôxos,
Aos repêlões do vento enraivecido*

*E a lua que nascia, muda e enorme,
Chorava-o no silêncio desconforme
Com lágrimas de chumbo derretido!*

1923.

Do livro a publicar: « DOBADOIRA ».

ANTÓNIO DE SOUSA.

TRECHO DUMA ELEGIA

QUANDO numa tarde de chuva — as lágrimas das coisas — te fomos levar ao cemitério já nada eras neste mundo. Minha pobre amiga, só a vida é contada.

Bem podiam afirmar-me velhos cansados de saber que em ti, um corpo morto, nascera com a morte uma estranha e pululante existência; que em tua carne branca e mansa, tão diafana que parecia viver líquida, surgira a fauna azul da matéria extinta, vermes gordos como tumores ou estilizados como escorrença de gangrena; que tu, como agregado de várias substâncias, existias, ocupando no espaço um lugar, o lugar do teu caixão. Contudo, depois de morta, nem mesmo chegavas àquela vaidade de que fala um rei e todos somos ainda antes de nascer.

Verdadeiramente, o teu corpo já não era coisa alguma, e o que nós choravamos, o que sinto e vejo na última fôlha do livro por ti rasgado, é outra bem diferente, é a Vida, foste Tu. Aquela massa côm de lua que diziam pertencer-te, era nada; e se ao cemitério a levamos foi para evitar o sacrilégio de haver um corpo morto com o estilo do teu corpo imortal; foi para não sentirmos nojo e desespero ao

ver naquela hediondez o aspecto sagrado dos teus seios; foi para que um de nós, talvez eu, não cuspisse, horrorizado, essa carne pôdre com o geito da branda enseada onde o teu ventre se escondia.

Minha triste amiga, eu não enxergo o teu destino, não sei como te sumiste, mas não posso crer em tua ausência eterna, nem compreendo que no lugar onde pela ultima vez tua cabeça se anichou surgisse, cispado e branco, um rosto tão parecido com o teu. Recordo que nunca me falaste a verdade e que te pedi ajoelhado essa mentira bendita. Se a nudez da verdade gela e corta para que fazê-la passar em tua boca nua, que mais esfriava a cada beijo? . . Para que pintar nessa côm teus lábios modelados em gêsso e só enroupados de vermelho, quando saías? .. Lembro-me agora. . . Vejo-te na minha frente. . . Porque tu não morreste, eu não quero, nem posso lembrar-me sem arrepios do barro amarelado, côm de cidra madura, com a sagrada forma dos teus seios, a enseada branda do teu ventre. Que maldita visão: um corpo morto com a forma do teu corpo! Tive âncias de o calcar a pés, esmagar *aquilo* até a podridão saltar em es-

TRECHO DUMA ELEGIA

guichos verdes, amarfanhar, para dessa nojice desaparecer teu divino modelo. Lembro-me agora... E' como se te visse... Foi mais uma mentira a tua morte, mas fizeste-la com tal verdade que todos a acreditam. Só não sei explicar e te pergunto que foi feito de ti, onde sofres êste horrível tempo, minha loira amiga de olhos fundos? Não me basta acreditar-te viva, preciso de te sentir, que no leito onde representaste a mentira da morte reapareça a vida dos teus olhos, tão fundos, tão negros que nunca os beijei sem me entristecer. E quero outra vez, estancado de dôr e de alegria, sonhar, nirvanizado, que tu, fria e serena, surgiras nua ao sol nascente no cimo nevado da mais alta montanha.

Lembro-me agora... E só posso acreditar que não morreste e foi uma louca ideia deixar em outra matéria a linha que era tua. E' para me explicar essa ideia, e abafar a dúvida que se me enleou que eu quero tornar a ver-te, que eu quero que voltes a ser Vida, que voltes a ser Tu! Os outros, seguros do teu desaparecimento, disseram-me já um qualquer sítio onde devias estar, um sítio donde se não volta e onde é costume por os mortos para que nos não importunem. O nome do sítio já me esqueceu, mas isso nada

importa. Muito mais que saber onde estás, quero tornar a vêr-te outra vez e para sempre, vestida de farrapos como arminhos, os pés emborrallhados na areia fina dos rios. Vejo-te na minha frente... Ouço-te contar dos dias verdes que passaste numa aldeia, das horas apagadas a correr de monte a monte, olhando a sizudez profunda duns pinheiros, escutas ao redor das casas, vindos da beira mar; tinham uma densa côr de azeitona moça, e o ar errante de quem levou os anos vendo a mudança etérna da mesma água. Olhando-os assim, agrupados, taciturnos, a rama nervosa como o baloiçar cadente das ondas, tua vã cabeça de cidadina figurava-os assombrados na admiração da terra em volta. Continua a rir e rasga com riso a fala que me esmagou a vontade, a razão, e fez de mim o que ora sou. Surpreendo-me às noites, pensando que só eu existo crente em tua vida e todos os mais te julgam morta; então, a dúvida que a filosofia me deixou — porque antes de te conhecer lia filósofos — lembra-me o senso comum, e desenhosca do charco onde vive o corpo enorme que todo me abraça. Lutamos ambos e ao princípio a tua fuga inexplicável quebra-me as forças, sinto o crâneo entalado entre dois rochedos que se apertam,

TRECHO DUMA ELEGIA

lutamos ambos, consigo vencê-la, mas depois, bem no fundo do coração, braceja mais á larga o mal de viver que connosco nasce e não sei se morreu contigo. Enganei-me, tu não morreste. Mas que seria então feito de ti? Não voltou mais uma das tuas enormes cartas sem gramática, feitas de nervos partidos nã ância de os prender aos meus, e nunca mais, nunca mais soube de ti. Tenho-me horror, e a doidice do pensamento não se me cura em coletes de doidos, mas ando, ando até que um dia o deixo á larga. E nesse dia... ai, nesse dia tu verás o que vai ser... Não me lembra nada. Aspiraram-me da cabeça o cérebro inteiro e cá dentro uma cova existe. Que pesadelo! Em noites de chuva tenho a impressão que ali, onde o cérebro se enros-

cava, te sepultaram, quebrando-te os ossos para caberes, esmagando-te a carne para te amoldares. E assim, ridículamente monstruoso, giro, corro mundo e ninguém me vê, porque nunca se viu no mundo um homem que traga um morto na cabeça. Já me não importa o que outros digam. Aprendi a chorar afinando a voz pelo som das tuas gargalhadas e já me não importa o que outros dizem. E' assim desde ha vinte anos. Mas quando êles afirmam que morreste, eu, que te trago em carne viva dentro do crâneo, quero rir, escancarar a boca fulminando-os á gargalhada, e sinto que as lágrimas me cantam pela face na cadencia mais soluçada do teu riso!...

M. C.

:: CRÍTICA ::

GUERRA JUNQUEIRO

Agora, um pouco em distância, refreado o primeiro impulso e refeito do espanto, mais como motivo duma homenagem do que com intuitos de desafronta, e sciente de que a minha voz não chegará, senão como um éco, aos seus ouvidos, venho falar da

extranheza que me causou o ver reeditadas na *Seara Nova*, pelo sr. Proença, numa vulgar amálgama de inteligência e obsessão sectária, afirmações a respeito de Junqueiro do estôfo doutras anteriores, essas, ao menos, com o rótulo de jornalismo católico. Ora a verdade — que também pretendo servir — não

se me afigura, decerto, no incenso idólatra do vulgo, no contágio panegirista, mas não está, também, *nesse mínimo a favor de Junqueiro*, que o sr. Proença ostensivamente nos impinge com o manto da justiça, nascido naturalmente, talvez, como reacção, contrária e igual, contra aquela corrente de desmedido louvôr, — *mínimo* equivalente ao que o autor do citado jornalismo, com toda a sua reprovada estreiteza, lhe concede! A verdade antes deve estar na média entre as duas correntes.

Diz o sr. Raul Proença que não exige de Junqueiro « o pensamento rigorosamente organizado dum filósofo, metódico, exaustivo ... ». Mas quem é que exige tal dum grande poeta! Êles são quando muito grandes fontes inspiradoras, mundos nebulosos que outros depois aclaram e precisam, adaptam e reproduzem. Isto pelo que respeita ao espírito geral das suas afirmações, vamos agora a um ou outro detalhe. E assim, porque é que o sr. Proença, — que dá à crítica tão grande ascendência, a qual, por sua própria natureza, se dirige ao pensamento concretamente consciente, objectivo — apetrecha o arsenal guerreiro contra Junqueiro com o último projectil da « emoção dos grandes poetas torturados », sabendo que o efeito daquela se atenua, quando não esbarra, contra essa emoção torturada, sôbretudo no seu character fisiológico? Pelo contrário, é nos poetas de 2.^a classe, para onde relega Junqueiro, que ela existe, assim como todo êsse tormento de plasticisação, toda essa

intelectualidade adquirida e coordenação por acréscimo, tendo-se de abstrair de tudo isso quando — a força ingénita prevalecendo — se materializa em pura chama espiritual, como em Antero. ou se reveste da divina e genial serenidade, constante equilíbrio, e confiança da própria visão, — não mera facilidade verbal! — como em Junqueiro.

E sendo, como deve ser, de simplificação o nosso processo, porque è que, tratando-se dum poeta, vem trazer à liça, sem precisão nenhuma, prosadores para cotejo. É falsear as verdadeiras bases dos confrontos, é diluir as barreiras que separam os géneros para dar lugar a uma mancha alastrante e confusa.

E a sua definição dos *Simples*: « O Só numa camisa de forças »?! Imagem sedutora, que Wilde subserveria, mas que um crítico, antepondo as ideias à arte, deve banir por faltar à realidade, pelo menos, na essência!

Podemos aferir o prisma da sua justiça pelo modo como se refere à Introdução da *Morte de D. João*: — *trovejar de lata*. ¿ Porque não lhe chamou trovejar de oiro e bronze, que ainda assim, ficaria trovejar? Trechos conheço eu lá que — dentro da poesia da escola, é claro — igualam os mais belos versos de Vitor Hugo e serão *legíveis* muitos séculos para além do que o serão as melhores poesias de Gomes Leal, no qual se acentuaram os defeitos de Junqueiro. Por muito que lhe custe, sr. Proença, mostrando-se a princípio com tendências equi-

libristas, sempre vem a resvalar pelo plano inclinado da parcialidade, enjaulando-se inconscientemente no critério sistemático e seco das suas opiniões.

Também Tolstoi atribuiu o renome shakspereano a snobismo literário!...

É triste, ainda sob a impressão que a sua morte, perspectivando-o, nos causou, ver ferir Junqueiro com as mesmas marteladas soturnas de quem tenta desfazer um Sonho .



LABAREDA, REVISTA

Colorida e quente, sem que por isso deixasse de renascer das cinzas que ficaram do que outros antes dela sentiram, chegou-nos, do Porto, a LABAREDA, revista que, portanto, não resulta senão da sêde indefinida mas ardente que dentro de todos existe, e que cada um exprime como pode, fora de programas ou de seita.

Abre êste 1.º número um belo e clássico soneto de Campos Monteiro, uma lenda de *Flos Sanctorum* da pureza primitiva dos mártires, levados no desmoronar sonoro do paganismo agonizante.

Vem a seguir, de Horácio de Castro Guimarães, bem construída e numa prosa que só prejudica o deslize intermitente de ladainha, a narrativa dum suposto mendigo, no momento em que tomba no areal, deslumbrado ante o mar, de que nascera longe, com o qual o seu sangue tem afinidades de ritmo e de destino...

No *Poêma da Luz*, Luiz Veiga

encontra pretexto para um pedaço de prosa simples, bem nuançada, contudo, aqui e além, pela observação do seu espírito moderno e pelas exigências do seu ecletismo inteligente.

Celestino Gomes sugere-nos uma *Visão Judaica*, em que num ambiente que o sonho quasi imponderalisa, embalado, de longe, pelos arômas vegetais e seivas vivas, um rei, num desvario iluminado de volúpia, esquece a submissão devida ao Deus absoluto...

Fecha o que de melhor por lá encontramos a «Canção da noite presaga» do autor da *Magnólia*, Alexandre Córdova, reminiscência, numa reversão inesperada, do terror ancestral da noite velha.



A SAUDADE DO MAR

: : : : : POR ALBERTO SERPA,
1.ª DA NOVELA DA BEIRA-MAR

Poisada entre o oceano e a ria, uma aldeia, em que vinca a diferença de tragédia entre pescadores e moliceiros, a desigualdade de côr entre o mar e a ria: eis o cenário desta novela, ou, antes, pedaços duma novela.

E para mim sempre tiveram encanto êsses esboços episódicos, sem um principio e um fim bem definidos, e para os quais se passa quási sem se dar por isso da mancha pictural que os envolve, tal é a sua identificação com ela, tão natural decorre a transição.

A. d'A.

A RESSURREIÇÃO

ROMANCE, POR MANUEL RIBEIRO

— Clamaram um dia os jornais que fôra preso o sr Manuel Ribeiro, embora isto nada significasse. A' sua volta surgiu um forte movimento de protesto; eu não podia nem posso enfileirar nas forças vivas intelectuais que protestavam, mas como se tratasse dum escritor gosando *legalmente* as delicias dum repouso sombrio, tendo mesmo o aspecto atraente de achar mau êste péssimo e actual estado de vida, juntei o meu protesto ao dos outros, na medida exígua de minhas forças: comprando um livro seu. Não sei qual destas qualidades de manifestação lhe foi mais agradável, mas conservo a vaidade de supor que a minha lhe não foi por completo inútil. Achei essa velha prisão de tal forma injusta que ainda agora protesto: comprei o ultimo livro do sr. Manuel Ribeiro. Li-o, e por ninguém perder com isso, direi um pouco do que a leitura me sugeriu. Não será crítica, nem coisa parecida: são notas, apontamentos, quási como ficaram nas páginas do livro, é falar, como lá dizem. Neles se não contem coisa que possa ofender as susceptibilidades e preferencias dos que lerem, nem tão pouco certos escritores perdem o talento ou sofrem desgaste na consagração, por um homem (creio bem que sou o único ..) duvidar de seu talento, achar de fãncaria sua consagração. Deve ser a minha voz como a dos que clamam no deserto, e destas a única que teve eco foi a do Baptista.

Dos supraditos escritores não há número de pouca monta entre a raridade dos nossos literatos: João Grave, Antero de Figueiredo, Manuel Ribeiro . . . uns que às lindas e extraordinárias figuras dos cronistas medievais foram buscar fama á sombra da qual fazem toda a casta de obras reles, outros que em livros de arte, exegese e liturgia católica, ceifam o trigo de seus romances. Bem longe de mim insurgir-me contra a difusão de certos nomes, tomara eu que todos os portugueses conhecessem todos os escritores nacionais, mudando-lhes este ambiente de asfixia em atmosfera tépida e serena.

Nem Malheiro Dias, nem Aquilino, nem Raul Brandão têm com seus livros o exito que acolhe os do sr. Manuel Ribeiro. Simplesmente porque os dêsses são inferiores, não correspondem a momento social que interesse — dirão. Peço desculpa, mas o caso não é assim, nem é por aí que o gato vai às filhizes, falando ao sabor do povo. O lugar que o sr. Manuel Ribeiro hoje disfruta na classe dos nossos homens de letras, confessemos, não é a natural consequência da sua arte e do valor dos seus romances. E', na grande parte, filiado em causas mais terrenas e por certo mais eficazes e vêm a ser: as girândolas de foguetes do sr. Fernando de Souza, que começaram por ser namoro e convite á valsa para terminar no discurso de boas vindas a um renegado; principalmente, o ruido feito á volta dum anarquista dito de talento numa terra em que os revolu-

cionários só conhecem as combinações do ácido nítrico e a côr dos livros de Kropotkine; o interesse amargo dos operários em observar como lhes fugia um camarada quando tantos precisavam com mais sciência do que fazer bombas; o regosijo de católicos e conservadores em abraçar quem vinha para eles desensacando à pressa os rolos de rastilho e as ideias vermelhas. Depois, aquela prisão veio mesmo a tempo e sei lá quantos seguiram o meu protesto . Hoje o sr. Manuel Ribeiro é um consagrado para o efeito das notícias do jornal e da venda de exemplares aos mil e ninguem lhe tira já essa expansão, nem a êle nem ao sr. Antero de Figueiredo. Por isso e mais é que eu estou caíndo em feio delicto de mau gosto desenrolando estas linhas de alinhavar, e nada me admira se amanhã se disser que elas são mais uma prova do valor que eu tento mostrar falso. Tanto se me dá; pois não é verdade que cada um compra do que gosta? .

No fim de contas *A Ressurreição*, não é nada do que parece; não é o tolstoiano acordar para uma vida que só se vive em ância, nem a Ressurreição de Cristo em manhã de sábado, quando o Anjo anunciou às mulheres a boa nova: — «venite et videte locum, ubi positus erat Dominus.» — Anuncia-se o fecho de uma trilogia social e daí vem encerrar-se por duas faces diversas: a das ideias e a da literatura. O primeiro aspecto é, talvez, o de mais interesse, mas levava-nos longe e por mau caminho. Trata-se aqui,

pois, unicamente do verniz literário do romance e de bem pouco se trata, afinal. Começa êste por destoar logo na capa: um livro de aleluia tendo ciprestes por ornato e ao fundo, poisada na terra, uma gaiolinha de grilos. Dêntro não ha o que literariamente se chama estilo, isto é, um modo pessoal e artistico de escrever. E não ha porque só emprestado o autor conseguiria arranjá-lo. A sua prosa é a de todo aquele que não faz verso nem prosa, e mais miudamente vê-se que é uma miscelanea de artigo jornalístico, com vagas lembranças de Eça e Herculano, sem liame. E era só o estilo que poderia salvar o livro, já que a acção desaparece, e as figuras giram á matroca, embicando umas nas outras; todas elas são pretextos para discursos, não têm sombra de vida ou naturalidade, não andam, movem-se como manequins, não falam, declamam lições. Tão frágil é sua pretensa acção que logo se abafa ao surgir um temasinho de arte ou história religiosa, porque o sr. Manuel Ribeiro é duma erudição feroz e tão bem aproveita as ocasiões que Luciano e Don Lourenço nos surgem nas ruínas augustas do Coliseu, papagueando um confrangedor tema de manual escolar com pergunta e resposta! A passagem do architecto em Roma devia, naturalmente, ser descrita por forma a arrancar efeitos da renovação evangélica, da vida fêbril da cidade, da sombra vaga que o passado lhe vincou; e tudo isto se restringe ao lado da pintura oleográfica de quanto monumento nos almanaques e pos-

tais se reproduzem a côres. Há períodos em que a rima vence, períodos que parecem de surdo ou de principiante. Ha scenas e episódios duma falta de técnica absoluta, como a da igreja da Mouraria vendo objectos sequestrados á lei, e em que o manto nas costas daquela condessa que andava nas bocas do mundo lembra logo outra scena igual do Eça entre padre Amaró e sua amante, na sacristia; não sei mesmo se será absolutamente ortodoxa a comparação da Igreja àquela madama viuva e andari-lha, sentada ridiculamente num cadeiral, aos hombros vestes eclesiásticas, frente ao sorriso do poeta, e á admiração de Luciano. Confesso ainda que não descubro ligação alguma entre a figura do architecto do «Deserto» e da «Catedral» e esta figura androgina que vai para Roma já convertido e de lá volta unicamente com a fé que levava. Só se *A Ressurreição* fôr a do Evangelho, prêgado em catacumbas onde as condessas quebram a espinhela. Mas essa abafou-a á nascença uma ordem da policia .

Efeitos ha que são desaproveitados com triste inhabilidade: a pregação subterrânea, a luta moral que um homem caído neste meio sentiria, a evolução que fatalmente no espirito de Luciano se devia dar, pois

se impressionara com menos no «Deserto» e na «Catedral».

Não acabam aqui as notas escritas ao correr da leitura, mas acabou-se-me a paciência de as transcrever. Finalmente, chega a concluir-se que o sr. Manuel Ribeiro é uma sensibilidade frágil e impressionável, foi para o catolicismo, ao que parece, como tinha ido para o anarquismo: por sentimento. E' o que se depreende da leitura conjunta da *Ressurreição*, e de *Na linha de fogo*. Deslumbrou-o primeiro a sociedade futura a construir com beleza moral e sêde de justiça; atraiu-o depois o ouro, as rendas, as estátuas, os cânticos, o paganismo do cristianismo. Um vento cheirando a cêra bafejou-lhe um livro e Luciano ou o sr. Manuel Ribeiro, como prefiram chamar-lhe, deitou a terra a capela construída por sindicalistas e em estilo gótico, foi á Espanha vêr o córte dos hábitos religiosos neste século e fez outro livro. Tinha prometido uma trilogia e por isso faltava um; fê-lo em Roma e de Roma. Tudo está muito bem, e nenhum de nós tem nada com isso, mas sempre lhes digo que me lembrou com pena, ao ver as múltiplas edições do sr. Manuel Ribeiro, que não consegui ainda arranjar uma edição aceitável de Fernão Lopes ou de Barros .

M. C.

CASA DOS LANIFICIOS

Completo sortimento
em fazendas
próprias para fatos
de homem,
senhora e creança.

Tem em depósito o mais
variado sortido
das fazendas da Fábrica
de Santa Clara.

ANTONIO SOUZA

108, R. FERREIRA BORGES, 110
COIMBRA

GRANDIOSA COLECCÃO

DE

Lanificios da FÁBRICA DE SANTA CLARA

A melhor fabricação nacional
rivalizando com as melhores fábricas do estrangeiro

CASA DAS LÃS

ESTABELECIMENTO DE MERCADOR

67, Rua Visconde da Luz, 69

AUGUSTO LOPES

TELEFONE 640

*Enviam-se amostras e encomendas
contra reembolso*

ESPIGARDARIA CENTRAL

AMANDIO DA COSTA NEVES

Tele { fone n.º 604-105 - Rua Visconde da Luz - 111
grs. ESPIGARDA

COIMBRA



PARAISO, PEREIRA & C.^A

Avenida Sá da Bandeira, 7 a 13 e 42 a 48

COIMBRA

Telefone 512 | Telegramas WIZARD

Vendem material para instalações

DE

LUZ WIZARD.

ELECTRICIDADE.

ÁGUA-GAZ.

SANITARIAS.

Tubagem - Azulejos

Ladrilhos - Lavatórios

Retretes - Manilhas

Grande sortido de móveis de ferro e colchoaria. Fazem-se ornamentos para mobiliários completos. Responsabilidade efectiva pelo perfeito acabamento de qualquer mobília.

A LUZITANA

JOAQUIM CRISOSTOMO & GUEDES, L.^{DA}

ARMADOR ESTOFADOR

OFICINAS: LARGO DAS AMEIAS, 12, 13 e 14

Fazem-se Estofos, Sanefas, Reposteiros e Estores bordados

CASAS DE VENDA E EXPOSIÇÃO:

Rua de Quebra Costas, 2

Rua Fernandes Tomás, 1 a 11

Magnifico sortido de móveis de ferro e madeira, colchoaria, estofos, oleados, tapetes, brises, jutas e panos de mesa.

FERNANDES-THOMAZ & MIRANDA

COMISSÕES — CONSIGNAÇÕES
REPRESENTAÇÕES

ESCRITÓRIO
R. DIREITA, 10-1.º

COIMBRA
(PORTUGAL)

ESPECIALIDADE
EM CALÇADO
PARA NOIVAS

SAPATARIA

A ELEGANCIA DE COIMBRA

TELEFONE
N.º 114

MANUEL TEIXEIRA

Sucessor

José Vieira Narciso

Nesta sapataria executa-se
com brevidade e perfeição,
calçado de todas as qualidades
para homem, senhora e oriança,
por preços convidativos.

◆ ◆ ◆
Rua Cândido dos Reis, 6 a 12

: IMPRENSA ACADEMICA : : :

: : : : : COIMBRA : :

